

Projeto Pedagógico Curso de Educação Física

Ibirité

2022

(Atualizado em junho de 2025)

ESTRUTURA ADMINISTRATIVA DA UEMG

REITORA

Lavínia Rosa Rodrigues

VICE-REITOR

Thiago Torres Costa Pereira

PRÓ-REITORA DE GRADUAÇÃO

Michelle Gonçalves Rodrigues

DIRETORA DA UNIDADE ACADÊMICA

Camila Jardim de Meira

VICE-DIRETOR (A) DA UNIDADE ACADÊMICA

Marilene Pereira de Oliveira

COORDENADORA DO CURSO

Sheylazarth Presciliana Ribeiro

VICE-COORDENADORA DO CURSO

Carla Augusta Nogueira Lima e Santos

COMISSÕES DE CONSTRUÇÃO DO PROJETO PEDAGÓGICO DO CURSO DE EDUCAÇÃO FÍSICA DA UNIDADE IBIRITÉ/UEMG

Núcleo Docente Estruturante do curso de Educação Física 2019/2020/2021

1º Semestre de 2020

Presidenta: Sheylazarth Presciliana Ribeiro,
Membro titular: Agnaldo Antônio da Silva,
Membro titular: Camila Cristina Fonseca Bicalho,
Membro titular: Carla Augusta Nogueira Lima e Santos,
Membro titular: Diogo Rodrigues Puchta,
Membro titular: Fernanda Abbatepietro
Novaes, Membro titular: Paola Luzia
Gomes Prudente.

2020/2021

Presidenta: Paola Luzia Gomes Prudente,
Membro titular: Agnaldo Antônio da Silva,
Membro titular: Camila Cristina Fonseca Bicalho,
Membro titular: Carla Augusta Nogueira Lima e Santos,
Membro titular: Diogo Rodrigues Puchta,
Membro titular: Fernanda Abbatepietro
Novaes,
Membro titular: Sheylazarth Presciliana Ribeiro.

2021

Presidenta: Paola Luzia Gomes Prudente,
Membro titular: Carla Augusta Nogueira Lima e Santos,
Membro titular: Fernanda Abbatepietro Novaes,
Membro titular: Roberto Camargos Malcher Kanitz,
Membro titular: Sheylazarth Presciliana Ribeiro.

**Comissão de Coordenação da Revisão e Acompanhamento Curricular do
curso de Educação Física (julho/2021)**

Agnaldo Antônio da Silva,
Beatriz Magalhães Pereira,
Camila Cristina Fonseca Bicalho,
Carla Augusta Nogueira Lima e Santos,
Cassia Danielle Monteiro Dias Lima,
Diogo Rodrigues Puchta,
Fernanda Abbatepietro Novaes,
Paola Luzia Gomes Prudente,
Patric Paludett Flores,
Roberto Camargos Malcher Kanitz,
Sheylazarth Presciliana Ribeiro.

Professores colaboradores para a escrita do PPC do curso de Educação Física (julho/agosto/2021)

Prof. André de Assis Lauria,
Prof. Bruno Costa Teixeira,
Prof^a Juliana Bohnen Guimarães,
Prof. Luciano Silveira Coelho,
Prof^a Marina Guedes Costa e Silva,
Prof. Marcos Gonçalves Maciel.

DADOS DE IDENTIFICAÇÃO DA UNIVERSIDADE

Instituição de Ensino Superior: Universidade do Estado de Minas Gerais

Natureza jurídica: Autarquia Estadual

Representante legal – Reitora: Lavínia Rosa Rodrigues

Endereço da sede e Reitoria: Rodovia Papa João Paulo II, 4143 - Ed. Minas
- 8º andar - Cidade Administrativa Presidente Tancredo Neves - Bairro Serra
Verde - Belo Horizonte - MG - CEP: 31.630-900 - Tel: +55 (31) 3916-0471.

CNPJ: 65.172.579/0001-15

Ato de criação: Art.81 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias da
Constituição Mineira de 1989.

Ato regulatório de credenciamento: Lei Estadual 11539 de 23 de julho de
1994.

Ato regulatório de credenciamento: Resolução SEDECTES nº 59 de
28/08/2018, publicada em 30/08/2018.

Ato regulatório de credenciamento para oferta de cursos a distância:
Portaria nº 1402 de 06/11/2017, publicado em 07/11/2017.

DADOS DE IDENTIFICAÇÃO DO CURSO

Instituição de Ensino Superior: Universidade do Estado de Minas Gerais

Unidade Acadêmica: Ibirité **Esfera administrativa:** Estadual

Curso: Educação Física

Modalidade do curso: Licenciatura e Bacharelado

Turnos de funcionamento: Diurno e Noturno

Tempo de integralização do curso:

- **Mínimo:** 10 semestres

- **Máximo:** 15 semestres

Número de vagas autorizadas: 160 vagas (40 vagas para o turno diurno no 1º

Semestre, 40 vagas para o turno noturno no 1º Semestre, 40 vagas para o turno diurno no 2º Semestre e 40 vagas para o turno noturno no 2º Semestre). **Carga**

horária total do curso: 4980 horas

Formas de ingresso: Exame Nacional de Ensino Médio (Enem), Sistema de seleção unificado - SISU, transferência e obtenção de novo título.

Semestre letivo: Composto por 18 (dezoito) semanas com até 6 (seis) dias letivos por semana e carga horária semanal de 20hs/relógio

Início de funcionamento: Fevereiro de 2003

Ato legal de autorização do curso: Decreto Estadual Nº 41.733 de 25 de junho de 2001

Ato legal de renovação de reconhecimento: Resolução SEDECTES nº 27 de 28/02/2018, publicada em 06/03/2018.

Município de implantação: Ibirité

Endereço de funcionamento do curso: Av. São Paulo, 3996, Vila Rosário, Ibirité, Minas Gerais.

SUMÁRIO

1	APRESENTAÇÃO	9
2	CONTEXTUALIZAÇÃO	12
2.1	JUSTIFICATIVA DO CURSO	17
3	ORGANIZAÇÃO DIDÁTICO-PEDAGÓGICA	21
3.1	CONCEPÇÃO DO CURSO	21
3.2	OBJETIVOS DO CURSO	24
3.2.1	<i>OBJETIVOS ESPECÍFICOS</i>	<i>25</i>
3.3	PERFIL DO EGRESSO	27
4	ORGANIZAÇÃO CURRICULAR	31
4.1	ETAPA COMUM / NÚCLEO BÁSICO	32
4.2	ETAPA ESPECÍFICA.....	33
4.3	EIXOS DA ORGANIZAÇÃO CURRICULAR.....	34
4.3.1	<i>CONHECIMENTOS FUNDANTES.....</i>	<i>35</i>
4.3.2	<i>CONHECIMENTOS TÉCNICOS-INSTRUMENTAIS E DIDÁTICOS PEDAGÓGICOS.....</i>	<i>35</i>
4.3.3	<i>PRÁTICA DOCENTE.....</i>	<i>36</i>
4.3.4	<i>CONHECIMENTOS CIENTÍFICOS</i>	<i>36</i>
4.4	ARTICULAÇÃO ENTRE PESQUISA, ENSINO E EXTENSÃO	37
4.5	DISCIPLINAS CURRICULARES	38
4.6	ESTUDOS INTEGRADORES.....	41
4.7	ESTÁGIO CURRICULAR SUPERVISIONADO	42
4.7.1	<i>ESTÁGIO CURRICULAR SUPERVISIONADO ESCOLAR.....</i>	<i>44</i>
4.7.2	<i>ESTÁGIO CURRICULAR SUPERVISIONADO NÃO ESCOLAR.....</i>	<i>49</i>
4.7.3	<i>ESTÁGIO CURRICULAR SUPERVISIONADO INTEGRADO</i>	<i>52</i>
4.8	ATIVIDADES INTEGRADORAS OU PRÁTICAS COMO COMPONENTES CURRICULARES / PRÁTICA DE FORMAÇÃO	53
4.9	TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO.....	59
4.10	EXTENSÃO COMO COMPONENTE CURRICULAR.....	60
4.11	ESTRUTURA CURRICULAR	63
4.12	EMENTAS DAS DISCIPLINAS OBRIGATÓRIAS	73
4.13	DISCIPLINAS OPTATIVAS	128

4.14	EMENTAS	DAS	DISCIPLINAS	129
	OPTATIVAS.....			
5	METODOLOGIA		DE	147
	ENSINO			
6	AVALIAÇÃO	DE	DESEMPENHO	167
	DISCENTE			
7	ATENDIMENTO AO ESTUDANTE			170
8	NÚCLEO DOCENTE ESTRUTURANTE			171
9	COLEGIADO		DE	170
	CURSO			
10	INFRAESTRUTURA			175
	REFERÊNCIAS.....			190
	ANEXOS			200

1. APRESENTAÇÃO

O campo da Educação Física reúne diversos saberes relativos ao corpo: no exercício, nas práticas de divertimento e de lazer, na preparação e no treinamento de atletas, nos diversos níveis de condições físicas e psicológicas, nas práticas organizadas, nos inúmeros projetos sociais e, especialmente, no conjunto de saberes que mobilizam e organizam sua intervenção nos diversos espaços educativos que compõem o grande campo da Educação Física.

O grupo de professores e professoras da Universidade do Estado de Minas Gerais – Unidade Ibirité construíram, coletivamente, um Projeto Pedagógico de Curso (PPC) pensando em uma formação ampliada, arquitetado em sintonia com as últimas diretrizes para os cursos de formação em Educação Física e para os cursos de formação de professores e se insere no movimento de atendimento a um conjunto de demandas crescentes, acerca da presença do professor de Educação Física em diferentes espaços e ambientes educativos na cidade de Ibirité, bem como em toda a região metropolitana de Belo Horizonte.

Este texto pretende apresentar o percurso de construção deste projeto frente à necessidade de adequação à Resolução CNE/CES nº 6/2018, que institui as novas Diretrizes Curriculares Nacionais dos Cursos de Graduação em Educação Física (DCNEF) e à Resolução CNE/CP nº 2, de 20 de dezembro de 2019 que define as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação Inicial de Professores para a Educação Básica.

Para a construção do novo PPC, foram tomados os seguintes encaminhamentos:

1. Estudo de alguns modelos elaborados por instituições públicas que estruturaram os seus cursos de Educação Física na perspectiva ampliada de formação;
2. Proposição de uma assembleia docente que aprofundasse a discussão e consolidasse a decisão de ampliação de formação enquanto coletivo de professores;
3. Estudos das possibilidades de aplicação da formação ampliada para o curso de Educação Física considerando uma consulta às/aos estudantes e aos pareceres balizadores da área;
4. Elaboração da proposta. Inicialmente, tomamos como referência as propostas elaboradas pelas seguintes universidades: Universidade do Estado do Mato Grosso (UNEMAT); Universidade do Estado da Bahia (UNEBA); Universidade do Estado de Minas Gerais unidade de Ituiutaba (UEMG-Ituiutaba). Respaldamo-nos também nos pareceres específicos do CNE em resposta à questionamentos feitos pelas seguintes instituições: Universidade Federal de Uberlândia; Universidade Federal de Goiás, Universidade Federal de Pernambuco e Secretaria de Regulação e Supervisão da Educação Superior-DF.

As ações aqui descritas foram discutidas no âmbito do Núcleo Docente Estruturante (NDE) do curso e foram fundamentais para alcançarmos um denominador comum entre os/as docentes. No intuito de ampliar a decisão e considerando a perspectiva democrática do curso, as propostas também foram discutidas em assembleia docente.

Paralelamente, foi feita uma consulta às/aos estudantes egressos/as buscando mapear as demandas e locais de suas atuações profissionais. Com os/as estudantes matriculados/as no curso foi investigado suas aspirações e concepções sobre a formação na Educação Física. As discussões foram construídas, portanto, a partir do olhar dos/as professores/as e estudantes deste curso e estruturadas conforme as resoluções que regulamentam atualmente os cursos de Educação Física.

A partir dessas discussões e consultas ficou decidido que o NDE seguiria uma proposta de um curso de Educação Física de caráter ampliado, que contemplasse a formação com duplo apostilamento, licenciatura e bacharelado, com: entrada e Projeto Pedagógico único contendo etapa comum básica; etapa específica (núcleo específico da licenciatura, núcleo específico do bacharelado e núcleo integrado). Vale ressaltar que o Artigo 30º das DCNEF destaca a autonomia da instituição e a possibilidade de adequação do Projeto Pedagógico de Curso às concepções do coletivo, como destacado no § 3º: “A integração entre as áreas específicas dependerá de procedimento próprio e da organização curricular instrucional de cada IES, sendo vedada a eliminação de tema ou conteúdos relativos a cada uma das áreas específicas indicadas”.

Sabemos, que o tamanho do nosso olhar define o tamanho da nossa atuação, e com essa perspectiva construímos nossa proposta de formação ampliada em Educação Física. A partir dela pretendemos dar subsídios para uma atuação profissional, que considere o diagnóstico da realidade e a escuta aos sujeitos envolvidos. Afinal, entendemos que a atuação profissional em Educação Física deve contemplar as dimensões sociais, biológicas, históricas, psicológicas e culturais, na educação básica e/ou na realização de funções como: coordenar projetos e equipes; prescrever treinamentos e elaborar programas; implementar e avaliar projetos que visam contribuir com a formação cultural e social, bem como com a promoção da saúde dos sujeitos.

2 CONTEXTUALIZAÇÃO

Narrar a história da UEMG-Unidade Ibirité requer conhecer mais detidamente o processo de constituição da Fundação Helena Antipoff. Para tanto, faz-se necessário apurar o olhar para as ações encabeçadas pela educadora e psicóloga Helena Antipoff¹ (1892-1974) que veio para o Brasil em 1929. Atendendo a um convite do governo do Estado de Minas Gerais, Antipoff tinha como principal atribuição colaborar na implementação da Reforma Francisco Campos, que visava remodelar o sistema de ensino brasileiro (CAMPOS, 2003). Naquele período, final da década de 1920, atribuía-se grande ênfase às contribuições da psicologia para a melhoria da educação nacional, logo Antipoff, com sua formação e atuação profissional no Instituto Jean-Jacques Rousseau em Genebra, era uma especialista no assunto. Deste modo, foi requerida como importante também para a implementação do Laboratório de Psicologia da Escola de Aperfeiçoamento. Esta era uma Instituição recém-inaugurada em Belo Horizonte, na qual Antipoff teria por função desenvolver pesquisas sobre a psicologia da educação e, desse modo, fomentar ações mais diretivas em prol da implementação da Reforma Francisco Campos em Minas Gerais. Nessa Escola de Aperfeiçoamento, Antipoff foi também professora da cadeira de Psicologia (KULESZA, 2019).

Com o objetivo de tornar mais estreita a relação entre as pesquisas que desenvolvia nesse o Laboratório e o atendimento às crianças que eram excluídas do sistema de ensino, Antipoff liderou a criação da Sociedade Pestalozzi na capital mineira, no início dos anos de 1930, contando com o auxílio de médicos, religiosos e educadores (CAMPOS, 2003). Na década de 1940, a Sociedade Pestalozzi se estabelece no distrito de Ibirité – ainda uma

¹ Helena Antipoff nasceu em 1892 em Grodno, na Rússia. No ano de 1908 muda-se na companhia de sua mãe para Paris, onde frequentou seminários em renomadas instituições de ensino. Sua formação em Genebra ocorreu entre 1912 e 1916, obtendo os diplomas de psicóloga e especialista em Psicologia da Educação pelo *Institut des Sciences de l'Education Jean-Jacques Rousseau*. Nesta Instituição, foi orientada por Edouard Claparède. Posteriormente entre 1925 e 1928 Antipoff trabalhou como assistente de pesquisa e professora neste Instituto. No Brasil, além do cargo na Escola de Aperfeiçoamento, da criação e da atuação na Sociedade Pestalozzi, foi professora da Faculdade de Filosofia, Ciência e Letras da Universidade de Minas Gerais. A educadora e psicóloga faleceu em 09 de agosto de 1974, sendo sepultada no Cemitério do Canal, localizado ao lado da Fundação Helena Antipoff. Para mais detalhes ver estudos de Campos (2003); Pincer (2008); Pinho (2009).

Vila, pertencente ao município de Betim – instalando-se em um terreno que recebeu a alcunha de Fazenda do Rosário. Tinha como principal função “educar e reeducar crianças excepcionais ou abandonadas utilizando os métodos da Escola Ativa” (CAMPOS, 2003, p. 222). Inicia-se uma longa trajetória de Antipoff nessa região rural, em que muitas ações foram realizadas visando a formação de professoras/professores e o atendimento a crianças marginalizadas.

Já no início dos anos de 1950, amplia-se as ações educativas com a criação de diversas instituições, que compuseram o Complexo Educacional do Rosário. Dentre elas, temos o Ginásio Normal Oficial Rural, Instituição que ofertava cursos de aperfeiçoamento e treinamento para professoras/professores que atuavam em cidades do interior do Estado, especialmente em zonas rurais. Por meio das diferentes instituições criadas, recebia recursos financeiros do Governo do Estado para a manutenção de cursos, oficinas e eventos sociais que valorizavam a cultura local. Vale destacar que houve também apoio do Governo Federal por meio da Campanha Nacional de Educação Rural (PINCER, 2008; PINHO, 2009).

O Curso Normal Regional Rural foi deliberado pela Lei nº291, de novembro de 1948, com a objetivo de realizar o “treinamento intensivo de professores destinados a localidades rurais”². Iniciado no ano seguinte, em 1949, o Curso era dirigido por Helena Antipoff, que contava com o apoio do governador Milton Campos, do secretário da educação Abgar Renault e do presidente da Sociedade Pestalozzi de Minas Gerais, o educador Sandoval Soares de Azevedo. Provisoriamente, o curso foi instalado nas dependências da Fazenda do Rosário, logo se iniciariam as obras para a construção da sede própria (SILVA, 2017). Em 1951, por meio da Lei nº 842, determinou-se que o Curso se destinasse a formar regentes para escolas primárias das zonas rurais. Ainda, foi estabelecido que tal formação aconteceria no regime de internato e semi-

² Trecho do artigo 4º, da Lei nº291, de 1948. Disponível em <https://leisestaduais.com.br/mg/leiordinaria-n-291-1948-minas-gerais-cria-dois-estabelecimentos-de-ensino-normal>. Acessado no dia 10 de agosto de 2021, às 17:16h.

internato. O Curso recebeu em 1963 a designação de Ginásio Normal Rural Sandoval Soares de Azevedo.

Este Ginásio é considerado por Jinzenji, Luz e Campos (2017) como a primeira escola normal do estado mineiro direcionada a formação de professoras/professores para atuar no meio rural. A formação do professorado era orientada no sentido de ampliar o repertório cultural e científico, diminuindo os deslocamentos para os centros urbanos, incentivando que, após a formação, o docente permanecesse atuando em sua cidade de origem. Para tanto, Antipoff postulava uma educação integral, que aliava conhecimentos gerais e práticas científicas com a possibilidade criativa e a dimensão socioafetiva dos cursistas. Neste Curso, foi estabelecido um conjunto de normas e definidos horários para todas as atividades, visando o estabelecimento de uma rotina diária para os cursistas do Ginásio (ZIOTO, 2015; SOARES; RIBEIRO, 2017; RUFINO, 2017).

Outra Instituição responsável pelo adensamento dos investimentos na formação e qualificação do professorado foi criada em 1955. O Instituto Superior de Educação Rural (ISER), que se dedicava a formação de especialistas em ensino primário, também fazia parte do “Complexo do Rosário” e foi considerado “um órgão de ensino de nível superior, destino à pesquisa, orientação e especialização em assunto de Educação Rural” e integrado ao Centro Regional de Pesquisas Educacionais (CRPE). A partir do ano de 1956, os cursos de aperfeiçoamento, outrora ofertados pelo Ginásio Normal, foram transferidos para o ISER (PINHO, 2009).

Por meio do ISER eram ofertados: Curso Ginásial para adultos, Curso Pedagógico da Escola Unitária (vinculado a UNESCO), Curso de Educação Emendativa, Curso de Economia Doméstica e Puericultura; instalações para tratamento de saúde, granjinhas escolares e clubes agrícolas; e realizados “seminários, jornadas, mutirões, estágios, cursos para supervisores, inspetores e orientadores de ensino, cursos de treinamento e aperfeiçoamento para professores”, as Festas do Milho e da Colheita (PINCER, 2008, p. 48-49). Um

conjunto de princípios a serem desenvolvidos nos cursos e ações ofertadas no ISER foram propostos, que iam desde pesquisar as condições naturais e culturais da comunidade rural até “proporcionar o desenvolvimento físico, moral, cultural e material” desta comunidade, “oferecendo oportunidade a seus membros no sentido de levantar o padrão de vida dos mesmos”³.

Com as alterações nos dispositivos que legislavam e orientavam o sistema de ensino brasileiro, principalmente as Escolas Normais, o ISER também sofreu algumas modificações⁴. No ano de 1970, foi reconhecido como Fundação Estadual de Educação Rural “Helena Antipoff” (FEER), pertencente ao Sistema Educacional de Ensino. Esta Fundação prestava assessorias ao Conselho Estadual de Educação (PINCER, 2008) e tinha entre seus objetivos e atribuições: “b) formar, aperfeiçoar, especializar professores, administradores, orientadores e supervisores para as escolas primárias rurais, preservando sua integração ao meio [...] e) fundamentar a ação pedagógica nas peculiaridades das diversas regiões do Estado”⁵. O nome Fundação Helena Antipoff (FHA) passou a vigorar no ano de 1978, por meio da Lei nº 7.303, que também dispôs sobre a integração da Escola Estadual Sandoval Soares de Azevedo à FHA.

Entre as décadas de 1970 a 2000, esta Instituição continuou formando professoras/professores para atuar no magistério (nas primeiras quatro séries do ensino fundamental) e em diferentes frentes do trabalho pedagógico, bem como a desenvolver pesquisas e propostas que visassem o aprimoramento do processo educacional. Iniciativas que foram ganhando relevo e demandas para a criação de uma instituição que pudesse adequar, ampliar e tornar contínua a formação ofertada. Nessa direção, por meio do Decreto nº41.733 de 25 de junho de 2001, nas dependências da FHA, o Instituto Superior de Educação

³ Fonte: Caderno Pessoal Antipoff (p. 6-8). Centro de Documentação e Pesquisa Helena Antipoff (CDPHA/FHA), Ibirité (MG).

⁴ Vale destacar que os cursos do ISER deveriam ser organizados respeitando a Lei Orgânica do Ensino Normal (nº8.530, de 02 de janeiro de 1946). Tal Lei dispunha sobre a formação de regentes para o ensino primário e para a educação infantil.

⁵ Trechos do Artigo 4º, da Lei nº 5446, de 25 de maio de 1970. Disponível em: <https://leisestaduais.com.br/mg/lei-ordinaria-n-5446-1970-minas-gerais-autoriza-o-poder-executivo-ainstituir-a-fundacao-estadual-de-educacao-rural-helena-antipoff-feer-com-sede-no-municipio-de-ibirite>.

Acesso no dia 11 de agosto de 2021, às 17:48h.

Anísio Teixeira (ISEAT) teve seu funcionamento autorizado, passando a ofertar o Curso Normal Superior, voltado para a habilitação de professoras/professores para a Educação Infantil e as séries iniciais do ensino fundamental. No intervalo de seis anos, mais quatro licenciaturas foram inseridas, a saber: Educação Física (fevereiro de 2003), Matemática (dezembro de 2003), Ciências Biológicas (março de 2005) e Letras (abril de 2007). Tais cursos foram mantidos até meados de 2009 por meio do Centro de Pesquisas e Projetos Pedagógicos (CPPP), uma instituição particular conveniada à FHA.

A elaboração de um curso de licenciatura em Educação Física teve início ainda no ano de 2001. Em um primeiro momento, docentes que atuavam na Escola Estadual Sandoval Soares de Azevedo foram convidados a desenvolver uma proposta⁶. Já com o projeto aprovado, as primeiras turmas foram, então, recebidas no início do ano de 2003, sendo o Curso ofertado em dois turnos, matutino e noturno. De certo modo, dando continuidade ao propósito que mobilizava Helena Antipoff e outros sujeitos, o ISEAT constitui-se como um polo de licenciaturas, recebendo alunos e alunas de diferentes cidades, sobretudo originários de Ibirité e das cidades próximas.

Todavia, no início de 2009, o CPPP começa a não efetivar o pagamento das professoras/professores que compunham o ISEAT. Com o agravamento da situação, houve mobilização intensa que, por meio do movimento grevista, solicitou intervenção do Ministério Público. Por sua vez, o Estado de Minas Gerais propôs um acordo. Para concretização de tal acordo foi elaborado um Termo de Ajustamento de Conduta (TAC), no qual era necessária a assinatura de todas/todos trabalhadoras/trabalhadores, junto ao MP. Após a assinatura desse Termo, o CPPP foi extinto e todas as/os docentes vinculados ao ISEAT demitidos. Destarte, para o segundo semestre de 2009, um “novo curso” de Educação Física precisou ser forjado⁷. Mais tarde, no final do ano de 2013, fruto de uma construção coletiva, com a participação de inúmeros atores,

⁶ Destaca-se a participação da professora Aída Linhares Barboza na condução deste processo.

⁷ A trajetória do ISEAT e, mais especificamente, do Curso de Educação Física, entre 2001 e 2013 foi construída por meio da escuta e partilha das experiências do professor Agnaldo Antônio da Silva, que trabalhou na Instituição de 2003 a 2013 e hoje integra o corpo docente efetivo da UEMG/Unidade-Ibirité.

houve a transformação ISEAT em Unidade Acadêmica da Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG). Tal alteração, se deu por meio do Decreto nº46361, de 30 de novembro de 2013, e visava contribuir para a consolidação de uma Instituição que, no decorrer de toda sua trajetória, se constituiu como referência na formação de professores/professoras para a educação básica.

Em 2014, UEMG aderiu ao Sistema de Seleção Unificado do Governo Federal (SISU) com 50% das vagas ofertadas no processo seletivo anual para os seus cinco cursos de graduação. Já em 2016, o Projeto Pedagógico do Curso de Educação Física (PPC) foi reelaborado, visando responder a novos dispositivos legais e a aperfeiçoar a formação docente.

Agora, em 2021, uma nova reforma curricular se concretizou, oportunizando uma integração entre as áreas de atuação da trabalhadora/do trabalhador de Educação Física. O principal desafio tem sido construir um curso que ofereça uma formação de qualidade e, sobretudo, com a responsabilidade política e social de uma Universidade Pública em consonância com todas as exigências legais que são postas.

2.1 Justificativa do curso

A Universidade Pública apresenta-se como um importante patrimônio social, sendo caracterizada pela universalidade na produção de conhecimento e pela transmissão da experiência cultural e científica da sociedade. A condição básica para o desenvolvimento desta representatividade é sua capacidade de assegurar uma produção de conhecimento inovador e crítico, que respeite a diversidade e o pluralismo, contribuindo para a transformação da sociedade.

Um curso de Educação Física, nesta perspectiva, além de fortalecer as práticas docentes na escola, também pode oferecer oportunidades para a formação direcionada para outros espaços sociais. Desta maneira, segundo Bracht (1997), o movimentar-se pode ser entendido como uma forma de comunicação com o mundo que é constituinte e construtor de cultura. O que qualifica o

movimento enquanto humano é o sentido e o significado do mover-se, mediado simbolicamente colocando-o no plano da cultura. Sendo assim, nesse constante exercício de pensar e repensar práticas corporais em espaços educativos, forma-se o campo da Educação Física.

Todavia, esta atuação precisa ser problematizada constantemente por meio de projetos de pesquisa e de extensão. Um curso de Educação Física, oferecido por uma Universidade Pública, na região metropolitana de Belo Horizonte, possui fundamental relevância para que o conhecimento da área seja constantemente revisitado e problematizado, e para que se qualifiquem, na perspectiva da formação, docentes para atuarem nos diversos campos da Educação Física.

Um/uma professor/ professora bem formado/formada e consciente de sua função social pode alavancar mudanças significativas na comunidade onde atua e por isso o processo formativo deve priorizar a excelência no ensino, pesquisa, extensão e o constante diálogo com os campos de atuação. Tendo em vista que a diplomação é uma forma de ingresso no mercado de trabalho e, para alguns, uma alteração no status social, temos a responsabilidade de formar professores/professoras capazes de atuar com grupos distintos e minorias sociais, capazes de solidarizar com o outro e de se posicionar contrário a qualquer forma de preconceito e discriminação. Para tanto, é necessário que, ao longo do curso, os/as alunos/alunas tenham ciência da realidade que os espera nas diversas possibilidades de atuação profissional.

É crescente a procura pela formação na modalidade licenciatura em Educação Física pela UEMG/Unidade Ibirité. Esse fator aumenta a responsabilidade dessa instituição e, também legitima o trabalho realizado pelos docentes e demais servidores da UEMG/Unidade Ibirité. Frente a isso, referendamos a relevância de fortalecer os vínculos entre os diferentes espaços de formação, compreendo que a prática docente se faz em um lugar específico, na escola. Tempo/espaço de constituição, problematização e fortalecimento da cultura

profissional. Nesse sentido, nosso compromisso é de oferecer uma formação qualificada para a efetiva atuação na Educação Básica.

Entretanto, a partir de 2019, mesmo com esse curso fortalecido surge à necessidade de adequação curricular frente à Resolução CNE/CES nº 6/2018, que institui as novas Diretrizes Curriculares Nacionais dos Cursos de Graduação em Educação Física (DCNEF). O curso era oferecido em dois turnos, somando o total de 80 vagas de licenciatura a cada semestre.

Todavia, a implementação do bacharelado poderia implicar em uma inevitável perda no número de vagas oferecidas à licenciatura. Nesse sentido, havia um consenso entre o grupo de professores/as sobre a necessidade de defesa e fortalecimento da licenciatura, especialmente no cenário atual da Educação brasileira, em que as políticas educacionais se alinham cada vez mais à lógica neoliberal. O crescente sucateamento das escolas e Universidades Públicas, os sistemáticos ataques à figura do/a professor/a e o avanço do interesse de corporações privadas em setores da educação, são indícios do processo de mercantilização do ensino que está em curso no país.

Este cenário evidencia a importância das universidades públicas e seus cursos de licenciatura para um projeto de formação de professores/as comprometidos/as com os desafios de transformação da escola e da sociedade. Deste modo, abdicar da implementação do bacharelado em favor da manutenção das vagas para a licenciatura nos parecia coerente. Contudo, fomos desafiados/as a repensar esta posição, na medida em que oferecer o bacharelado contemplaria as demandas advindas dos/as estudantes, dos/as egressos/as, de uma parte do corpo docente e da própria instituição.

Tendo em vista que a formação oferecida era unicamente em licenciatura, foi preciso refletir cuidadosamente sobre as implicações de uma possível implementação do bacharelado. É neste contexto que a formação ampliada surge como uma possibilidade de garantir a formação de bacharéis que não

prescinda do compromisso com a docência e suas implicações sociais e políticas.

Partimos do entendimento de que a Educação Física se apresenta como área de conhecimento e de intervenção profissional responsável por inserir os sujeitos no universo da cultura corporal de movimento, de maneira que nele possam agir de forma autônoma e crítica (BRACHT, 2001). Na mesma direção, compreendemos que a Educação Física se caracteriza pela intervenção docente, mediada pedagogicamente em diferentes espaços de práticas corporais. Assim, ainda que os/as estudantes possam optar por desfechos diferentes em sua trajetória acadêmica, estes serão capazes de compreender o ser humano como um todo, e então pensar nos seus diferentes campos de atuação como projeto de formação cultural dos sujeitos (VAGO, 2009). Independente da esfera de atuação dos nossos/as alunos/as egressos/as, esperamos promover uma formação comprometida com a defesa das vidas, das pessoas, garantindo, assim, o direito à saúde, à educação, à cultura, ao esporte e ao lazer.

Esse projeto pedagógico de curso segue as legislações vigentes e nosso entendimento sobre a aplicação legal está descrito no quadro – Contextualização legal X Componentes curriculares PPC2022 (ANEXO A).

3. ORGANIZAÇÃO DIDÁTICO-PEDAGÓGICA

Este tópico apresenta a organização didática pedagógica do curso articulada às diretrizes curriculares e demais legislações pertinentes, buscando atender o perfil do/da egresso/egressa que se pretende formar e os objetivos e concepção do curso.

3.1 Concepção do curso

Uma sociedade de contradições está colocada. Convive-se com avanços tecnológicos e científicos concomitante a situações de misérias representadas pela falta de acesso a direitos básicos em níveis globais. O Brasil, atualmente, vive por um lado uma série de organizações civis solicitando direitos negados historicamente (mulheres, negros, LGBTQIA+, pessoas vivendo com HIV, pessoas com deficiência, índios, ciganos, quilombolas, velhos, crianças, comunidades atingidas pela mineração, entre outras em situação de risco); e, por outro, grupos organizados politicamente que tentam encontrar formas de diminuir o acesso aos direitos adquiridos.

Essas contradições permanecem, os discursos da valorização da/do professora/professor coexistem com ações políticas que tem como finalidade a precarização do trabalho docente na escola e nos campos não escolares ligados a Educação Física. Soma-se a dificuldade de escuta dos diferentes saberes constituídos na sociedade. Segundo Contreras (2012), a precarização das condições de trabalho docente se relaciona à perda daquelas qualidades que faziam deles profissionais e, ainda, a deterioração de trabalho nos quais esses sujeitos depositavam suas esperanças de alcançar o status de profissional. A perda de esperança na docência é uma sombra na formação que também é contraditória.

Em uma pesquisa interna sobre a formação de professores/professoras, realizada pelos/pelas docentes da Comissão de 2015⁸ percebeu que 73% dos/das egressos/egressas respondentes do curso de Educação Física da Unidade Ibirité atuam na área da Educação Física. Em um curso cujo perfil de ingresso é de estudante trabalhador/trabalhadora⁹, a formação em Educação Física pode ser entendida como uma nova forma de inserção no mundo do trabalho.

Dos/das egressos/egressas 33% afirmam estar atuando na área da Educação Física escolar, 26% com políticas públicas de esporte e lazer, 13% em academias e 26% em outras atividades. Os programas sociais e políticas públicas de esporte e lazer se apresentam como um campo de atuação possível para os/as estudantes e as/os formados/formadas em Educação Física. E quando questionadas/questionados sobre as perspectivas profissionais da área, 60% acreditam que ela transita entre boa e ótima.

A pesquisa mostrou que a área de trabalho da/do egressa/egresso do curso de Educação Física atingia espaços de academias de práticas corporais e nesse atual projeto tem ampliado o processo formativo para esses locais de trabalho. Assim, formar professores e professoras extrapola os muros da escola e o fazer docente é pensado nos diferentes espaços sociais.

Tornar-se professor/professora pode ser entendido como um processo contínuo, de difícil demarcação acerca de seu início e fim. É um caminho que

⁸ Comissão de Coordenação da Revisão e Acompanhamento Curricular do curso de Educação Física do ano de 2015.

⁹ Trazendo ainda os dados produzidos pela pesquisa interna supracitada, notou-se que os estudantes ingressos no curso de Educação Física da Unidade Ibirité são, em sua maioria, oriundos de escolas públicas. Outro dado orientador das concepções da licenciatura em Educação Física da Unidade de Ibirité é a relação entre os estudantes ingressos e o mundo do trabalho. Em outra pesquisa interna realizada na turma do quinto período matutino, constatou-se que entre 42 estudantes frequentes, apenas dois estudantes não estavam trabalhando. Entre os tipos de empregos exercidos pelos trabalhadores da turma incluem-se: academia, secretaria escolar, aulas de esportes, monitoria de ônibus escolar, vendas no comércio, vigilante, técnico de enfermagem, policial, políticas públicas de esporte e lazer, dona de casa, faxineira de escola, analista de sistema; professora de dança em academias, agente penitenciário e telefonista.

está relacionado com a profissão docente e suas contradições, bem como com os saberes docentes que emanam nesses contextos.

Desse modo, é basilar pensar neste Projeto Pedagógico de Curso levando em consideração a dinâmica cotidiana e os diferentes trabalhos que cercam a vida dos/das discentes. Propomos o entendimento de trabalho como uma atividade social que extrapola o sentido relacionado às formas de ação, remuneração e consumo. Pode-se pensar o trabalho como atividade subjetiva, como formação humana e sobretudo quando se reflete acerca das diferentes maneiras de geração de renda e as desigualdades existentes nos mundos do trabalho.

O curso de Educação Física da UEMG / Unidade Ibirité é oferecido nos períodos diurno e noturno, com possibilidade de alguns componentes curriculares serem ofertados no período vespertino. Esses componentes curriculares correspondem a oferta de disciplinas com características extensionistas, disciplinas de atividades integradoras, atividades extensionistas, visitas técnicas e estágios curriculares supervisionados. As disciplinas optativas poderão ser ofertadas no turno vespertino, desde que garantida a oferta no turno regular do/a estudante.

No que se relaciona à temporalidade de permanência dos discentes no curso propomos uma ampliação de quatro para cinco anos, para a obtenção da dupla formação. Destaca-se que cinco anos será o tempo mínimo para a dupla formação. Entretanto, a dinâmica da vida acadêmica deve considerar questões pessoais, desse modo, esse tempo mínimo poderá ser ampliado. A organização de matrícula não se dá por blocos, mas por créditos, o que possibilita que o estudante construa sua própria trajetória curricular (Resolução COEP/UEMG N° 132/ 2013).

Assim, o percurso construído pelos estudantes deve-se às características dos discentes/trabalhadores/trabalhadoras que constituem os nossos cursos e o desejo por uma formação em Educação Física com caráter ampliado. Tal proposta pauta-se numa concepção da formação humana concomitante ao

trabalho e propomos uma estrutura de disciplinas que contemple tempos de estudos autônomos. Busca-se assim semestres com cargas horárias de, no máximo 360 horas, com componentes curriculares obrigatórios, distribuídas em no máximo 6(seis) dias letivos semanais, considerando o sábado preferencialmente para o cumprimento de carga horária para atividades com caráter extensionista, trabalhos de campo, visitas técnicas, projetos de pesquisa, disciplinas eletivas, vivências em outros tempos/espços formativos.

Concebe-se, assim, o curso de Educação Física como um processo formativo pautado em diferentes campos do conhecimento que é fortalecido nos processos de Atividades e Estudos Integradores, Práticas Docentes, Estágio Curricular Supervisionado e Práticas Extensionistas possíveis e necessárias aos estudantes. Dessa forma, a UEMG – Unidade Ibirité busca promover o ensino, a pesquisa e a extensão de modo a contribuir para a formação de cidadãos/cidadãs comprometidos/comprometidas com o desenvolvimento e a integração dos setores da sociedade e das regiões do Estado, especialmente no que se refere às questões da Educação Física.

3.2 Objetivos do curso

O objetivo do curso em Educação Física da UEMG - Ibirité é fomentar: o conhecimento/reconhecimento da cultura, considerando a participação dos sujeitos na criação; transmissão e perpetuação da cultura; contribuir para o desenvolvimento científico e para compreensão apurada dos procedimentos inerentes às ciências; motivar o pensamento reflexivo e a construção coletiva e democrática para o exercício da docência e da gestão de projetos educacionais, de saúde, de lazer e de práticas corporais nos diferentes espaços de atuação da Educação Física.

O/A egresso/egressa do curso deve construir saberes referentes a intervenção no âmbito da cultura corporal do movimento, reconhecendo: as especificidades dos sujeitos com os quais atuará; o processo de

sistematização e organização dos conteúdos de ensino; os processos de avaliação nas diversas áreas da Educação Física.

Para tanto, buscamos nos aproximar e participar ativamente das discussões sobre formação docente constituídas nos coletivos: Fórum de Licenciaturas da UEMG e a Rede Mineira de Formação de Professores da Educação Básica, da qual a Instituição faz parte.

3.2.1 Objetivos específicos

O curso de Educação Física de Ibirité busca que a/o egressa/egresso reúna conhecimentos e habilidades que permitam a sua atuação em locais como: escola; projetos sociais; clubes; gestão de projetos educacionais; centros de referência; Estratégia de Saúde da Família (ESF); Programa Saúde na Escola (PSE), dentre outros. Além de um trabalho com grupos distintos e minorias sociais como: pessoas com deficiência; negros; povos indígenas; ciganos, idosos; LGBTQIA+; povos rurais; quilombolas; mulheres; crianças e outros grupos aqui não especificados, de forma a compreender as realidades e demandas dessas pessoas.

Para atender os objetivos específicos e gerais o/a estudante ingresso/ingressa deve construir conhecimentos específicos da Educação Física, entendimentos sobre a formação continuada e intervenções políticas:

Conhecimentos específicos da Educação Física

- Domínio dos conhecimentos contidos nos grupos 1, 2 e 3 presentes na Resolução nº 2 de 20 de dezembro de 2019. Tal qual os dispostos nos núcleos básico e específicos contidos na resolução CNE Nº 6, de 18 de dezembro de 2018¹⁰.

¹⁰ Vale ressaltar que o grupo de professores/professoras reconhece as divergências nacionais em torno da construção dessas legislações e concorda que existem debates políticos importantes que expressam o retrocesso da formação de professores/professoras nos cursos de Educação Física.

- Apropriação dos saberes referentes às vivências de práticas docentes, construídas nos tempos destinados aos Estágios Curriculares Supervisionados, as Atividades Extensionistas, as Atividades Integradoras, bem como os Estudos Integradores.

O Estágio Curricular Supervisionado destina-se a responder sobre a formação em Educação Física proporcionando a interlocução entre o conhecimento acadêmico e a prática profissional nos diversos campos de estágio. Para tanto, as/os discentes serão inseridas/os em diferentes espaços/contextos e serão mobilizados/as a refletir sobre os diferentes campos de formação/atuação, os fazeres inerentes às diversas práticas profissionais, o papel social e a realidade das diferentes instituições/espacos. O ECS é uma exigência da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN), nº9.394 de 1996, bem como é considerado componente obrigatório pelas Resoluções do Conselho Nacional de Educação (CNE/CP/MEC), nº6, de 18 de dezembro de 2018 e nº 2, de 20 de dezembro de 2019. O regulamento específico do ECS encontra-se em anexo (ANEXO C).

Entendimento da necessidade de uma formação continuada e embasada em princípios científicos, críticos e éticos

- Pautar-se por princípios da ética democrática;
- Orientar suas escolhas e decisões metodológicas e didáticas por pressupostos epistemológicos coerentes;
- Reconhecer e respeitar a diversidade manifestada por seus/suas alunos/alunas, em suas dimensões corporais, sociais e culturais;
- Zelar pela dignidade profissional e pela qualidade pedagógica de seu trabalho.
- Sistematizar e socializar a reflexão sobre a prática docente, investigando o contexto educativo e a própria prática educativa;
- Utilizar resultados de pesquisa para a qualificação de sua prática profissional.
- Estar apto a aprender a aprender e ter responsabilidades e compromissos com a educação das futuras gerações de profissionais.

Política

- Usar conhecimentos sobre a realidade econômica, cultural, política e social, para compreender o contexto e as relações em que está inserida a prática pedagógica;
- Participar coletiva e cooperativamente da elaboração, desenvolvimento e avaliação de projetos nos diferentes contextos escolares e não escolares de sua prática profissional.

3.3. Perfil da egressa e do egresso

A presente proposta de formação em Educação Física tem como objetivo, formar professores e professoras com sólida formação cultural, pedagógica, ética e técnico-científica, preparados/as para intervir pedagogicamente no campo das manifestações da cultura corporal, na escola e em outros espaços formativos, intervindo de forma democrática na sociedade de maneira a garantir os direitos historicamente conquistados que dialogam com o campo da Educação Física, são eles: Educação, Lazer, Esporte e Saúde.

É desejado que a/o egressa/o formada/o em Educação Física a partir desse currículo seja capaz de atuar com ética e compromisso com vistas à construção de uma sociedade justa, equânime, igualitária. Que respeite a diversidade de natureza ambiental-ecológica, étnico-racial, de gêneros, de corpos, de classes sociais, religiosas, geracionais, de diversidade sexual, dentre outras. Que o/a egresso/a compreenda o seu papel na formação das pessoas a partir de uma concepção ampla e contextualizada de ensino e processos de aprendizagem e desenvolvimento destes, incluindo aqueles e aquelas que não tiveram oportunidade de escolarização na idade regular, bem como, aquelas pessoas que não possuem acesso aos serviços de Saúde, Lazer e Esporte.

Esperamos também que o/a concluinte do curso de Educação Física da UEMG, unidade Ibirité, seja capaz de identificar questões e problemas

socioculturais e educacionais, com postura investigativa, integrativa e propositiva em face de realidades complexas, a fim de contribuir para a superação de exclusões sociais, étnico-raciais, econômicas, culturais, religiosas, políticas, orientação de gênero, orientação sexual e outras da localidade em que atuar.

A partir dessa proposta de formação desejamos que o/a egresso/a do curso construa conhecimentos sobre antropologia, sociologia, educação, biologia, filosofia e fisiologia e suas articulações com sua atuação na área da Educação Física. No mesmo sentido, o/a egresso/a do curso de Educação Física deve construir saberes referentes a intervenção no âmbito da cultura corporal do movimento reconhecendo: as especificidades das pessoas com os quais atuará; o processo de sistematização e organização dos conteúdos e componentes técnicos; os processos de avaliação nas diversas áreas da Educação Física.

Destacamos que essa proposta curricular visa formar professores e professoras para atuarem em espaços escolares e não escolares tendo como foco os campos relacionados às políticas públicas de Educação, Saúde, Lazer e Esporte que, no nosso entendimento, é uma forma de alcançar um estrato maior da sociedade. No entanto, contempla também a formação para a docência e atuação profissional nos setores privados e no terceiro setor. Além disso, nossa proposta enseja o trabalho com minorias sociais como: pessoas com deficiência; negros e negras; indígenas; ciganos, idosos e idosas; comunidade LGBTQIA+; povos rurais; quilombolas; mulheres e outros grupos aqui não especificados, de forma a compreender as realidades e demandas dessas pessoas.

Os/As concluintes do Curso de Educação Física da UEMG, unidade Ibirité, serão capazes de atuar nos seguintes campos:

- a) EDUCAÇÃO: *Atuação docente no Sistema Educacional Brasileira que atualmente se organiza nas etapas sequências da escolarização:*

Educação Infantil; anos iniciais do Ensino Fundamental; anos finais do Ensino Fundamental; Ensino Médio. Para além dessas etapas, tem-se ainda: a Educação Profissional e Tecnológica (EPT); a Educação de Jovens e Adultos (EJA) e outras configurações e modalidades de ensino previstas na LDBEN (1996) e suas atualizações; bem como alguns projetos educacionais no contraturno escolar e pesquisas em Educação.

- b) SAÚDE: Políticas e programas de saúde; atenção básica, secundária e terciária; no Sistema Único de Saúde; academias de ginástica; gestão em saúde; projetos e programas de Atividade Física/Práticas Corporais; Centros de treinamentos direcionados ao condicionamento físico e prevenção e/ou tratamento de patologias clínicas; pesquisa em saúde.
- c) ESPORTE: políticas e programas de esporte; Centros de Treinamento físico-esportivo para desempenho; Federações e Confederações esportivas; campos de treinamento e práticas esportivas para lazer e saúde; pesquisa no esporte; gestão do esporte, clubes, escolas de esportes, ONGs, dentre outros.
- d) LAZER E CULTURA: Clubes, prefeituras e outros níveis de governo, projetos sociais e educacionais, empresas, escolas, ONGs, hotéis, *campings*, equipes de recreação; pesquisa em Lazer, dentre outros.

Uma vez inseridas e inseridos nesses espaços de atuação, deverão, a partir de diagnóstico da realidade e da escuta às pessoas envolvidas, contemplar as dimensões sociais, biológicas, históricas, psicológicas e culturais na realização de funções como:

- a) Docência nas diferentes etapas da Educação Básica;
- b) Planejamento, coordenação e gestão de projetos educacionais e sociais;
- c) Coordenação de projetos e equipes multiprofissionais;
- d) Prescrição de treinamentos e elaboração de programas de Atividade Física e de Práticas Corporais;

- e) Implementação e avaliação de projetos que visam contribuir com a formação cultural e social.
- f) Produção e difusão do conhecimento científico sobre a cultura corporal e do campo de trabalho da Educação Física, do Esporte, do Lazer e da Saúde.

Diante do exposto, espera-se que o/a egresso/a construa saberes teóricos/práticos para atuar com os conteúdos da cultura corporal do movimento com diferentes grupos sociais. Que ele/ela seja capaz de resolver os problemas do cotidiano da prática docente, elabore reflexões sobre os diferentes espaços de atuação, sujeitos e as práticas corporais possíveis.

4. ORGANIZAÇÃO CURRICULAR

Considerando as legislações vigentes (Resolução CNE nº 2 de 20 de dezembro de 2019 e a Resolução CNE nº 6, de 18 de dezembro de 2018) bem como as adequações necessária as lacunas dessas orientações, advoga-se que a formação inicial em Educação Física possibilite acesso a conhecimentos específicos sobre os contextos escolares e não escolares para o exercício de sua profissão.

Desse modo, a organização curricular aqui proposta fundamenta-se nos pressupostos dado pela Resolução CNE nº 6, de 18 de dezembro de 2018, que indica:

Art. 30 As Instituições de Educação Superior poderão, a critério da Organização do Projeto Pedagógico Curricular do Curso de Educação Física, admitir, em observância do disposto nesta Resolução, a dupla formação dos matriculados em bacharelado e licenciatura (RESOLUÇÃO CNE Nº 6, DE 18 DE DEZEMBRO DE 2018).

A possibilidade da dupla formação preconizada no referido artigo delega a instituição no âmbito de sua autonomia adequar seu projeto pedagógico de curso e definir a organização do processo formativo. Nesse sentido, este curso adota as duas habilitações mediante uma formação unificada, aqui denominado caráter ampliado.

Para tanto, o currículo foi forjado visando que as/os ingressantes no curso de Educação Física, proposto pela unidade Ibirité da UEMG, tenham garantidas as condições de formação neste caráter ampliado. Contudo, para estudantes que, devido a forma de ingresso ou necessidade de formação em apenas uma modalidade, o currículo ampliado se adequa as normativas previstas na Resolução 6/2018 que indica duas etapas formativas: Etapa comum e etapa específica, com a definição das cargas horárias e objetivos das disciplinas respeitando as diferenciações entre as duas habilitações.

Tal perspectiva formativa se apoia também na Resolução COEPE/UEMG Nº 132 de 13 de Dezembro de 2013¹¹ que garante a autonomia para que a/o estudante possa construir sua trajetória formativa.

4.1 Etapa Comum/ Núcleo Básico

O capítulo II da Resolução CNE 6 de dezembro de 2018 determina os conteúdos que devem ser contemplados na formação inicial dos/das professores/professoras de Educação Física. A etapa comum é composta de 1600 horas e nesse PPC será compreendido como o grupo de disciplinas do Núcleo Básico e parte da carga horária extensionista. Esse núcleo deve abordar as seguintes temáticas:

I Conhecimentos biológicos, psicológicos e socioculturais do ser humano (a exemplo do fisiológico, biomecânico, anatômico-funcional, bioquímico, genético, psicológico, antropológico, histórico, social, cultural e outros), enfatizando a aplicação à Educação Física;

II Conhecimentos das dimensões e implicações biológicas, psicológicas e socioculturais da cultura corporal do movimento (a exemplo de fisiologia do exercício, biomecânica do esporte, aprendizagem e controle motor, psicologia do esporte e outros);

III Conhecimento instrumental e tecnológico (a exemplo de técnicas de estudo e pesquisa - tipos de conhecimento, técnicas de planejamento e desenvolvimento de um trabalho acadêmico, técnicas de levantamento bibliográfico, técnicas de leitura e de documentação; informática instrumental - planilha de cálculo, banco de dados; técnicas de comunicação e expressão leiga e científica e outros), enfatizando a aplicação à Educação Física;

¹¹ Regulamenta a implantação do regime de matrícula por disciplina nos Cursos de Graduação da Universidade do Estado de Minas Gerais – UEMG e institui procedimentos e limites para matrícula.

IV Conhecimentos procedimentais e éticos da intervenção profissional em Educação Física, a exemplo de código de ética, diagnóstico e avaliação, estratificação de risco, variáveis de prescrição do exercício, meio ambiente e sustentabilidade, diversidade cultural, diferenças individuais e outros.

4.2 Etapa Específica

A etapa específica organiza o grupo de componentes curriculares para o aprofundamento conceitual nos campos de atuação em Educação Física. Nesse PPC se compreende que três núcleos formam a etapa específica: Núcleo Integrado; Núcleo Específico Licenciatura; e Núcleo Específico Bacharelado.

- A) Núcleo Integrado: Organiza os componentes curriculares necessários à formação única em Educação Física. Esse grupo conta com disciplinas que abordam “formação geral, humanista, técnica, crítica, reflexiva e ética, qualificadora da intervenção profissional fundamentada no rigor científico, na reflexão filosófica e na conduta ética em todos os campos de intervenção” do/da professor/professora de Educação Física. Esses saberes são compreendidos como necessários a atuação de professoras e professores de Educação Física tanto nos espaços escolares como não escolares.
- B) Núcleo Específico Licenciatura: Organiza os conhecimentos indicados nos artigos 10 e 11 da CNE 6/2018:

Art. 10 O Licenciado em Educação Física terá formação humanista, técnica, crítica, reflexiva e ética qualificadora da intervenção profissional fundamentada no rigor científico, na reflexão filosófica e na conduta ética no magistério, ou seja, na docência do componente curricular Educação Física, tendo como referência a legislação própria do Conselho Nacional de Educação para a área.

Art. 11 As atividades práticas da etapa específica da Licenciatura deverão conter o estágio supervisionado, bem como outras vinculadas aos diversos ambientes de aprendizado escolares e não escolares.

A formação de professoras/professores de Educação Física se pauta nas orientações CNE 2/2019 sobre a organização dos grupos disciplinares que indicam:

- I - Grupo I: 800 (oitocentas) horas, para a base comum que compreende os conhecimentos científicos, educacionais e pedagógicos e fundamentam a educação e suas articulações com os sistemas, as escolas e as práticas educacionais.
- II - Grupo II: 1.600 (mil e seiscentas) horas, para a aprendizagem dos conteúdos específicos das áreas, componentes, unidades temáticas e objetos de conhecimento da BNCC, e para o domínio pedagógico desses conteúdos.
- III - Grupo III: 800 (oitocentas) horas, prática pedagógica, assim distribuídas:
 - a) 400 (quatrocentas) horas para o estágio supervisionado, em situação real de trabalho em escola, segundo o Projeto Pedagógico do Curso (PPC) da instituição formadora; e b) 400 (quatrocentas) horas para a prática dos componentes curriculares dos Grupos I e II, distribuídas ao longo do curso, desde o seu início, segundo o PPC da instituição formadora.

C) Núcleo Específico Bacharelado: Organiza as disciplinas com o objetivo de: “dominar os conhecimentos conceituais, procedimentais e atitudinais específicos da Educação Física e aqueles advindos das ciências afins, orientados por valores sociais, morais, éticos e estéticos próprios de uma sociedade plural e democrática”. Para tal será norteado pelos seguintes eixos de ação:

- 1 I - **Saúde**: políticas e programas de saúde; atenção básica, secundária e terciária em saúde, saúde coletiva, Sistema Único de Saúde, dimensões e implicações biológica, psicológica, sociológica, cultural e pedagógica da saúde; integração ensino, serviço e comunidade; gestão em saúde; objetivos, conteúdos, métodos e avaliação de projetos e programas de Educação Física na saúde;
- 2 II - **Esporte**: políticas e programas de esporte; treinamento esportivo; dimensões e implicações biológica, psicológica, sociológica, cultural e pedagógica do esporte; gestão do esporte; objetivos, conteúdos, métodos e avaliação de projetos e programas de esporte; e
- 3 III - **Cultura e Lazer**: políticas e programas de cultura e de lazer; gestão de cultura e de lazer; dimensões e implicações biológica, psicológica, sociológica, cultural e pedagógica do lazer; objetivos, conteúdos, métodos e avaliação de projetos e programas de Educação Física na cultura e no lazer.

4.3 Eixos da Organização Curricular

Os conhecimentos que integram a formação no curso de graduação em Educação Física da UEMG - Ibirité, de caráter ampliado, serão tratados a partir de sua organização em quatro eixos de formação. Tais eixos

perpassam longitudinalmente o currículo do curso. São eles: conhecimentos fundantes; conhecimentos técnico-instrumentais e didático-pedagógicos; prática docente e conhecimentos científicos.

4.3.1 Conhecimentos Fundantes

São aqueles que permitem uma compreensão de totalidade, comuns a qualquer tipo de formação profissional e permitem o trato científico do conhecimento, relacionando com o objeto da Educação Física. Trata-se dos conhecimentos advindos de diferentes campos do saber, necessários ao estudo das variadas dimensões do corpo e da cultura corporal de movimento.

Destacam-se não apenas as contribuições das ciências biológicas e da saúde, como também das ciências exatas e da terra, das ciências sociais, das ciências humanas e das ciências das linguagens e dos códigos. Assim sendo, o currículo deve estar fundamentado nas contribuições dessas ciências no âmbito da educação física, esporte e lazer, objetivando o trato multidisciplinar do conhecimento.

4.3.2 Conhecimentos Técnico-Instrumentais e Didático-Pedagógicos

Conhecimentos necessários para o processo de ensino e aprendizagem de práticas corporais diversas. Cabe aqui dar oportunidade e o mesmo tratamento para todas elas, isto é, sem privilegiar umas em detrimento de outras, proporcionando, desta maneira, um amplo conhecimento da cultura corporal de movimento. Visa apropriar-se dos conteúdos específicos da educação física, como possibilidades de constatações e sistematizações do trabalho pedagógico. Para isso, faz-se necessário estudar as dimensões culturais, didático-pedagógico e técnico-instrumentais das manifestações e expressões do movimento humano, abrangendo os conhecimentos sobre os conteúdos de ensino, conhecimentos pedagógicos, conhecimentos advindos das experiências acadêmicas, científicas e culturais e da prática como componente curricular.

4.3.3 Prática Docente

Cada dia mais as pessoas se formam (e se educam) em diferentes tempos e espaços da vida social. Segundo Maria Amélia Franco (2012, p. 150), *“as aprendizagens ocorrem entre os múltiplos ensinamentos inevitavelmente presentes na vida das pessoas, os quais competem com o ensino escolar ou o potencializam”*. Ainda segundo a autora, *“há sempre concomitâncias de ensino”*. Em vista disso, cabe aqui pensar a prática docente a partir do trabalho desenvolvido nos estágios curriculares supervisionados, assim como nas atividades de extensão e nas disciplinas de aproximação com o campo do trabalho em diferentes espaços educativos.

A prática docente é um eixo importante na formação do/a professor/a de Educação Física. Cabe nesse eixo explorar os conhecimentos que promovam a reflexão sobre a prática docente, explicitando suas intencionalidades sem perder de vista a importância do diálogo com os coletivos sobre os quais o/a professor/a atua. Independente do contexto, escolar ou não escolar, a prática docente é prática que se exerce com finalidade, planejamento, acompanhamento, vigilância crítica e responsabilidade social.

4.3.4 Conhecimentos Científicos

Estudo das diferentes teorias do conhecimento, abordagens de pesquisa, processos metodológicos e instrumentais para a produção acadêmica do conhecimento. Visa mostrar que o conhecimento, enquanto lógica de apropriação do mundo, não é algo pronto, decorre da atividade prática do ser humano em seu processo de produção e reprodução da vida.

O processo cognitivo é produto histórico, tem caráter social e resulta da intervenção, ou seja, do trabalho humano. Acaba sendo um eixo não só pela questão da sua presença em trabalhos de conclusão de curso, mas também

levando em consideração os trabalhos acadêmicos e exercícios de pesquisa feitos junto a diferentes componentes curriculares que procuram formar um/a professor/a-pesquisador/a.

4.4 Articulação entre Pesquisa, Ensino e Extensão

Entre os diferentes espaços de construção do conhecimento, a universidade ocupa um lugar privilegiado de convivência e desenvolvimento humano, científico, tecnológico e social. Tem como eixo central a formação de trabalhadores e trabalhadoras comprometidos com o desenvolvimento social em nível local e global.

Pensar as funções da universidade hoje, pautadas em princípios democráticos e transformadores, implica adentrar novos paradigmas que possibilitam olhares ampliados, além do diálogo entre os diferentes saberes disciplinares e a integração entre ensino, pesquisa e extensão (PIVETTA *et al* 2010).

O processo de consolidação das universidades brasileiras tem como meta principal, promover a integração e melhoria do ensino superior nacional, que trouxe à atualidade a observância do princípio da indissociabilidade do tripé ensino, pesquisa e extensão, colocada pela Constituição Federal de 1988 em seu artigo 207, o qual afirma que: “as universidades gozam de autonomia didático científica, administrativa e de gestão financeira e patrimonial e obedecerão ao princípio de indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão” (BRASIL, 1988).

A compreensão sobre esse tripé não se restringe a uma questão conceitual ou legislativa, mas fundamentalmente, paradigmática, epistemológica e político-pedagógica, pois está relacionada às funções e à razão de ser das universidades, que se constituíram, historicamente, vinculadas às aspirações e aos projetos nacionais de educação. Caracteriza-se, de acordo com Rays (2003, p. 73), como

“um processo multifacetado de relações e de correlações que busca a unidade da teoria e da prática”, pois se constitui princípio das atividades-fim da universidade.

O princípio da indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão reflete um conceito de qualidade do trabalho acadêmico que favorece a aproximação entre universidade e sociedade, a autorreflexão crítica, a emancipação teórica e prática dos/das estudantes e o significado social do trabalho acadêmico. A concretização deste princípio supõe a realização de projetos coletivos de trabalho que se referencie no planejamento das ações institucionais e na avaliação que leve em conta o interesse da maioria da sociedade.

Esses projetos que qualificam e solidificam a formação, além de resgatar os conteúdos vivenciados em sala de aula, dentro da proposta curricular, ressignificam a lógica do ensino-aprendizagem e amplia as possibilidades da prática e da contextualização do aprendido, favorecendo o entendimento, a aplicabilidade e a adequação didático-pedagógica. A concretização dessa proposta é apresentada a partir das matérias optativas onde os/as alunos podem se aproximar dos/das professores/professoras e das disciplinas que têm interesse em pesquisar, das possibilidades que professores e professoras propõem, por conta própria ou atendendo a pedidos, projetos de pesquisa e extensão (ressaltando o incentivo institucional através do PAEx e do PAPq e outras formas de proporem projetos de pesquisa e extensão).

A realização desses projetos, além de concretizar o elo Ensino, Pesquisa e Extensão, que é o tripé que sustenta uma Universidade, proporciona a aproximação com a sociedade. Castro (2004) mostra que a história da indissociabilidade ensino, pesquisa e extensão têm como pano de fundo a história das relações entre conhecimento científico e demandas sociais. Historicamente, o conhecimento científico tornou-se uma forma de

conhecimento privilegiada, pela grande importância que adquiriu para a vida das sociedades contemporâneas.

Mediante as particularidades que caracterizam cada uma das três funções universitárias, a indissociabilidade de ensino, pesquisa e extensão se caracteriza como um catalisador do conhecimento “pluriversitário”, que permite, conforme Santos (2004, p. 31), “a inserção da universidade na sociedade e a inserção desta na universidade”. Logo, pode ser entendida como um princípio orientador da universidade nascido sob o influxo dos debates que estabelecem o lugar da universidade no seio da sociedade em geral, recebendo uma nítida influência daquela terceira tendência sugerida por Pereira Júnior (2005), a de um conhecimento científico em diálogo permanente com as demandas sociais.

Logo, o princípio da integração entre os três pilares em questão reflete um conceito de qualidade do desempenho acadêmico capaz de favorecer a autorreflexão crítica, a emancipação teórico-prática e o significado de responsabilidade social proporcionado pela aproximação entre a universidade e a comunidade.

4.5 Disciplinas Curriculares

A estrutura curricular das disciplinas aqui presente foi pensada e estruturada a fim de contemplar as necessidades de formação dos cursos de Educação Física, considerando a formação para o exercício integrado e indissociável da docência, incluindo o ensino e a gestão dos projetos educativos escolares e não escolares, a produção e difusão do conhecimento científico, tecnológico e educacional.

Nesse sentido, institui-se nessa proposta a matrícula por disciplina, a diminuição de pré-requisitos e o sistema de créditos, com o intuito de flexibilizar a estrutura curricular e criar a possibilidade de percursos

formativos autônomos para os/as acadêmicos/acadêmicas do curso. Em conformidade com a resolução COEPE/UEMG nº 132/2013.

Em atendimento às diretrizes propostas pelas resoluções 2/2019 e 6/2018, ficam estabelecidas as cargas horárias mínimas obrigatórias para a integralização curricular:

Quadro 1 – Cargas Horárias do curso

	LICENCIATURA		BACHARELADO		DUPLA FORMAÇÃO	
Componente curricular	Hora relógio	Créditos	Hora relógio	Créditos	Hora relógio	Créditos
Disciplinas Obrigatórias	2370	158	2.340	156	2.790	186
Disciplinas Optativas	360	24	360	24	360	24
Disciplinas Eletivas	60	4	60	4	60	4
Estágio Curricular Supervisionado	660	44	660	44	1140	76
Estudos Integradores	330	22	330	22	330	22
Extensão em Projetos e Programas*	270	18	270	18	270	18
Trabalho de conclusão de curso	30	2	30	2	30	2
Total do curso	4080	272	4050	270	4.980	332

OBS: Atividades Extensionistas são de 495 horas, sendo 270 em Projetos e 225 integradas às disciplinas com características extensionistas.

A carga horária supracitada, referente às disciplinas curriculares, está subdividida em disciplinas obrigatórias, optativas e eletivas e respaldada pela Resolução COEPE/UEMG nº 132/2013:

- Disciplinas Obrigatórias: são as disciplinas que constam neste Projeto Pedagógico de Curso, imprescindíveis à formação do/a estudante, e que a Instituição considera que não podem faltar em um curso de graduação em Educação Física (tais disciplinas estão descritas a seguir no Ementário).
- Disciplinas Optativas: são as disciplinas que constam neste Projeto Político-Pedagógico e permitem aprofundamento de estudos em diversos campos do conhecimento da Educação Física.
- Disciplinas Eletivas: são quaisquer disciplinas dos cursos de graduação credenciados pelo MEC e que não estejam incluídas na matriz curricular do presente curso.

Para afinar-se com as diversas modalidades de ensino que se apresentam na atualidade e prever as demandas de formação profissional que estão por vir, fica previsto, conforme a Portaria 2.117/2019 - Dispõe sobre a oferta de carga horária na modalidade de Ensino a Distância em cursos de graduação presenciais, em seu artigo 2º, que qualquer disciplina descrita neste currículo seja ofertada em formato de Ensino a Distância (EaD), desde que esta oferta não ultrapasse 40% (vinte por cento) da carga horária total do curso e tal alteração seja aprovada pelo Colegiado do Curso.

4.6 Estudos Integradores

Os Estudos Integradores, previstos na Resolução CNE/CES Nº 6 de 18 de dezembro de 2018, têm por finalidade o enriquecimento curricular por meio de atividades de abrangência acadêmica, extensionista, científica e sociocultural. Essas atividades contemplam uma carga horária curricular obrigatória para a integralização do curso de 330 horas, em quatro categorias distintas: acadêmica, extensionista, científica e sociocultural.

Essa carga horária deverá ser cumprida de forma autônoma pelo/a estudante, ao longo do seu processo formativo, respeitando a carga horária mínima prevista para cada uma das quatro categorias. Cada categoria possui a sua exigência de documentação comprobatória, além do

detalhamento das atividades possíveis e a carga horária máxima permitida por atividade, como pode ser observado em regulamento específico (ANEXO B).

A creditação dos Estudos Integradores se dará a partir da metade do curso (5º período), a partir da validação dos documentos comprobatórios que deverão ser postados pelo/a estudante, em um arquivo no formato PDF, na plataforma acadêmica utilizada pelo curso.

Esse componente curricular terá professores/as designados pelo departamento, com encargos didáticos, que serão responsáveis pela orientação e suporte das atividades desde o início do curso. Além disso, serão responsáveis também pela conferência da documentação, validação e registro da carga horária para a integralização das horas. Vale ressaltar, que todas as questões referentes aos Estudos Integradores, não citadas no regulamento específico, serão analisadas pelo colegiado do curso.

4.7 Estágio Curricular Supervisionado (ECS)

O Estágio Curricular Supervisionado (ECS) destina-se a responder sobre a formação em Educação Física proporcionando a interlocução entre o conhecimento acadêmico e a prática pedagógica no campo de estágio. Para tanto, as/os discentes serão inseridas/os em diferentes espaços/contextos e serão mobilizados/as a refletir sobre os diferentes campos de formação/atuação, os fazeres inerentes a diversas práticas profissionais, o papel social e a realidade das diferentes instituições/espacos.

O Estágio Curricular Supervisionado apara-se em uma exigência da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), nº 9.394 de 1996, bem como é considerado componente obrigatório pelas Resoluções do Conselho Nacional de Educação (CNE/CP/MEC), nº6, de 18 de dezembro

de 2018 e nº 2, de 20 de dezembro de 2019. O regulamento específico do Estágio Curricular Supervisionado encontra-se em anexo (ANEXO C).

A intervenção dos/das trabalhadores/as¹² da Educação Física dar-se-á no sentido de identificar, planejar, programar, organizar, dirigir, supervisionar, desenvolver, avaliar e lecionar conteúdos acessados na formação inicial. No empenho de possibilitar que tais habilidades sejam vivenciadas e aperfeiçoadas, foram elaborados três grupos de Estágio, a saber: Estágio Curricular Supervisionado Escolar I a IV – do 5º ao 8º período; Estágio Curricular Supervisionado Não Escolar I a III – do 7º ao 9º período; e Estágio Curricular Integrado – 10º período.

Todas as práticas de estágio são compostas pela articulação entre as vivências no campo de estágio e o tempo/espaço na Universidade para a elaboração e reelaboração dessas experiências. Sendo assim, encontros presenciais com professoras/professores orientadoras/es são essenciais, demandando da Instituição formadora que seja resguardado tempo e encargos didáticos para tais momentos.

O acompanhamento da Instituição formadora no processo de estágio deverá corresponder a 4 (quatro) horas semanais de encargos didáticos atribuídos ao docente responsável por grupos de 20 (vinte) discentes, respeitando o disposto no Art. 20 da Resolução COEPE/UEMG, nº 234, de novembro de 2018.

Dessa forma, cada grupo de 20 estudantes matriculados/as em cada cada ênfase/período de Estágio demandará um/a docente para coordenar e orientar estes tempos/processos formativos de acordo com suas especificidades. Vale destacar, nessa direção, que esses momentos também se constituem como possibilidade de trocas entre as

¹² Os termos professora/professor, docente, profissional, são compreendidos nesse PPC comportando sua historicidade. Desta forma, optamos por, ao nos referir aos sujeitos da atuação/formação em Educação Física, utilizar o termo trabalhadora/trabalhador.

trabalhadoras e os trabalhadores em formação, sendo um exercício importante para a constituição de uma *práxis* pedagógica comum.

Os ECS do curso de Educação Física são organizados por um coletivo de docentes que é responsável por: decisões pedagógicas, processos avaliativos longitudinais, recepção e tratamento da documentação, entre outros elementos que toquem na dinâmica dos ECS. Tal coletivo (núcleo/centro ou outra denominação mais adequada) é um órgão consultivo e deliberativo composto por docentes orientadores/as dos ECS e das suas disciplinas correlatas.

4.7.1 Estágio Curricular Supervisionado Escolar (ECS-Escolar)

O estágio supervisionado é uma exigência da LDB/1996 e da Resolução do Conselho Nacional de Educação (CNE/CP/MEC), nº 2, de 20 de dezembro de 2019 dispõe, em seu artigo 15º, que devem ser dedicadas no mínimo 400 (quatrocentas) horas “para o estágio supervisionado, em situação real de trabalho em escola”. Nessa perspectiva, a formação do professor e da professora de Educação Física na Universidade do Estado de Minas Gerais – Unidade Ibirité estabelece o Estágio Curricular Supervisionado Escolar como atividade acadêmica obrigatória, com a programação de 480 horas para o seu desenvolvimento, sob a supervisão docente, em instituições de ensino da educação básica, sendo iniciado a partir do 5º período do curso.

Tal carga horária será distribuída ao longo de quatro semestres (do 5º ao 8º período) – cada um perfazendo 120 horas – que deverão abordar as diferentes dimensões da atuação, seguindo a estruturação vigente do Sistema Educacional Brasileiro. Todavia, cabe ressaltar que as experiências de ECS-Escolar, não se restringem à intervenção pedagógica relacionada especificamente ao componente curricular Educação Física. A proposta é que os/as discentes acompanhem professores/as tecendo sua

atividade profissional docente nas diferentes realidades escolares. Para além deste conjunto de estágios, o discente deverá cumprir mais 180 horas do Estágio Curricular Supervisionado Integrado, que ocorrerá no 10º período do curso.

Orientados/as por essas perspectivas e, ainda, considerando relações geracionais, este grupo de Estágio foi subdividido em quatro ênfases/períodos, a saber:

- Estágio Curricular Supervisionado Escolar I: Educação Física e Organização Escolar (5º período);
- Estágio Curricular Supervisionado Escolar II: Educação Física Escolar e Infâncias (6º período);
- Estágio Curricular Supervisionado Escolar III: Educação Física Escolar, Adolescências e Juventudes (7º período);
- Estágio Curricular Supervisionado Escolar IV: Educação Física Escolar, Jovens, Adultos e Idosos (8º período).

Deste modo, entende-se que a os/as discentes poderão se inserir em escolas-campo de estágio da Educação Infantil; anos iniciais do Ensino Fundamental; anos finais do Ensino Fundamental; Ensino Médio, da Educação Profissional e Tecnológica (EPT); da Educação de Jovens e Adultos (EJA) e de outras configurações e modalidades de ensino previstas na LDBEN (1996) e suas atualizações.

Vale comentar que a Resolução do Conselho Nacional de Educação (CNE/CP/MEC), nº 2, de 20 de dezembro de 2019, no Artigo 7º, apresenta alguns dos princípios norteadores da organização curricular dos cursos de formação inicial de professores/as para a Educação Básica. Mobilizados/as por estes princípios, reconhecemos os/as professores/as em formação como protagonistas deste processo, bem como destacamos a necessidade de uma relação mais harmônica entre a “comunidade de formadores” e a “comunidade de professores” (NÓVOA, 2009, p. 6).

Durante os quatro períodos iniciais, os/as professores/as em formação do curso de Educação Física terão contato com um rol de conteúdos e conhecimentos a respeito das práticas que compõem sua formação e se aproximarão do ambiente profissional por meio da prática como componente curricular prevista neste PPC. Estabelecerão, desse modo, desde os momentos iniciais de sua formação contatos com “um conjunto de conhecimentos, habilidades, valores e atitudes, que estão inerentemente alicerçados na prática” (BRASIL, 2019).

Todavia, o exercício da docência da Educação Física, da vivência na organização de brincadeiras, de jogos, de esportes, das ginásticas, das danças, das lutas e de outras manifestações da cultura corporal de movimento ainda não aconteceu de forma orientada e sistematizada, tão pouco com uma imersão mais detida no contexto escolar.

As ênfases/períodos do Estágio Curricular Supervisionado Escolar, apresentadas a seguir, procurarão oferecer experiências que possibilitem às professoras e aos professores em formação mobilizarem seus conhecimentos construídos na sua trajetória de formação empreendida em situações de observação de aula regência de turmas da Educação Infantil; anos iniciais do Ensino Fundamental; anos finais do Ensino Fundamental; Ensino Médio, da Educação Profissional e Tecnológica (EPT); da Educação de Jovens e Adultos (EJA) e de outras configurações e modalidades de ensino previstas na LDBEN (1996) e suas atualizações.

Como salientado, para que a articulação entre a “comunidade de formadores” e a “comunidade de professores” aconteça, será preciso que a Instituição formadora – a UEMG – resguarde tempo e encargos didáticos para o desenvolvimento dos estágios.

Estágio Curricular Supervisionado Escolar I (ECS Escolar I)- Educação Física e Organização Escolar: ofertado no 5º período, com

**120 horas – Estágio de observação e investigação, sem regência.
*Conhecendo a escola.***

O primeiro estágio curricular supervisionado pretende reapresentar a escola para os/as estudantes, instigando-os/as a refletir sobre sua nova identidade, a de professoras e professores em formação. Para tanto, a escola é tomada como instituição a ser investigada, inquirida a partir da inserção no terreno da escola. Nessa perspectiva, este estágio abordará: a caracterização da escola: Organização oficial do sistema escolar (Rede, documentação que organiza a escola: PPP, Propostas Curriculares etc.); a dinâmica escolar: sujeitos, funções, hierarquias, relações de poder, organização administrativa, organização dos tempos e espaços escolares; a arquitetura escolar; as memórias sobre os processos de escolarização dos/das professores/as em formação.

O/a discente será mobilizado/a a acompanhar professores/as de diferentes disciplinas, investigando as práticas pedagógicas e as dificuldades; a problematizar diferenças e semelhanças na organização do trabalho docente; a identificar como os professores e as professoras se relacionam e a investigar as culturas de Educação Física nas escolas.

Importa salientar a articulação com a disciplina correlata denominada "Educação Física e Organização Escolar", que deve ser cursada obrigatoriamente no mesmo período em que o/a discente se matricular no ECS-Escolar I. Tal disciplina é fundamental para que os conceitos e categorias de análise sejam ampliados e problematizados, tendo como referências as experiências no campo de estágio.

**Estágio Curricular Supervisionado Escolar II (ECS Escolar II)-
Educação Física Escolar e Infâncias: ofertado no 6º período, com 120 horas – *Observação, investigação e regência na Educação Infantil e Ensino Fundamental (anos iniciais)***

A partir do Estágio Curricular Supervisionado Escolar II é inaugurada a experiência da regência de forma sistematizada no currículo. Para tanto, os/as estudantes devem ser encorajados/as a estabelecer relações de cooperação com os/as professores/as supervisores/as da escola-campo. Para tanto, se faz necessário o estabelecimento de relações mais harmônicas entre escola- campo e Universidade.

A especificidade do ECS Escolar II dá-se pela investigação sobre os sentidos das Infâncias a partir das relações das crianças com a escola e a Educação Física. Nessa perspectiva, o/a discente será encorajado/a a refletir sobre o ensino da Educação Física, a problematizar e propor práticas pedagógicas na Educação Infantil e nas séries iniciais do Ensino Fundamental. Importa salientar a articulação com a disciplina correlata denominada "Educação Física Escolar e Infâncias", que deve ser cursada obrigatoriamente no mesmo período em que o/a discente se matricular no ECS-Escolar II. Tal disciplina é fundamental para que os conceitos e categorias de análise sejam ampliados e problematizados, tendo como referências as experiências no campo de estágio.

Estágio Curricular Supervisionado Escolar III (ECS Escolar III) - Educação Física Escolar, Adolescências e Juventudes: ofertado no 7º período, com 120 horas – *Observação, investigação e regência no Ensino Fundamental (anos finais).*

A especificidade do ECS-Escolar III dá-se pela investigação sobre os sentidos das Adolescências e das Juventudes a partir das relações desses sujeitos com a escola e a Educação Física. Nessa perspectiva, o/a discente será encorajado/a a refletir sobre o ensino da Educação Física, a problematizar e propor práticas pedagógicas no Ensino Fundamental (anos finais). Importa salientar a articulação com a disciplina correlata denominada "Educação Física Escolar, Adolescências e Juventudes", que deve ser cursada obrigatoriamente no mesmo período em que o/a discente se matricular no ECS-Escolar III. Tal disciplina é fundamental para que os conceitos e categorias de análise sejam ampliados e problematizados, tendo como referências as experiências no campo de estágio.

Estágio Curricular Supervisionado Escolar IV(ECS Escolar IV)- Educação Física Escolar, Jovens, Adultos e Idosos: ofertado no 8º período, com 120 horas. - *Observação, investigação e regência no Ensino Médio e na Educação de Jovens e Adultos.*

A especificidade do Estágio Supervisionado Escolar IV dá-se pela investigação sobre os sentidos das Juventudes, das vidas adultas e das velhices a partir das relações desses sujeitos com a escola e a Educação Física. Nessa perspectiva, o/a discente será encorajada/o a refletir sobre o ensino da Educação Física, a problematizar e a propor práticas pedagógicas nos tempos/espacos/práticas escolares ocupados por esses sujeitos. Nesse estágio é fundamental que também se investigue os variados percursos docentes de professores/as de Educação Física nas Escolas de Ensino Médio. Importa salientar a articulação com a disciplina correlata denominada "Educação Física Escolar na Educação de Jovens, Adultos e Idosos", que deve ser cursada obrigatoriamente no mesmo período em que o/a discente se matricular no ECS-Escolar IV. Tal disciplina é fundamental para que os conceitos e categorias de análise sejam ampliados e problematizados, tendo como referências as experiências no campo de estágio.

4.7.2 Estágio Curricular Supervisionado Não Escolar (ECS-Não Escolar)

Os estágios realizados em espaços não escolares visam contemplar os eixos articuladores de formação propostos pela Resolução nº6 de 18 de dezembro de 2018 que institui as Diretrizes Curriculares Nacionais dos Cursos de Graduação em Educação Física, como apontado no Art. 20:

Art. 20 A formação do Bacharel em Educação Física, para atuar nos campos de intervenção citados no caput do Art. 10, deverá contemplar os seguintes eixos articuladores:

I - **saúde:** políticas e programas de saúde; atenção básica, secundária e terciária em saúde, saúde coletiva, Sistema Único de Saúde, dimensões e implicações biológica, psicológica, sociológica, cultural e pedagógica da saúde; integração ensino, serviço e

comunidade; gestão em saúde; objetivos, conteúdos, métodos e avaliação de projetos e programas de Educação Física na saúde;
 II- **esporte**: políticas e programas de esporte; treinamento esportivo; dimensões e implicações biológica, psicológica, sociológica, cultural e pedagógica do esporte; gestão do esporte; objetivos, conteúdos, métodos e avaliação de projetos e programas de esporte; e
 III - **cultura e lazer**: políticas e programas de cultura e de lazer; gestão de cultura e de lazer; dimensões e implicações biológica, psicológica, sociológica, cultural e pedagógica do lazer; objetivos, conteúdos, métodos e avaliação de projetos e programas de Educação Física na cultura e no lazer.

Além dos princípios das Diretrizes Curriculares Nacionais dos Cursos de Graduação em Educação Física, os estágios estão em consonância com os eixos curriculares da formação em bacharelado dos cursos de Educação Física da UEMG, são eles: Saúde; Lazer e Cultura; Educação e Esporte. Cabe registrar que estes eixos foram elaborados coletivamente e aprovados no Fórum dos Cursos de Educação Física da UEMG como consta na Ata do mês de junho de 2021.

No que tange a organização do estágio não escolar, os mesmos foram pensados a partir de campos de atuação na área de Educação Física respeitando a carga horária mínima estabelecida pela Diretrizes Curriculares Nacionais dos Cursos de Graduação em Educação Física que é de 20% da carga horária referencial como consta no Art. 22 da Resolução nº6 de 2018. Tais estágios contemplam o setor público, privado e o terceiro setor, conferindo às/aos discentes, a possibilidade de desenvolver competências e habilidades no local de estágio paralelamente às reflexões estabelecidas em sala de aula a partir das disciplinas correlatas. Uma vez inseridas/os no campo poderão assumir, mediante supervisão, as funções de observar, diagnosticar, planejar, organizar, elaborar, ministrar, orientar, monitorar e avaliar práticas corporais diversas em espaços não escolares.

Os referidos estágios totalizam 660 horas divididas em três etapas em espaços não escolares mais uma etapa que consiste no Estágio Integrado. Abaixo encontram-se as ementas e a respectiva forma em que foram organizados:

Estágio Curricular Supervisionado Não Escolar I - Políticas Públicas de Lazer, Cultura e Esporte: ofertado no 7º período com carga horária de 150 horas tem a disciplina Políticas Públicas de Lazer, Cultura e Esporte como correlata.

Esse estágio apresenta as iniciativas governamentais e não governamentais como possibilidade de atuação profissional na Educação Física. Os/as estudantes irão observar o campo e suas respectivas peculiaridades, bem como, poderão assumir, mediante supervisão, diferentes funções que competem ao/à trabalhador/a da Educação Física.

Dessa forma, esse estágio abordará: o estudo da atuação do/da profissional nas políticas públicas em Educação Física, Esporte e Lazer e suas implicações na sociedade contemporânea; as práticas de ensino em programas sociais de lazer, cultura e esporte para todas as faixas etárias; a atuação de professores e professoras de Educação Física em espaços de gestão e decisão de políticas públicas e coordenações de ONGs e associações; a atuação profissional em lazer, cultura e esporte em secretarias Municipais, Estaduais e Federais; a atuação de professores e professoras de Educação Física em programas sociais em tempos de pandemia; o ensino de práticas corporais em espaços comunitários e os conceitos e aplicação de animação cultural e mobilização comunitária.

Estágio Curricular Supervisionado Não Escolar II - Métodos e Processos de Treinamento de Práticas Corporais: ofertado no 8º período com carga horária de 150 horas tem a disciplina Métodos e Processos de Treinamento de Práticas Corporais como correlata.

O estágio nesse setor consiste na intervenção supervisionada do/a aluno/a no segmento do Treinamento de Práticas Corporais. Para isso, será necessário o estudo da atuação profissional no ensino-aprendizagem de métodos e processos de treinamento de práticas corporais, considerando os

diferentes objetivos no desenvolvimento de capacidades físicas, da técnica, de aspectos psicológicos e da tática. Nessa direção a intervenção poderá acontecer em locais como: Academias de Ginástica e de Musculação; Centros de Treinamento Esportivo; Clubes esportivos; Confederações e Federações Desportivas; Escolas de Esportes; Espaços de prática de Treinamento Funcional; Espaços de Aulas coletivas e individuais; Espaços de treinamento das práticas corporais em geral; Espaços de Treinamento Individualizado ou em Grupo; Espaços de prática e treinamento esportivo para pessoas com deficiência; Estúdios de Pilates; Estúdios de treinamento; Ginástica laboral.

Estágio Curricular Supervisionado Não Escolar III - Saúde Coletiva:
ofertado no 9º período, com carga horária de 180 horas tem a disciplina
Atenção Primária à Saúde como correlata.

O estágio nesse setor consiste na intervenção supervisionada do/a aluno/a no segmento da Saúde Coletiva nos setores primários, secundários ou terciários.

Para isso, se faz necessário o estudo da atuação profissional no campo da Saúde Coletiva, que comporta: a avaliação do contexto local e compreensão das necessidades e peculiaridades da comunidade; a elaboração, o ensino e a avaliação de Atividades Físicas/Práticas Corporais para diferentes grupos (saúde do/da trabalhador/a; saúde de pessoas com doenças crônicas; saúde das gestantes; saúde das/dos dependentes químicas/os e saúde de pessoas com transtornos mentais); e as práticas Integrativas Complementares em Saúde (PICS) como possibilidade de intervenção na promoção da saúde. Nessa direção a intervenção poderá acontecer em programas como: Núcleo Ampliado de Saúde da Família (NASF), Centro de Referência de Assistência Social (CRAS), Academia da Saúde (AS), Vida Saudável, Academias a Céu Aberto; Espaços utilizados na prevenção, promoção, manutenção e reabilitação da saúde; e Programas Hospitalares que abarcam o trabalho de

professores e professoras de Educação Física também são possibilidades de campo de estágio.

4.7.3 Estágio Curricular Supervisionado Integrado (ECS – Integrado)

Programas/projetos sociais e educacionais: ofertado no 10º período com carga horária de 180 horas tem a disciplina *Educação Física, Minorias Sociais e Inclusão* como correlata.

Esse estágio dialoga com a escola, com as minorias sociais, com as comunidades periféricas, e com as pessoas com deficiência.

Considerando o caráter ampliado deste PPC, entendemos o Estágio Curricular Supervisionado Integrado como a possibilidade do/da estudante compreender a docência em Educação Física de forma ampliada e como elemento central da sua formação. O objetivo deste estágio é fazer a articulação entre os diversos campos de atuação já vivenciados pelo(a)s discentes nos estágios curriculares supervisionados anteriores, e em espaços que denominamos como projetos e programas sociais e educacionais. A escolha destes espaços, além de compor de forma mais completa a vasta gama de locais de atuação dos/das futuros/as professores/as expressas até aqui, afirma nossa compreensão de Universidade e de Educação Física comprometidas com seu papel social.

O Estágio Curricular Supervisionado Integrado, observando o princípio da formação em Educação Física que prioritariamente atua com a docência em programas/projetos sociais e educacionais, que dialogam com a educação escolar de tempo integral e/ou em comunidades étnicas distintas e em espaços educativos que priorizam as minorias sociais. Para isso, faz-se necessário o diálogo e a problematização do respeito às diferenças, dos métodos e das estratégias para contribuição da formação docente com as lutas das minorias sociais e dos outros grupos periféricos (tal como quilombolas, comunidade ribeirinha e do campo, pessoas com deficiência,

povos originários, ciganos, negros, comunidade LGBTQIA+, entre outros), bem como observar as práticas pedagógicas, as interdições e os facilitadores.

4.8 Atividades Integradoras ou Práticas dos Componentes Curriculares / Prática de Formação Docente

As Atividades Integradoras (Resolução Nº 6, DE 18 DE DEZEMBRO DE 2018) ou Práticas dos Componentes Curriculares/Prática de Formação Docente (Resolução CNE/CP Nº 2, DE 20 DE DEZEMBRO DE 2019) são nomenclaturas utilizadas, respectivamente, para se referir a grupos de disciplinas que compõem e integram a formação de professores/as de Educação Física. Ambas estão relacionadas às construções próprias da atividade docente, articuladas ao conhecimento teórico e corresponde a 400 horas a serem vivenciadas pelos graduandos.

A relação desta dimensão da formação no nosso currículo se divide em dois contextos: das disciplinas referentes aos conteúdos culturais da Educação Física, tais como: os esportes, as danças, as lutas, os jogos, brinquedos e brincadeiras, as ginásticas, a capoeira, as práticas corporais de aventura na natureza, dentre outras práticas (práticas como componentes curriculares). O outro eixo está articulado com disciplinas específicas que tratam do desenvolvimento da prática docente em locais de ensino e aprendizagem (atividades integradoras – serão apontadas nesse documento). Desta forma, entende-se que a formação do/da professor/professora e a construção dos seus saberes devem estar articulados necessariamente a uma concepção ampliada de docência.

Essa concepção de formação/atuação ampliada do/a professor/a de Educação Física influencia a configuração da matriz curricular que se organiza a partir de diferentes experiências formativas que se dão no interior e ao longo do desenvolvimento das disciplinas, e também a partir dos espaços extracurriculares de formação. Desta forma, elegeu-se, além

das disciplinas que tratam especificamente dos conteúdos culturais da Educação Física, quatro disciplinas específicas para articular melhor o processo de ensino e aprendizagem. São elas:

- Atividades Integradoras 1: Escola e Formação de Professores
- Atividades Integradoras 2: Saúde Coletiva
- Atividades Integradoras 3: Programas de Lazer
- Atividades Integradoras 4: Esporte e Práticas Corporais

Esse grupo de disciplinas terá início no primeiro período e se findará no quarto período do curso, somando ao rol de disciplinas do núcleo comum de formação. Tal proposta justifica-se pela importância do/da docente em formação se aproximar, conhecer e discutir sobre algumas possibilidades de atuação na Educação Física, entendendo que esse campo apresenta vários elementos não visualizados, naturalizados e pouco discutidos/refletidos, e que poderão ser observados de um lugar privilegiado que é o momento da formação acadêmica. Permitirá também reconhecer as práticas corporais como produções socioculturais da nossa sociedade. É importante, ainda, que consigam compreender a possibilidade de articulação entre a escola e outras instituições de ensino.

Em anexo apresentamos os documentos relacionados à organização das Atividades Integradoras ou Práticas dos Componentes Curriculares/Prática de Formação Docente (ANEXO D). Cada atividade integradora será realizada em dois momentos: na Universidade, com aulas teóricas (em 27 horas-aula) e no campo (em 45 horas-aula), onde o professor da disciplina (Supervisor) acompanhará os estudantes. Nos locais de observação terão contato com professores (Tutores) que poderão contribuir com as observações, discussões e problematizações – tanto *in lócus*, como serem convidados para os debates na Universidade. As aulas na Universidade serão construídas no intuito de promover a reflexão sobre as observações realizadas no campo e na intenção de fomentar a compreensão do se tornar professor – como um processo formativo constante e não como algo dado a priori – independente do lugar de atuação.

Os campos de observação apresentados a seguir foram constituídos com o propósito de apresentar aos estudantes uma formação que contemple conteúdos e experiências relacionadas à área de educação em Saúde; educação no Esporte e lazer; gestão para o desenvolvimento de pessoas, das organizações e da sociedade; pesquisa e estudo das relações entre educação e saúde / educação e esporte e lazer; aspectos pedagógicos de iniciação às práticas corporais e esportivas; educação ambiental. Ressaltando as relações com seus intervenientes como a mídia, a política, a legislação, dentre outros.

1. Atividades Integradoras 1: Escola e Formação de Professores (Educação)

Partindo do pressuposto que a formação de professores/as é composta por vasto campo de conhecimentos, saberes, crenças, valores, cultura etc., pessoais e profissionais, a práxis pedagógica fica atrelada a essas experiências adquiridas em diferentes momentos da trajetória formativa e ao que se apresenta como realidade para a intervenção.

Nesse sentido, a atuação do/a professor/a de Educação Física, em diferentes espaços e contextos, deve levar em consideração, não só esses saberes apreendidos nas trajetórias pessoais e profissionais, mas também incorporar as demandas da sociedade de forma a contribuir para emancipação pessoal e coletiva.

As indagações que essa disciplina apresenta, se propõe a discutir e problematizar, estão apresentadas na ementa e se relacionam com “O que é ser professor?” e “A construção da identidade docente”. Tanto na teoria como em campo o olhar está nessa direção, sem perder de vista diferentes intervenientes que compõem essa construção: práticos, teóricos, cognitivos, emocionais, sociais, culturais, dentre outros.

2. Atividades Integradoras 2: Saúde Coletiva (Saúde)

Alguns currículos de formação em Educação Física sofreram e ainda sofrem influências de uma perspectiva unilateral de saúde priorizando, assim, os conhecimentos biológicos sobre os demais que compõem os estudos sobre as dimensões do corpo e as possíveis “ações” que ele pode realizar. Na mesma direção, a intervenção profissional privilegiou espaços e serviços que atende uma pequena parcela da população como, por exemplo: academias de ginástica, estúdios de treino individualizado, clubes, dentre outros.

Na tentativa de ampliar o campo de estudo, de constituição de experiências por meio da observação, de qualificar o processo formativo e de atuação profissional, compreendemos que a saúde deve pautar o currículo em Educação Física a partir de uma lógica contra hegemônica e que a conceba como um direito individual e coletivo. Assim, temos o entendimento que o processo de conscientização, promoção e manutenção da saúde é multifatorial, decorrente da valorização de diferentes dimensões da vida como: moradia, educação, transporte, alimentação, lazer, saneamento básico, dentre outros. Por isso a necessidade de um diálogo acadêmico e profissional, interdisciplinar.

A partir dessas concepções, percebemos que o curso de Educação Física possa exercer um papel importante para, não só ampliar o entendimento do que é saúde e as possibilidades de atuação que alcance um maior extrato da sociedade, como contribuir para que os/as estudantes, que estão no processo de formação docente, possam compreender esse contexto e colaborar para reposicioná-lo na sociedade.

Nesse sentido, entendemos que os estudos que forem tratar sobre saúde devem ter em mente: as políticas e programas de saúde; atenção básica, secundária e terciária; o Sistema Único de Saúde; academias de ginástica; gestão em saúde; projetos e programas de Educação Física; prescrição de treinamentos direcionados ao condicionamento físico e

prevenção e/ou tratamento de patologias clínicas; pesquisa em saúde, dentre outros.

3. Atividades Integradoras 3: Programas de Lazer e Cultura

Tendo como pressuposto que o lazer é uma dimensão da cultura, necessidade humana e direito social, o acesso de pessoas a tais experiências pode se relacionar ao exercício da educação, identidade, memória, saúde, divertimento, cidadania etc. Contudo, cultura e lazer são produções humanas que contém em si diferentes visões e abordagens de mundo.

Professores e professoras de Educação Física são, na sociedade contemporânea brasileira, convocados/as a intervir, pesquisar e produzir novos sentidos para as práticas de cultura e lazer, seja por meio do esporte, da dança, das brincadeiras e jogos, da Capoeira, das lutas ou das ginásticas, dentre outros conteúdos, até porque os tempos têm sido preenchidos com atividades que os distanciam delas, seja pela sobrecarga de trabalho, pelo cansaço, pelo estresse, pelo comodismo, pelas diferentes telas que distraem etc. Não que essas ações descaracterizem a livre utilização do tempo livre, mas pelos problemas sociais que algumas práticas de lazer podem causar.

Portanto, compreendemos que o currículo de formação deva contribuir para criar possibilidades de atuação a partir do reconhecimento, respeito e valorização da diversidade das culturas que se manifestam nas práticas de lazer. Os professores e as professoras de Educação Física têm um amplo campo de atuação em clubes, prefeituras e outros níveis de governo, academias de ginástica, escolas, equipes de recreação, dentre outras. Compreendemos que tal atuação deve pautar o duplo aspecto educativo do lazer: educação para o lazer como forma de contemplar novas experiências e a educação pelo lazer como mediação pedagógica.

4. Atividades Integradoras 4: Esporte e Práticas Corporais

O esporte e as práticas corporais podem ser compreendidos como fenômenos sociais que se articulam a diferentes áreas. Por este motivo, é possível encontrar estudos sobre essa temática nos contextos da sociologia, da história, do direito, da comunicação, da economia, da educação, dentre outras. Entendemos que um lugar privilegiado para pensá-los são os cursos de Educação Física nos quais são abordados em diferentes momentos da formação, por meio de várias disciplinas, que propõem estudos teóricos, práticas vivenciais e de ensino.

No Brasil, o esporte e as práticas corporais são divulgadas e promovidas por diferentes níveis de governo devido sua previsão como direito constitucional – apesar de algumas legislações estarem direcionada à prática do futebol que é um fenômeno sociocultural que merece destaque nesses estudos. O esporte e as práticas corporais fazem parte da cultura humana, por isso suas produções estão orientadas por diversas visões e abordagens de mundo. Como fenômeno social, elas dialogam com as questões de gênero, étnico-raciais, religião, mídia, política, drogas, economia, classe social, povos originários, etariedade, inclusividade, orientação sexual, dentre outros. Essas relações apresentam diferentes possibilidades de pensá-las e vivenciá-las como um dos componentes da formação humana.

Reconhecendo o esporte e as práticas corporais como produção humana, a presença desses conteúdos nos currículos de formação em Educação Física é uma oferta necessária para construção de reflexões sobre os diferentes espaços que contam com a atuação do/a professor/a como, por exemplo: políticas e programas de esporte; avaliação do condicionamento físico-esportivo; campos de treinamento físico-esportivo para desempenho; campos de treinamento e práticas esportivas para lazer e saúde; pesquisa no esporte; gestão do esporte, clubes, escolinhas, ONGs, dentre outros.

4.9 Trabalho de Conclusão de Curso

No Projeto Pedagógico do Curso da Educação Física o campo da pesquisa para realização do Trabalho de Conclusão de Curso – TCC será constituído por meio das disciplinas “Metodologia do trabalho científico”, “Pesquisas em Educação Física”, “Projeto de pesquisa”, “Trabalho de Conclusão de Curso”. Será indicado um professor responsável pelo planejamento, organização e execução destas disciplinas com encargos didáticos específicos para esta função. Outros espaços também poderão contribuir para ampliar e fortalecer diferentes metodologias de pesquisa como: outras disciplinas do currículo, a participação em grupos de pesquisa, projetos extensionistas, estágios, dentre outros, ou seja, espaços que se dedicarem à pesquisa.

Pensar o campo científico e a produção do conhecimento por meio da trajetória acadêmica, mesmo que não se encerre nela, demanda reconhecer o sentido que essas produções podem proporcionar para a constituição da identidade pessoal e profissional. Saberes são produzidos por indivíduos em suas trajetórias (tempo), inseridos em diferentes ambientes e contextos. Por isso, reconhecer essa diversidade de possibilidades pode legitimar não só as pesquisas, mas os sujeitos pesquisados, as metodologias utilizadas, os resultados, o(a) pesquisador(a), dentre outros.

Nesse sentido, os TCCs produzidos neste curso poderão assumir formatos de monografia, artigo, memorial, portfólios e outros formatos desde que sigam as orientações disponíveis e atendam ao Regulamento de Trabalho de Conclusão de Curso (ANEXO E) deste PPC.

4.10 Extensão como Componente Curricular

A extensão Universitária, ao lado da pesquisa e do ensino, faz parte da tríade indissociável que sustenta o projeto de Universidade pública no Brasil. Ela está garantida pela Constituição Federal de 1988 e pela Constituição Mineira. Expressa-se pelo diálogo que as Instituições fazem com a

comunidade em diversos níveis e é desafio permanente entre docentes do ensino superior ao longo de todo território nacional.

As ações de extensão desenvolvidas no curso de Educação Física da UEMG/Unidade Ibirité acontecem desde 2014, pautadas pelo conceito de extensão apresentado pelo Fórum de Pró-reitores de Extensão das Universidades brasileiras que estabelece:

A Extensão Universitária, sob o princípio constitucional da indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão, é um processo interdisciplinar, educativo, cultural, científico e político que promove a interação transformadora entre Universidade e outros setores da sociedade (FORPROEX, 2012, p.42).

Sendo assim, a publicação da Resolução CNE/CES nº7 de dezembro de 2018, que institui as Diretrizes para a Extensão na Educação Superior Brasileira, trouxe à tona novas perspectivas e antigos desafios, ao indicar a necessidade de incluir a Extensão nos currículos, sob a forma de componente curricular obrigatório. Para o cumprimento do disposto neste documento, os cursos de graduação devem destinar às atividades de extensão, no mínimo 10% (dez por cento) da carga-horária total prevista no Projeto Pedagógico do Curso.

A reivindicação deste espaço nos currículos vem de ampla discussão no âmbito das Universidades e da sociedade civil organizada. Refuta-se o caráter acessório ou assistencialista que muitas vezes é dado à Extensão Universitária e evidencia-se seu potencial de transformação da sociedade. Esta nova perspectiva implica em substituir a hegemonia do discurso acadêmico pelo diálogo horizontal com os saberes produzidos pelos diferentes setores da sociedade.

Entre os desafios que se apresentam, está o de assumir que não se trata apenas do cumprimento do dispositivo legal. Será necessário reconhecer na Extensão o potencial de construir conhecimentos por meio do diálogo

entre os saberes disciplinares e os socialmente produzidos. Nesse sentido, o papel transformador da Extensão está em sua capacidade de democratizar o conhecimento acadêmico na sociedade e ao mesmo tempo apreender novos olhares, novas formas de fazer, novos saberes, que permitam gerar novas pesquisas, atualizar currículos, práticas de ensino e gestão (DEUS, 2020).

Neste sentido, a indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão ganha novos contornos. Na relação com o ensino, a extensão coloca o/a estudante como protagonista de sua formação técnica e de sua formação cidadã. Já a pesquisa, passa a ser pautada pela possibilidade de produção de conhecimento a partir do diálogo universidade/comunidade, por meio de metodologias inclusivas e participativas, tendo como questão central identificar o que deve ser pesquisado e para quais fins e interesses se buscam novos conhecimentos (FORPROEX, 2001).

Concebemos esta interação dialógica como um dos princípios fundamentais da Extensão Universitária por meio da qual os conhecimentos instituídos são transmitidos, testados e reelaborados. Este movimento de mão dupla, é campo fértil para inúmeras transformações da sociedade e da própria Universidade Pública. Reconhecemos ainda, que as transformações aqui almejadas, só serão possíveis se a Universidade estiver envolvida e empenhada em institucionalizar a extensão com os mesmos rigores e limites impostos aos outros componentes formativos.

Nesse sentido, esse componente curricular terá professores/as designados pelo departamento, com encargos didáticos, que serão responsáveis pela orientação e suporte das atividades desde o início do curso. Além disso, serão responsáveis também pela conferência da documentação, validação e registro da carga horária para a integralização das horas.

As reflexões feitas até aqui, fundamentam-se nos documentos produzidos pelos Fóruns Nacionais e Regionais de Pró-reitores de Extensão e

nortearam as escolhas para organização e definição de critérios para a curricularização da extensão conforme regulamento em anexo (ANEXO F). Todas as questões referentes à extensão, não citadas no regulamento específico, serão analisadas pelo colegiado do curso.

4.11 Estrutura Curricular

1º Período										
Componentes Curriculares	GRUPOS	Núcleo	Tipo	Carga Horária			Hora Aula	Hora Relógio	Créditos	Pré-requisito
				Teórica	Prática					
Citologia e Histologia	2	Básico	Obrigatória	36	0	0	36	30	2	
Anatomia Aplicada à Educação Física	2	Básico	Obrigatória	36	36	0	72	60	4	
Formação e Atuação em Educação Física	2	Básico	Obrigatória	36	0	0	36	30	2	
História da Educação Física	1	Básico	Obrigatória	72	0	0	72	60	4	
Jogos, Brinquedos e Brincadeiras*	2 e 3	Básico	Obrigatória	54	0	18	72	60	4	
Leitura e Produção Textual	1	Básico	Obrigatória	36	0	0	36	30	2	
Sociedade, Educação e Tecnologias I	1	Básico	Obrigatória	18	18	0	36	30	2	
Atividades Integradoras 1: Escola e Formação de Professores	3	Básico	Obrigatória	18	0	54	72	60	4	
TOTAL				342	18	72	432	360	24	
Extensão								45	3	
Estudos Integradores								45	3	
TOTAL SEMESTRE				342	18	72	432	450	30	

2º Período										
Componentes Curriculares	GRUPOS	Núcleo	Tipo	Carga Horária			Hora Aula	Hora Relógio	Créditos	Pré-requisito
				Teórica	Prática					
Atletismo*	2 e 3	Básico	Obrigatória	36	18	18	72	60	4	
Bioquímica	2	Básico	Obrigatória	72	0	0	72	60	4	
Saúde, Sociedade e Educação Física	2	Básico	Obrigatória	36	0	0	36	30	2	
Metodologia do Trabalho Científico	1	Básico	Obrigatória	36	0	0	36	30	2	
Introdução à Filosofia	1	Básico	Obrigatória	72	0	0	72	60	4	
Sociologia das Práticas Corporais	2	Básico	Obrigatória	72	0	0	72	60	4	
Atividades Integradoras 2: Saúde Coletiva	3	Básico	Obrigatória	18	0	54	72	60	4	
TOTAL				360	0	72	432	360	24	
Extensão								45	3	
Estudos Integradores								45	3	
TOTAL SEMESTRE				360	0	72	432	450	30	

3º Período										
Componentes Curriculares	GRUPOS	Núcleo	Tipo	Carga Horária			Hora Aula	Hora Relógio	Créditos	Pré-requisito
				Teórica	Prática					
Libras	1	Básico	Obrigatória	36	0	0	36	30	2	
Educação Física, Culturas Afrobrasileiras e Indígenas*	2	Básico	Obrigatória	36	0	36	72	60	4	
Fisiologia Humana	2	Básico	Obrigatória	72	0	0	72	60	4	Bioquímica
Pesquisas em Educação Física	2	Básico	Obrigatória	36	0	0	36	30	2	Metodologia do Trabalho Científico
Introdução à Antropologia	1	Básico	Obrigatória	72	0	0	72	60	4	
Estudos do Lazer*	3	Básico	Obrigatória	54	0	18	72	60	4	
Atividades Integradoras 3: Programas de Lazer	3	Básico	Obrigatória	18	0	54	72	60	4	
TOTAL				306	0	126	432	360	24	
Extensão								45	3	
Estudos Integradores								45	3	
TOTAL SEMESTRE				306	0	126	432	450	30	

4º Período										
Componentes Curriculares	GRUPOS	Núcleo	Tipo	Carga Horária			Hora Aula	Hora Relógio	Créditos	Pré-requisito e *correquisito
				Teórica	Prática					
Comportamento Motor	2	Básico	Obrigatória	72	0	0	72	60	4	
Educação Física, Inclusão e Práticas Corporais Adaptadas	1	Básico	Obrigatória	72	0	0	72	60	4	
Danças*	2 e 3	Básico	Obrigatória	18	0	54	72	60	4	
Fisiologia do Exercício	2	Básico	Obrigatória	54	0	18	72	60	4	Fisiologia Humana
Cinesiologia	2	Básico	Obrigatória	36	0	0	36	30	2	Fisiologia Humana
Práticas Corporais e Meio Ambiente *	2	Básico	Obrigatória	36	0	0	36	30	2	
Atividades Integradoras 4: Esportes e Práticas Corporais	3	Básico	Obrigatória	18	0	54	72	60	4	
TOTAL				324	0	108	432	360	24	
Extensão								45	3	
Estudos Integradores								45	3	
TOTAL SEMESTRE				324	0	108	432	450	30	

5º Período										
Componentes Curriculares	GRUPOS	Núcleo	Tipo	Carga Horária			Hora Aula	Hora Relógio	Créditos	Pré-requisito e **correquisito
				Teórica	Prática					
Psicologia da Educação	1	Específico Licenciatura	Obrigatória	72	0	0	72	60	4	
Didática	1	Específico Licenciatura	Obrigatória	72	0	0	72	60	4	
Ginásticas*	2 e 3	Integrado	Obrigatória	18	0	54	72	60	4	
Educação Física e Organização Escolar	1	Específico Licenciatura	Obrigatória	36	0	0	36	30	2	
História da Educação	1	Específico Licenciatura	Obrigatória	36	0	0	36	30	2	
Sociedade Educação e Tecnologias II	1	Integrado	Obrigatória	18	18	0	36	30	2	
Optativa 1	2	Integrado	Optativa	72			72	60	4	
Urgências e Emergências Aplicadas à Educação Física	2	Integrado	Obrigatória	18	18	0	36	30	2	
TOTAL				342	36	54	432	360	24	
Estágio Curricular Supervisionado Escolar I: Educação Física e organização escolar	3							120	8	**Educação Física e Organização Escolar
Extensão								15	1	
Estudos Integradores								30	2	
TOTAL SEMESTRE				342	36	54	432	525	35	

6º Período										
Componentes Curriculares	GRUPOS	Núcleo	Tipo	Carga Horária			Hora Aula	Hora Relógio	Créditos	Pré-requisito e **correquisito
				Teórica	Prática					
Educação Física Escolar e Infâncias	1	Específico Licenciatura	Obrigatória	36	0	0	36	30	2	
Pedagogia do Esporte		Específico Bacharelado	Obrigatória	36	0	0	36	30	2	
Biomecânica		Específico Bacharelado	Obrigatória	54	18	0	72	60	4	Cinesiologia
Atividade Física, Práticas Corporais e Envelhecimento		Específica Bacharelado	Obrigatória	72	0	0	72	60	4	
Educação Física, Teorias Pedagógicas e Construção Curricular	1	Específico Licenciatura	Obrigatória	72	0	0	72	60	4	
Optativa 2	2	Integrado	Optativa	72	0	0	72	60	4	
Psicologia do Esporte*		Específico Bacharelado	Obrigatória	72	0	0	72	60	4	
TOTAL				414	18	0	432	360	24	
Estágio Curricular Supervisionado Escolar II: Educação Física Escolar e Infâncias	3							120	8	**Educação Física Escolar e Infâncias
Extensão								15	1	
Estudos Integradores								30	2	
TOTAL SEMESTRE				414	18	0	432	525	35	

7º Período										
Componentes Curriculares	GRUPOS	Núcleo	Tipo	Carga Horária			Hora Aula	Hora Relógio	Créditos	Pré-requisito e **correquisito
				Teórica	Prática					
Práticas Esportivas I	2 e 3	Integrado	Obrigatória	54	0	18	72	60	4	
Treinamento Esportivo	2	Integrado	Obrigatória	72	0	0	72	60	4	Fisiologia do Exercício
Políticas Públicas de Educação	1	Específico Licenciatura	Obrigatória	72	0	0	72	60	4	
Políticas Públicas de Lazer, Cultura e Esporte		Específico Bacharelado	Obrigatória	36	0	0	36	30	2	
Projeto de Pesquisa	2	Integrado	Obrigatória	36	0	0	36	30	2	Pesquisas em Educação Física
Educação Física Escolar, Adolescências e Juventudes	1	Específico Licenciatura	Obrigatória	36	0	0	36	30	2	
TOTAL				306	0	18	324	270	18	
Estágio Curricular Supervisionado Escolar III: Educação Física Escolar, Adolescências e Juventudes	3							120	8	**Educação Física Escolar, adolescencias e Juventudes
Estudos Integradores								30	2	
Extensão								15	1	
Estágio Curricular Supervisionado Não Escolar I: Políticas Públicas de Lazer, Cultura e Esporte								150	10	**Políticas Públicas de Lazer, Cultura e Esporte

TOTAL SEMESTRE				306	0	18	324	585	39	
----------------	--	--	--	-----	---	----	-----	-----	----	--

8º Período										
Componentes Curriculares	GRUPOS	Núcleo	Tipo	Carga Horária			Hora Aula	Hora Relógio	Créditos	Pré-requisito e **correquisito
				Teórica	Prática					
Políticas Públicas de Saúde		Específico Bacharelado	Obrigatória	72	0	0	72	60	4	
Atividades Aquáticas	2 e 3	Integrado	Obrigatória	54	0	18	72	60	4	
Medidas e Avaliação		Específico Bacharelado	Obrigatória	54	18	0	72	60	4	
Optativa 3	2	Integrado	Optativa	72	0	0	72	60	4	
Educação Física Escolar, Jovens, Adultos e Idosos	1	Específico Licenciatura	Obrigatória	36	0	0	36	30	2	
Métodos e Processos de Treinamento de Práticas Corporais		Específico Bacharelado	Obrigatória	36	0	0	36	30	2	
TOTAL				324	18	18	360	300	20	
Estágio Curricular Supervisionado Escolar IV: Educação Física Escolar, Jovens Adultos e Idosos	3							120	8	**Educação Física Escolar, Jovens, Adultos e Idosos
Estágio Curricular Supervisionado Não Escolar II: Métodos e Processos de Treinamento de Práticas Corporais								150	10	**Métodos e Processos de Treinamento de Práticas Corporais
Extensão								15	1	

Estudos Integradores								30	2	
TOTAL SEMESTRE				324	18	18	360	615	41	

9º Período										
Componentes Curriculares	GRUPOS	Núcleo	Tipo	Carga Horária			Hora Aula	Hora Relógio	Créditos	Pré-requisito e **correquisito
				Teórica	Prática					
Lutas	2 e 3	Integrado	Obrigatória	54	0	18	72	60	4	
Sociologia da Educação	1	Específico Licenciatura	Obrigatória	72	0	0	72	60	4	
Práticas Esportivas II	2 e 3	Integrado	Obrigatória	54	0	18	72	60	4	
Optativa 4	2	Integrado	Optativa	72	0	0	72	60	4	
Atenção Primária à Saúde		Específico Bacharelado	Obrigatória	36	0	0	36	30	2	
TOTAL				288	0	36	324	270	18	
Estágio Curricular Supervisionado Não Escolar III: Saúde Coletiva								180	12	**Atenção Primária à Saúde
Extensão								15	1	
Estudos Integradores								30	2	
TOTAL SEMESTRE				288	0	36	324	495	33	

10º Período										
Componentes Curriculares	GRUPOS	Núcleo	Tipo	Carga Horária			Hora Aula	Hora Relógio	Créditos	Pré-requisito e **correquisito
				Teórica	Prática					
Educação Física, Minorias Sociais e Inclusão	2	Integrado	Obrigatória	36	0	0	36	30	2	
Optativa 5	2	Integrado	Optativa	72	0	0	72	60	4	
Optativa 6	2	Integrado	Optativa	72	0	0	72	60	4	
Eletiva	2	Integrado	Eletiva	72	0	0	72	60	4	
Trabalho de Conclusão de Curso	2	Integrado	Obrigatória	0	0	0	36	30	2	Projeto de Pesquisa
TOTAL				252	0	0	288	240	16	
Estágio Curricular Supervisionado Integrado: Programas/projetos sociais e educacionais	3							180	12	**Educação Física, minorias sociais e inclusão
Extensão								15	1	
TOTAL SEMESTRE				252	0	0	288	435	29	

4.12 Ementas das Disciplinas Obrigatórias

Citologia e Histologia

Introdução à célula eucariota animal; membrana plasmática: estrutura e especializações; comunicação celular e citoesqueleto. Histofisiologia dos tecidos: epitelial, conjuntivo comum, adiposo, cartilaginoso, ósseo, muscular e nervoso.

Bibliografia Básica

GITIRANA, L.B. **Histologia**: conceitos básicos dos tecidos. 2. ed. São Paulo: Atheneu, 2007.

JUNQUEIRA, L.C. U; CARNEIRO, J. **Biologia celular e Molecular**. 8. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2005.

JUNQUEIRA, L.C. U; CARNEIRO, J. **Histologia Básica**. 11. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2008.

Bibliografia Complementar

ALBERTS, B. et al. **Biologia Molecular da Célula**. 5. ed. Porto Alegre: Artmed, 2010.

CORDEIRO, C. F. **Fundamentos de Biologia Molecular e Celular**. 1. ed. Curitiba: Inter Saberes, 2020.

NEIVA, G. **Histologia**. 1. ed. São Paulo: Pearson, 2015.

ROSS, M. H; PAWLINA, W. **Histologia**: texto y atlas. Buenos Aires: Panamericana, 2004.

SOBOTTA, J. **Sobotta**: atlas de histologia, histologia e anatomia microscópica. 6. Ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2003.

Anatomia Aplicada à Educação Física

Corpo humano com ênfase no aparelho locomotor. Organização e estudo das peças anatômicas isoladas. Princípios gerais em anatomia.

Bibliografia Básica

DÂNGELO, J.G.; FATTINI, C.A. Anatomia Humana Sistêmica e Segmentar. 3ª edição. São Paulo: Editora Atheneu, 2011.

DÂNGELO, J.G.; FATTINI, C.A. Anatomia Básica dos Sistemas Orgânicos. 2ª edição. São Paulo: Editora Atheneu, 2002.

SOBOTTA, J. Coleção atlas de anatomia humana – 3 vol. 23ª Ed. Guanabara Koogan, 2013.

Bibliografia Complementar

KOPF-MAIER, P; WOLF-HEIDEGGER, G. Atlas de Anatomia Humana. 5ª ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2000.

FREITAS, Valdemar de. Anatomia – Conceitos e Fundamentos. São Paulo: Artmed, 2004.

HERLIHY, Bárbara; MAEBIUS, Nancy K. Anatomia e Fisiologia do Corpo Humano Saudável e Enfermo. 1ed. São Paulo: Manole, 2002.

MACHADO, Ângelo. Neuroanatomia Funcional. Rio de Janeiro/São Paulo: Atheneu, 1991.

MOORE, Keith L.. Anatomia Orientada para a Prática Clínica. 4ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2001.

Formação e Atuação em Educação Física

Apresentação do Projeto Pedagógico do Curso de Educação Física da UEMG unidade Ibirité. Estudo sobre o processo formativo e as possibilidades de atuação dentro do campo da Educação Física. Reflexões sobre o processo de constituição da identidade profissional/docente. Educação Física como campo de intervenção profissional e docente em Espaços Escolares e Não Escolares. Compreensão da Educação Física como área que aborda as práticas corporais em suas dimensões culturais, sociais e biológicas.

Bibliografia Básica

DAYRELL, J.. **Múltiplos olhares sobre educação e cultura**. Belo Horizonte: UFMG, 1996.

MARCELO GARCÍA, C. **Formação de professores**: para uma mudança educativa. Porto: Porto, 1999.

TOJAL, J. B.; BARBOSA, A. P. **A ética e a bioética na preparação e na intervenção do profissional de Educação Física**. Belo Horizonte: Casa da Educação Física, 2006.

Bibliografia Complementar

BETTI, M. **Educação Física escolar**: ensino e pesquisa-ação. 2. ed. Ijuí: Unijuí, 2015.

BRACHT, V. **Educação Física e Ciência**: cenas de um casamento (in)feliz. Ijuí: Unijuí, 2007.

DAOLIO, J. **Da cultura do corpo**. Campinas: Papirus. 2013.

DUBAR, C. **A Crise das Identidades**: a interpretação de uma mutação. São Paulo: EDUSP, 2009.

CARVALHO, Y. M.; RUBIO, K. **Educação Física e ciências humanas**. São Paulo: Hucitec, 2001.

História da Educação Física

Diálogos possíveis entre os campos científicos da História e da Educação Física. Contribuições da História para refletir sobre a Educação Física e o Esporte na sociedade moderna e na escola. A educação do corpo e as práticas corporais na história das sociedades. Investigação da história da Educação Física e de seu conhecimento específico.

Bibliografia Básica

MELO, V. **História da Educação Física e do Esporte no Brasil**: panorama e perspectivas. São Paulo: IBRASA, 1999.

SOARES, C. L. **Educação Física, raízes europeias e Brasil**. Campinas: Autores Associados, 1994.

VAGO, T. M. **Histórias de Educação Física na escola**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2010.

Bibliografia Complementar

CARVALHO, Y. M. de. RÚBIO, K. **Educação Física e ciências humanas**. São Paulo: Hucitec, 2001.

LINHALES, M. **A escola e o esporte**: uma história de práticas culturais. São Paulo: Cortez, 2009.

MELO, V. A.; PERES, F. F. **A Gymnastica no tempo do Império**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2014.

SOARES, C. L. **Pesquisas sobre o corpo**: ciências humanas e educação. Campinas, SP: Autores Associados, 2007.

VIGARELLO, G.; CORBIN, A.; COURTINE, J. (org.). **História do Corpo**. Petrópolis, RJ: Vozes, 3 volumes, 2008.

Jogos, Brinquedos e Brincadeiras

Abordagem do tema dos jogos, brinquedos e brincadeiras, compreendendo-os como conhecimentos e construções socioculturais produzidas legitimadamente pelas crianças. Discussão acerca dos sentidos e significados atribuídos a essas práticas, assim como sua importância na formação integral das pessoas. Conhecimento e vivência no ensino dos jogos, os brinquedos e as brincadeiras.

Bibliografia Básica

BENJAMIN, W. **Reflexões sobre a criança, o brinquedo e a educação**. Duas Cidades/Editora 34, 2004.

BROUGÈRE, G. **Brinquedo e Cultura**: Questões da nossa época. São Paulo: Cortez Editora, 2000.

DEBORTOLI, J. A. O.; MARTINS, M. F. A.; MARTINS, S. **Infâncias na metrópole**. Editora UFMG, 2008.

Bibliografia Complementar

DAYRELL, J. **A escola como espaço sociocultural**. Múltiplos olhares sobre educação e cultura. Belo Horizonte: UFMG, 136-161, 1996.

DEBORTOLI, J. A. As crianças e a brincadeira. In: CARVALHO; SALLES; GUIMARÃES (Org.) **Desenvolvimento e Aprendizagem**. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2002.p.7788.

FARIA, E. L. **Apesar de você**: o brincar no cotidiano na escola. Li cere, Belo Horizonte, v. 5, n.1, p.13-22, 2002.

GOMES, A. M. R.; GOUVÊA, M. C. S. A criança e a cidade: entre a sedução e o perigo. DEBORTLI, J.; MARTINS, M.; MARTINS, S. (Org.). **Infâncias na metrópole**. Belo Horizonte: Editora UFMG, p. 47-70, 2008.

MURTA, A. **Barangandã arco-íris**: 36 brinquedos inventados por meninos. Belo Horizonte: Lapa Cia. de Ação Cultural, 1997.

Leitura e Produção Textual

Tipos textuais e gêneros do discurso acadêmico, sua recepção e produção: os gêneros orais e escritos e suas configurações formais e semânticas. Procedimentos de citação. Produção e análise de gêneros da esfera acadêmica: resumo, resenha, projeto de pesquisa, ensaio, artigo

Bibliografia Básica

DIONISIO, Angela Paiva; MACHADO, Anna Rachel; BEZERRA, Maria Auxiliadora (org.). Gêneros textuais e ensino. 3. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005. 229 p.

KOCHE, Vanilda Salton; BOFF, Odete Maria Benetti; MARINELLO, Adiane Fogali. *Leitura e produção textual*: gêneros textuais do argumentar e expor. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

RIBEIRO, Ana Elisa. *Textos multimodais*: leitura e produção. São Paulo: Parábola Editorial, 2016. 128 p

Bibliografia Complementar

CORREA, V. L. **Leitura e produção de textos**. Curitiba: IESDE, 2008.

GERALDI, J. W. (Org.). **O texto na sala de aula: leitura e produção**. 2. ed. Cascavel: Assoeste, 1985.

PAREJA, C. J. M. **Leitura e escrita na era digital**. Curitiba: Fael, 2013.

SCHNEUWLY, B.; DOLZ, J. (Org.). **Gêneros orais e escritos na escola**. 3. ed. Campinas: Mercado de Letras, 2011.

TERRA, E. **Práticas de linguagem: leitura e produção de textos**. São Paulo: Scipione, 2001.

Sociedade, Educação e Tecnologias I

A informação e o conhecimento na estruturação e organização da sociedade contemporânea. Tecnologia como processo de transformação cultural e social. Abordagens metodológicas e epistemológicas na Educação mediada pelas Tecnologias Digitais. Educação e Tecnologia: saberes, práticas, habilidades. Fontes de informação na internet, produção e difusão do conhecimento. Avaliação e qualidade das fontes de informação na internet.

Bibliografia Básica

LÉVY, P. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 1999.

PINTO, Á. V. **O Conceito de Tecnologia**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2005.

TOMAÉL, M. I. **Fontes de informação na Internet**. Londrina: EDUEL, 2008.

Bibliografia Complementar

CASTELLS, M. **A sociedade em rede**. 2. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1999. 617p.

FEITOSA, S. T. **Informática na educação**: professor na atualidade. São Paulo: Érica, 2011.

KENSKI, V. M. **Educação e tecnologias**: O novo ritmo da informação. 8ª ed. Campinas, SP: Papirus, 2012.

LEVY, P. **As tecnologias da inteligência**: o futuro do pensamento na era da informática. São Paulo: Editora 34, 1993. 206 p.

LOCATEL, C. D.; AZEVEDO, F. F. **Espaço, Tecnologia e Globalização**. 2. ed. Natal: EDUFRRN, 2011.

Atividades Integradoras 1: Escola e Formação de Professores

Memórias sobre o processo de escolarização e sobre as influências para escolha da docência como profissão. O que é ser professor? Diálogos sobre os sujeitos, ambientes e contextos que compõem a prática pedagógica. A Educação e a Educação Física como elo de transformação social. A construção da identidade pessoal e profissional. Construção de conhecimentos acerca da especificidade do trabalho docente e da área da Educação Física em diferentes campos de conhecimento. Formação de professores e a necessidade da construção da autonomia docente e discente. Diálogos com o campo de atuação a partir das experiências trazidas e vivenciadas nas observações. Um olhar sobre a formação na universidade, suas contribuições e a necessidade da formação continuada.

Bibliografia Básica

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e terra, Coleção Leitura, 1996.

MARCELO GARCÍA, C. **Formação de Professores**: para uma mudança educativa. Coleção Ciências da Educação. Porto Editora, 2013.

TARDIF, M. **Saberes docentes e formação profissional**. Petrópolis: Editora Vozes. 17ª edição, 2014.

Bibliografia Complementar

BOSI, E. **Memória e Sociedade**: lembranças dos velhos. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1979.

DAYRELL, J. T. **Múltiplos olhares sobre Educação e cultura**. Belo Horizonte: UFMG, 2001.

SANTOS, B. S. **O fim do império cognitivo**: a afirmação das epistemologias de Sul. Ed. Almedina S.A. Coimbra, 2018.

ZATTI, V. **Autonomia e educação em Immanuel Kant e Paulo Freire**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2007.

ARROYO, Miguel G. **Imagens Quebradas**: Trajetórias e Tempos de Alunos e Mestres. Belo Horizonte: Vozes, 2004.

Atletismo

História, evolução e técnicas do atletismo. Corridas e Marchas – Fundamentos e processos pedagógicos. Corrida: modalidades; técnicas; regulamentação e aplicação aos diversos níveis de ensino na Educação Física Escolar. Saltos – Fundamentos e processos pedagógicos. Provas; técnicas; regulamentação e aplicação aos diversos níveis de ensino na Educação Física Escolar. Lançamentos e Arremessos – Fundamentos e processos pedagógicos. Provas; técnicas; regulamentação e aplicação aos diversos níveis de ensino na Educação Física Escolar. O Atletismo como conteúdo de conhecimento da Educação Física Escolar.

Bibliografia Básica

FERNANDES, J. L. **Atletismo**: arremessos. São Paulo: E. P. U, 1978.

FERNANDES, J. L. **Atletismo**: corridas. 3. ed. São Paulo: E. P. U, 2003.

FERNANDES, J. L. **Atletismo**: lançamentos e arremessos. São Paulo: E. P. U: 2003.

Bibliografia Complementar

AMBROSIO, M. P. et al. Jogos e brincadeiras: atletismo e ginástica. **Caderno Pedagógico**. Governo de Minas Gerais. (S/D).

MATTHIESEN, S. Q. **Atletismo**: teoria e prática. 2. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2017.

MATTHIESEN, S. Q. **Atletismo se aprende na escola**. 2. ed. Jundiaí: Fontoura, 2009.

KRING, R. F. **Atletismo nas escolas**: guia pratico de treinamento. 3. ed.-. São Paulo: Cultrix, 1982.

FERNANDES, José Luis. **Atletismo**: Os saltos. São Paulo: EPU, 2003.

Bioquímica

Propriedades das biomoléculas: água, aminoácidos, proteínas, lipídeos, carboidratos e ácidos nucleicos. Bioenergética celular.

Bibliografia Básica

CAMPBELL, Mary K. **Bioquímica**: Edição Universitária. 3a ed. Porto Alegre: ArtMed, 2000.

MCARDLE, W.D., KATCH, F.I. & KATCH V.L. **Fisiologia do Exercício** – Energia, Nutrição e Desempenho Humano. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2003.

LEHNINGER, Albert L.; NELSON, David L.; COX, Michael M. **Princípios de bioquímica**. São Paulo: Sarvier, 2002.

Bibliografia Complementar

BERG, J.M.; TYMOCZKO, J.L. & STRYER, L. **Bioquímica**. Editora Guanabara-Koogan, 2014.

VOET, D. & VOET, J.G. **Bioquímica**. Editora Artmed, 2013.

BERNE, Robert M. et al. **Fisiologia**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2000.

SANTOS, M^a A.. **Biologia Educacional**. São Paulo: Ática, 1995.

VIEIRA, Enio Cardillo; GAZZINELLI, Giovanni; MARES-GUIA, Marcos. **Bioquímica celular e biologia molecular**. São Paulo: Atheneu, 2002.

Saúde, Sociedade e Educação Física

Significados, definições e concepções de saúde. Saúde Coletiva e Saúde Pública: abordagens epistemológicas e especificidades. Relações entre saúde e os contextos sociais. Os determinantes sociais de saúde. Relações históricas e contemporâneas entre saúde e Educação Física. Promoção da saúde e qualidade de vida: conceitos e fatores determinantes. Práticas corporais, atividade física, prática de saúde e sua relação com o processo saúde-doença. Humanização da saúde.

Bibliografia Básica

FRAGA, Alex Branco; CARVALHO, Yara Maria; GOMES, Ivan Marcelo (Org.). **As Práticas Corporais no Campo da Saúde**. Rio de Janeiro, Hucitec Editora. 2012.

FREITAS, Fabiana Fernandes de. **A Educação Física no Serviço Público de Saúde**. São Paulo: Hucitec, 2007.

LUZ, Madel T. **Novos Saberes e Práticas em Saúde Coletiva**: estudo sobre racionalidades médicas e atividades corporais. 3ª ed. São Paulo: Hucitec, 2012.

Bibliografia Complementar

BAGRICHESVSKY, Marcos; PALMA, Alexandre; ESTEVÃO, Adriana (Orgs). **A Saúde em Debate na Educação Física**. Blumenau: Edibes, V.1, 2003. Disponível em: <http://pt.scribd.com/doc/62819024/Bagrichevsky-2003-A-saude-em-debate-na-educacaoofisica-volume-1>.

BAGRICHESVSKY, Marcos; PALMA, Alexandre; ESTEVÃO, Adriana (Orgs). **A Saúde em Debate na Educação Física**. Blumenau: Edibes, V.2, 2006. Disponível em: http://bvsmis.saude.gov.br/bvs/publicacoes/saude_debate_educacao_fisica_v2.pdf

CZERESNIA, Dina; FREITAS, Carlos Machado de. **Promoção da Saúde**: conceitos, reflexões, tendências. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ. 2016.

FRAGA, A.B & WACHS, F. (Org.) **Educação física e saúde coletiva**: políticas de formação e perspectivas de intervenção. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2007.

SILVA, Gelcemar Oliveira. **Educação, saúde e esporte** : novos desafios à Educação Física / Gelcemar Oliveira Silva, Juarez Vieira do Nascimento. - Ilhéus, BA : Editus, 2016. 352 p.

Metodologia do Trabalho Científico

Tipos de conhecimentos. Introdução ao conhecimento científico: história e desenvolvimento das ciências. Fundamentos da Investigação Científica: métodos e técnicas de pesquisa. Organização e Técnicas de Estudo. A redação Acadêmica: aplicação das Normas ABNT para trabalhos científicos.

Bibliografia Básica

FRANÇA, J. L. **Manual para normalização de publicações técnico-científicas**. 9.ed.. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013.

LAVILLE, Christian; DIONNE, Jean. **A construção do saber**: manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1999. Reimpressão 2008.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. 23. ed. São Paulo: Cortez, 2007.

Bibliografia Complementar

MARCONI, M. A., LAKATOS, E. M. **Metodologia do trabalho científico**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2001.

FACHIN, Odília. **Fundamentos de Metodologia**. 5.ed. São Paulo: Saraiva, 2006.

MEDEIROS, J. B. **Redação científica**: a prática de fichamentos, resumos, resenhas. 11. Ed. São Paulo: Atlas, 2011.

MATTAR, João. **Metodologia Científica na era da Informática**. 3.ed. São Paulo: Saraiva, 2008.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. 29. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

Introdução à Filosofia

Origens do pensamento ocidental: transição da cosmovisão mítica para filosofia; natureza do saber filosófico. A ideia de ciência na Antiguidade Clássica. Ciência moderna e fundamentação filosófica: racionalismo, empirismo e criticismo. Crítica da racionalidade instrumental. A educação e a dimensão ética do agir humano: teorias éticas; questões éticas atuais.

Bibliografia Básica

ARANHA, Maria Lúcia. **Filosofando**: introdução à filosofia. São Paulo: Moderna.

CHAUÍ, Marilena de Souza. **Convite à Filosofia**. São Paulo: Ática, 2001.

MARCONDES, Danilo. **Iniciação à História da Filosofia**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

Bibliografia Complementar

ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de filosofia**. Martins Fontes. São Paulo 1998.

DESCARTES, René. **Discurso do método**; As paixões da alma; Meditações. São Paulo: Nova Cultural, 1999.

HOBBS, Thomas. **Leviatã, ou, Matéria, forma e poder de um estado eclesiástico e civil**. São Paulo: Abril Cultural, 1974.

PLATÃO. **A República**. São Paulo: Nova Cultural, 1999.

REALE, Giovanna, ANTISERI, Dante. **História da filosofia**: antiguidade e Idade Média. 6ed. São Paulo: Paulus, 1990.

Sociologia das Práticas Corporais

Análise sociológica e antropológica das práticas corporais. Introdução à sociologia do lazer. As relações entre o fenômeno esportivo e sociedade contemporânea: mídia, violência, poder e mercado. A mulher nas práticas corporais. Práticas corporais e suas relações com as identidades de gênero, classe, étnicas, políticas e regionais. Jogos indígenas no Brasil. Introdução aos estudos sociológicos do futebol.

Bibliografia Básica

BRACHT, Valter. **Sociologia crítica do esporte**. Vitória: UFES, 1997.

GOELLNER, Silvana Vilodre. **Bela, maternal e feminina**: imagens da mulher na Revista Educação Física. Ijuí: Unijuí, 2003. 152 p. (Coleção Educação Física).

SOARES, Carmem Lúcia (org.). **Corpo e História**. São Paulo. Autores Associados, 2001.

Bibliografia Complementar

BOURDIEU, Pierre. **Como é possível ser esportivo?** In: . Questões de sociologia. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983. p.136-163.

CASTELLANI FILHO, Lino. **Educação Física no Brasil: a História que não se conta.** Campinas: Papirus, 2001.

SIBILIA, P. O homem pós-orgânico: A alquimia dos corpos e das almas à luz das tecnologias digitais Ed. Contraponto, 2015.

LE BRETON, David. **Adeus ao corpo.** Papirus Editora, 2003.

MELO, V. A.; DRUMOND, M. **Esporte e Cinema: novos olhares.** Rio de Janeiro: Apicuri, 2009.

Atividades Integradoras 2: Saúde Coletiva

Observação em campo dos processos cotidianos nos diferentes contextos relacionados à Saúde Coletiva. O trato com a saúde em espaços escolares e não escolares. A Saúde Coletiva como campo de conhecimento e intervenção profissional do/da professor/a de Educação Física em diferentes campos de atuação: Programa Saúde na Escola (PSE), Núcleo Ampliado de Saúde da Família (NASF); Academia da Saúde (AS); Vida Saudável (VS). O/a professor/a de Educação Física nas equipes multiprofissionais no Sistema de Saúde. A saúde como conteúdo da Educação Física Escolar e como tema transversal na escola.

Bibliografia Básica

FRAGA, Alex Branco; CARVALHO, Yara Maria; GOMES, Ivan Marcelo (Org.). **As Práticas Corporais no Campo da Saúde.** Rio de Janeiro, Hucitec Editora. 2012.

FREITAS, Fabiana Fernandes de. **A Educação Física no Serviço Público de Saúde.** São Paulo: Hucitec, 2007.

LUZ, Madel T. **Novos Saberes e Práticas em Saúde Coletiva:** estudo sobre racionalidades médicas e atividades corporais. 3ª ed. São Paulo: Hucitec, 2012.

Bibliografia Complementar

CZERESNIA, Dina; FREITAS, Carlos Machado de. **Promoção da Saúde**: conceitos, reflexões, tendências. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ. 2016.

FRAGA, A.B & WACHS, F. (Org.) **Educação física e saúde coletiva**: políticas de formação e perspectivas de intervenção. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2007.

SILVA, Gelcemar Oliveira. **Educação, saúde e esporte** : novos desafios à Educação Física / Gelcemar Oliveira Silva, Juarez Vieira do Nascimento. - Ilhéus, BA : Editus, 2016. 352 p.

SILVA, Paulo Sergio Cardoso da. **Profissional de Educação Física no Sus**: atuação com ciência e evidências. Editora CRV, 2021.

VILARTA, Roberto. **A promoção da saúde e a política nacional de saúde**: conceitos e aplicações dirigidos ao Programa de Formação Interdisciplinar Superior ProFIS. Campinas: IPES, 2012.

Libras

Percurso histórico-educacional dos surdos no Brasil e no mundo. Visões e mitos relacionados à surdez e aos surdos. Reconhecimento da Língua Brasileira de Sinais (Libras) como meio de expressão e comunicação da comunidade surda brasileira. Legislações na área da surdez. Educação Bilíngue e Inclusão Educacional de alunos surdos. Noções básicas sobre a estrutura linguística da Libras. Desenvolvimento da competência comunicativa, em nível básico, em relação à compreensão e à sinalização em Libras.

Bibliografia Básica

BOTELHO, P. **Linguagem e letramento na educação dos surdos?** Ideologia e práticas pedagógicas. Belo Horizonte: Autentica 2006.

FELIPE, T. A. **Libras em Contexto**: Curso Básico: Livro do Estudante / Tanya A. Felipe. 8ª. edição-Rio de Janeiro: WalPrint Gráfica e Editora, 2007.

PASSOS, R. **Aspectos linguísticos da surdez**. Belo Horizonte: UFMG. 2008.

Bibliografia Complementar

ALMEIDA, E. C.; DUARTE, P. M. **Atividades Ilustradas em Sinais de Libras**. Rio de Janeiro; Reivinter, 2004.

CAPOVILLA, F. C; RAPHAEL, W. D. In: **Dicionário enciclopédico ilustrado trilingue de sinais brasileira**. São Paulo: Edusp, vol. I e II.

GESUELI, Z.; KAUCHAKJES, S.; SILVA, I. **Cidadania, surdez e linguagem**: desafios e realidades. São Paulo; Plexos, 2003.

QUADROS, R. M. **Inclusão de surdos**: pela peça que encaixa neste quebra-cabeça. Santa Catarina: Editora da UFSC, 2007.

STROBEL, K. **As imagens do outro sobre a cultura surda**. Florianópolis. Editora UFSC. 4 ed., 2016.

Educação Física, Culturas Afrobrasileiras e Indígenas

O processo histórico, social e cultural do povo africano, o desenvolvimento da cultura afrobrasileira e indígena no Brasil. Influência de matrizes culturais africanas e indígenas no processo histórico de construção das identidades culturais do povo brasileiro, em especial, nas formas de divertimento. Análise, problematização e vivência de práticas corporais indígenas e afrodescendentes como componentes da Educação Física Escolar, e na atuação docente em projetos e programas sociais, e em outros espaços educativos. Problematização das práticas de exclusão, preconceito e racismo na sociedade brasileira e na escola.

Bibliografia Básica

SOUZA, M. M. **África e Brasil africano**. 2. ed. São Paulo: Ática, 2007.

CAPOEIRA, N. **Capoeira**: o novo manual do jogador. Rio de Janeiro: Edição do Autor, 2017.

VIZENTINI, P. F.; RIBEIRO, L. D. T.; PEREIRA, A. L. D. **História da África e dos africanos**. 3. ed., [1. reimpr.]. Petrópolis: Vozes, 2014.

Bibliografia Complementar

BARROS, J. D. **A construção social da cor**: diferença e desigualdade na formação da sociedade brasileira. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

SOARES, C. E. L. **A capoeira escrava e outras tradições rebeldes no Rio de Janeiro (1808-1850)**. 2. ed. Campinas: Ed. da Unicamp, 2004.

ALMEIDA, A. J. M. **Esporte e cultura**: esportivização de práticas corporais nos jogos dos povos indígenas. Brasília: Ideal, 2011.

Fisiologia Humana

Estudo dos mecanismos e funções gerais das células e sistemas fisiológicos e sua relação com a homeostasia e o ambiente. Identificação, análise, regulação e controle dos fenômenos físico-químicos e dos parâmetros fisiológicos.

Bibliografia Básica

GUYTON, A.C.; HALL, J.E. **Tratado de fisiologia médica**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan S.A, 12ª Ed, 2011.

AIRES, M. **Fisiologia**. Guanabara Koogan, 4ª Ed, 2012.

CONSTANZO, L. **Fisiologia**. Elsevier, 5ª Ed, 2014.

Bibliografia Complementar

GUYTON, A. C. & HALL, J. E. **Fisiologia humana e mecanismos das doenças**. 6ª edição. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2006.

BERNE, R. M.; LEVY, M. N. & KOEPEN, B. M. **Fisiologia**. 4ª edição. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2004.

DÂNGELO, J. G. & FATTINI, C. A. **Anatomia Humana Sistêmica e Segmentar**. 2ª edição. São Paulo: Atheneu, 2001.

MOORE, K. L. **Anatomia Orientada para a Prática Clínica**. 4ª edição. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2001.

WELSCH, U. Sobotta, **Atlas de Histologia**: citologia, histologia e anatomia microscópica. 7.ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2007. 259p.

Pesquisas em Educação Física

Apresentação dos tipos de pesquisa no campo da Educação Física. Introdução dos métodos quantitativos e qualitativos de investigação.

Bibliografia Básica

CRESWELL, Jonh W. **Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto**. 2 ed. Porto Alegre: Artmed, 2007.

BETH, M. **Educação Física escolar: ensino e pesquisa-ação**. Ijuí: Unijuí, 2009.

THOMAS, J. R. **Métodos de pesquisa em atividade física**. 3 ed. Porto Alegre: Artmed, 2002.

Bibliografia Complementar

FACHIN, Odília. **Fundamentos de Metodologia**. 5.ed. São Paulo: Saraiva, 2006.

MARCONI, M. A., LAKATOS, E. M. **Metodologia do trabalho científico**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2001.

MATTAR, João. **Metodologia Científica na era da Informática**. 3.ed. São Paulo: Saraiva, 2008.

MEDEIROS, J. B. **Redação científica: a prática de fichamentos, resumos, resenhas**. 11. Ed. São Paulo: Atlas, 2011.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Pesquisa social – Teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 2009

Introdução à Antropologia

O campo da Antropologia no interior das ciências sociais e humanas – sua especificidade. Estudo dos conceitos mais elementares da disciplina: cultura, alteridade, colonial idade, etnocentrismo, relativismo cultural e diversidade. Abordagem antropológica da corporeidade, dos sentidos e das emoções. Normalização e hiper estimulação dos corpos, dos afetos e dos humores face às pressões do tecno cosmos. Produção farmacológica dos processos de subjetivação.

Bibliografia Básica

LAPLANTINE, F. **Aprender antropologia**. São Paulo: Brasiliense, 2007.

LARAIA, R. B. **Cultura**: um conceito antropológico. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

LE BRETON, D. **A sociologia do corpo**. Petrópolis: Vozes, 2012.

Bibliografia Complementar

DAOLIO, J. **Da cultura do corpo**. Campinas: Papirus, 2001.

MELLO, L. G. **Antropologia cultural: iniciação, teoria e temas**. Petrópolis: Vozes, 2011.

MUCHAIL, S. T. **Foucault simplesmente**: textos reunidos. SP: Edições Loyola, 2004.

ROCHA, E.; RODRIGUES, J. C. **Corpo e Consumo**: roteiro de estudos e pesquisas. Rio de Janeiro: Editora PUC-Rio, 2012.

RODRIGUES, J. C. **O corpo na História**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 1999.

Estudos do Lazer

Concepções, conceitos e fundamentos do Lazer. Lazer como dimensão da vida e necessidade humana. Lazer e trabalho no contexto histórico e contemporâneo. Lazer, currículo e educação. Lazer e Cidade. Marcadores Sociais e as barreiras de acesso e permanência nas vivências de Lazer. Lazer e as Fases da Vida. Formação e Atuação Profissional em Lazer.

Bibliografia Básica

MELO, V. A.; ALVES JUNIOR, E. D. **Introdução ao lazer**. 2. ed. Barueri: Manole, 2012.

GOMES, C. L.; ISAYAMA, H. F. (Org.) **O direito social ao lazer no Brasil**. Campinas. Autores Associados. 2015.

STOPPA, E.; ISAYAMA, H. F. **O Lazer no Brasil**: representações e concretizações das vivências cotidianas. Campinas, Autores Associados, 2017.

Bibliografia Complementar

ISAYAMA, H. F. (Org.). **Lazer em estudo**: currículo e formação profissional. Campinas: Papirus, 2010.

MELO, V. A. **Lazer e minorias sociais**. São Paulo: IBRASA, 2003.

MARCELLINO, N. C. **Estudos do lazer**: uma introdução. Campinas, Autores Associados, 5ª Edição, 2013.

MARCELLINO, N. C. **Lazer e sociedade**: Múltiplos olhares. São Paulo, Alínea. 2008.

MARCELLINO, N. C. **Lazer e Cultura**. Campinas. Alínea. 2007.

Atividades Integradoras 3: Programas de Lazer

Atuação dos professores de Educação Física no campo do lazer. Aproximações com práticas de ensino em programas sociais de lazer, cultura e esportes. Colônias de Férias, acampamentos e escotismo como espaços de atuação do professor de educação física. Lazer e sua relação com os direitos humanos em casas de repouso, casas terapêuticas, casas lares. Atuação em lazer com pessoas em situação de privação de liberdade. Atuação em lazer em tempos de pandemia. Atuação em clubes recreativos em Minas Gerais. Identidade dos professores e professoras que atuam no lazer.

Bibliografia Básica

GOMES, C. L. **Lazer, trabalho e educação-relações históricas**: questões contemporâneas. Editora UFMG, 2008.

MARCELLINO, N. C. **Lazer**: formação e atuação profissional. Papirus Editora, 1995.

ISAYAMA, H. F. **Lazer em estudo**: currículo e formação profissional. Papirus Editora, 2015.

Bibliografia Complementar

GOMES, C. L.; ISAYAMA, H. F. (Org.) **O direito social ao lazer no Brasil**. Campinas. Autores Associados. 2015.

BERNABÉ, A. P.; STAREPRAVO, F. A. Formação de agentes públicos municipais de esporte e lazer. **Motrivivência**, v. 33, n. 64, p. 1-21, 2021.

CASTILHO, C. T.; RIBEIRO, S. P.; UNGHERI, B. O. Distanciamento Social e Tempo Livre: Paradoxos Vivenciados por Estudantes da Universidade Estadual de Minas Gerais no Âmbito do Lazer. **LICERE-Revista do Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer**, v. 23, n. 3, p. 93-125, 2020.

RIBEIRO, G. C. **Política de esporte, cultura e lazer na socio educação**: a intersectorialidade em questão na unidade de internação de São Sebastião–DF. 2016.

ROCHA, P. G. A garantia do direito ao lazer nas “casas lares” de Belo horizonte. In: AMORIM, P. A. R. et al. (Org.). **GESPEL em ação no Centro MG da Rede CEDES**. Utopica Editorial, 2019.

Comportamento Motor

Conhecimento das mudanças no comportamento motor ao longo da vida, segundo as características e os princípios do crescimento, envelhecimento e do desenvolvimento motor. Compreensão das características e princípios que norteiam a aquisição de habilidades motoras nos diversos contextos. Estudos dos aspectos neurais, perceptivos e cognitivos no controle de movimentos voluntários.

Bibliografia Básica

SCHMIDT, R. A.; WRISBERG, C. A. **Aprendizagem e performance motora**: Uma abordagem da aprendizagem baseada no problema. 2ª Ed., Porto Alegre: ARTMED, 2001.

GALLAHUE, D. L.; OZMUN, J. C.; GOODWAY, J. D. **Compreendendo o desenvolvimento motor de bebês, crianças, adolescentes e adultos**. 5ª Ed. São Paulo: AMGH Editora, 2013.

TANI, G. (Ed.). **Comportamento Motor**: Aprendizagem e Desenvolvimento. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2012.

Bibliografia Complementar

HAYWOOD, K. M.; GETCHELL, N. **Desenvolvimento Motor ao Longo da Vida**. 6ª Ed. São Paulo: Artmed Editora, 2016.

LAGE, G. M.; BENDA, R. N. Treinamento técnico: uma revisão sobre a aplicação do princípio da interferência contextual no processo de ensino-aprendizagem de habilidades esportivas. In: GARCIA, E.S.; LEMOS, K. L. (Org.). **Temas atuais VIII**: educação física e esportes. Belo Horizonte: Health, 2003.

SANTOS, S. Desenvolvimento motor ao longo da vida. In: BARBANTI, V. AMADIO, A. C.; BENTO, J. O.; MARQUES, A. T. (Org.) **Esporte e atividade física**: interação entre rendimento e saúde. Barueri: Manole, p. 339-349, 2002.

TANI, G. MANOEL, E. KOKUBUN, E. PROENÇA, J. **Educação física escolar**. São Paulo: EPU-EDUSP, 1998.

TEIXEIRA, L. **Atividade Física Adaptada e Saúde**. Editora Phorte, 2000.

Educação Física, Inclusão e Práticas Corporais Adaptadas

Contextualização histórica e social da trajetória da pessoa com deficiência. Acessibilidade, legislação brasileira e inclusão social da pessoa com deficiência. Fundamentos e características das deficiências físicas, deficiências sensoriais, deficiência intelectual e autismo. Fundamentos das atividades físicas inclusivas e dos esportes adaptados. Estratégias metodológicas inclusivas para pessoas com deficiência nas aulas de educação física escolar e nos contextos esportivo e recreacional.

Bibliografia Básica

GREGUOL, M.; COSTA, R. F. (Org.). **Atividade Física Adaptada**: qualidade de vida para pessoas com necessidades especiais. 2.ed. Barueri: Manole, 2008.

GLAT, R. (Org.). **Educação inclusiva**: cultura e cotidiano escolar. 2. ed. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2013.

RODRIGUES, D. **Atividade motora adaptada**: a alegria do corpo. Artes Médicas, 2006.

Bibliografia Complementar

DELOU, C. M. C. **Educação Inclusiva**. Curitiba: IESDE Brasil, 2009.

GORLA, J. I. (Org.). **Educação física adaptada**: O passo a passo da avaliação. São Paulo: Phorte, 2013.

SOUZA, P. A. **O esporte na paraplegia e tetraplegia**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1994.

WHITMAN, T. L. **O desenvolvimento do autismo**. Editora M. Books, 2015.

WNINICK, J. P. **Educação Física e Esportes Adaptados**. Barueri-SP, Editora Manole, 2004.

Danças

Contextualização histórica da Dança enquanto prática cultural e suas relações com a Educação Física. Estudo dos fundamentos que organizam o conhecimento em Dança a partir da teoria de Laban. Apreciação e vivência de danças populares brasileiras e internacionais. Apresentação de estratégias metodológicas para o ensino da dança na escola e em espaços não escolares. Diálogo entre a Universidade e a sociedade por meio da dança.

Bibliografia Básica

LABAN, R. V. **Domínio do movimento**. 3. ed. São Paulo: Summus, 1978.

BOURCIER, P. **História da dança no Ocidente**. 2ª ed. Martins Fontes, 2012.

CÔRTEZ, G. **Dança Brasil**: festas e danças populares. Leitura, 2000.

Bibliografia Complementar

LARROSA, Jorge. **Pedagogia profana**; danças, piruetas e mascaradas. São Paulo, Autêntica, 2017.

MARQUES, I. A. **Ensino de dança hoje**: textos e contextos. São Paulo, Cortez, 2008.

NANNI, D. **Dança educação**: pré-escola à universidade. 4ª ed. Rio de Janeiro: Sprint, 2003.

ROSA, M. C. **Corpo e Movimento**: danças folclóricas. Ouro Preto: UFOP, 2012.

SANTAELLA, Lucia. **Corpo e comunicação**: sintoma da cultura. 2008.

Fisiologia do Exercício

Estudo dos ajustes agudos e crônicos dos sistemas fisiológicos (metabólico, nervoso, muscular, respiratório, cardiovascular, termorregulatório e hormonal) em resposta ao exercício físico. Abordagem sobre os cálculos metabólicos em diferentes tipos de exercícios físicos e seu uso para a prescrição.

Bibliografia Básica

SCOTT, Powers. K.; HOWLEY, E.T.. **Fisiologia do Exercício**: Teoria e aplicação ao condicionamento e ao desempenho. São Paulo: Manole, 8ª Ed., 2014.

MCARDLE, W.; KATCH, F.I.; KATCH, V.L. **Fisiologia do Exercício**: Energia, Nutrição e Desempenho Humano. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 7ª Ed. 2011.

WILMORE. Jack.H.; COSTILL, David.L; KENNEY, W. Larry. **Fisiologia do Esporte e do Exercício**. São Paulo: Manole, 5ª Ed. 2013.

Bibliografia Complementar

THOMPSON, P. D.; RIEBE, D; PESCATELLO, L.S.; ARENA, R. **Diretrizes do ACSM** - Para Os Testes de Esforço e sua Prescrição - Guanabara Koogan - 9ªed. 2014.

ACSM. **Manual ACSM** Para Avaliação da Aptidão Física Relacionada À Saúde - Guanabara Koogan. 3ª Ed. 2011.

BERNE, R. M.; LEVY, M. N. & KOEPEN, B. M. **Fisiologia**. 4ª edição. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2004.

DÂNGELO, J. G. & FATTINI, C. A. **Anatomia Humana Sistêmica e Segmentar**. 3ª edição. São Paulo: Atheneu, 2011.

GUYTON, A. C. & HALL, J. E. **Tratado de Fisiologia médica**. 10ª edição. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2006.

Cinesiologia

Estudo teórico dos fundamentos que regem o movimento humano, aspectos mecânicos e neuromusculares, e da função das estruturas musculoesqueléticas humanas, relacionadas com a Educação Física, desporto, exercício físico e saúde. Conhecimento da aplicação de modelos qualitativos e quantitativos nos movimentos das articulações do corpo humano, atividades funcionais e gestos esportivos. Discussão sobre análise cinesiologia do movimento humano, Cinética e Cinemática.

Bibliografia Básica

BRUNNSTROM, S.; LEHMKUHL, L.D.; SMITH, L.K. **Cinesiologia clínica de Brunnstrom**. 6. ed. São Paulo: Manole, 2014.

ENOKA, M.R. **Bases neuromecânicas da cinesiologia**. São Paulo: Manole, 2000.

HALL, S.J. **Biomecânica básica**. 7. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2016.

NEUMANN, D.A. **Cinesiologia do aparelho musculoesquelético**: fundamentos para a reabilitação física. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2006.

Bibliografia Complementar

ALBUQUERQUE, A.M. **Biomecânica prática no exercício físico**. Curitiba: Inter saberes, 2020.

HAMILL J. **Bases biomecânicas do movimento humano**. 3. ed. São Paulo: Manole, 2012.

LIPPERT, L.S. **Cinesiologia clínica e anatomia**. 5. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2013.

NORDIN M., FRANKEL V.H. **Biomecânica básica do sistema musculoesquelético**. 4. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2016.

OATIS C.A. **Cinesiologia: a mecânica e a patologia mecânica do movimento humano**. 2. ed. São Paulo: Manole, 2014.

RASCH P. J. **Cinesiologia e anatomia aplicada**. 7. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1991.

Práticas Corporais e Meio Ambiente

Práticas corporais de aventura e natureza: classificação e perspectivas de intervenção. Fundamentação básica e vivência prática de diferentes esportes de aventura. Ética e desenvolvimento sustentável.

Bibliografia Básica

BRUHNS, H.T. **A busca pela natureza turismo e aventura**. Barueri, SP: Manole, 2009.

DIAS, C. A. G; ALVES JUNIOR, E. D. **Em busca da aventura: múltiplos olhares sobre esporte, lazer e natureza**. Niterói: EdUFF, 2009.

ISAYAMA, H. F. **Lazer em estudo: currículo e formação profissional**. Campinas: Papirus, 2010.

Bibliografia Complementar

BENTHIEN, P. Transgenia e Nanotecnologia: Uma reflexão acerca da relação entre modernidade, novas tecnologias e informação. **Revista Theomai**, Buenos Aires, n.18, jun./dez,2008.

CARVALHO, I. C. M. **A invenção ecológica**: narrativas e trajetórias da educação ambiental no Brasil. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2002.

NEIMAN, Z; RABINOVICI, A (Org). **Turismo e meio ambiente no Brasil**. Barueri: Manole, 2010.

SILVEIRA, C.; ALMEIDA, J. Biossegurança e democracia: entre um espaço dialógico e novos fundamentalismos. **Revista Sociedade e Estado**, vol. 20, n. 1, 2005. p. 73-102.

VIOLA, Eduardo J. et al. **Meio ambiente, desenvolvimento e cidadania**: desafios para as ciências sociais. Santa Catarina: Cortez, 1995.

Atividades Integradoras 4: Esportes e Práticas Corporais

Os esportes e as práticas corporais enquanto fenômeno cultural e suas relações com a saúde, a educação, o lazer, os aspectos socioculturais e o rendimento. Processos de produção, implementação e avaliação de políticas públicas para o Esporte. As práticas corporais e o esporte e as possibilidades de intervenção em ambientes públicos e privados como centros de treinamentos, projetos sociais, clubes, academias, comunidades e escolas. Os esportes e suas relações com as mídias, economia, questões de gênero, religião, étnicas, classes sociais entre outros marcadores sociais.

Bibliografia Básica

SOARES, Ártemis; SILVA, Almir Liberato da. **Políticas públicas de esporte e lazer**: novos olhares. Manaus: EDUA, 2010.

BOHME, Maria Tereza Silveira. **Avaliação do desempenho em educação física e esporte**. 1ª ed. Barueri/SP: Manole, 2018.

Eric Dunning. (Org.). **Sociologia do Esporte e os Processos Civilizatórios** . 1ed.SãoPaulo: Annablume, 2014

Bibliografia Complementar

BETTI, Mauro. **A janela de vidro: esporte, televisão e educação física**. Campinas, Brazil: Papirus Editora, 1998.

FALCÃO, José Luiz Cirqueira; DO CARMO SARAIVA, Maria. **Esporte e lazer na cidade práticas corporais re-significadas**. volume 2. Florianópolis: Lagoa Editora, 2007.

NAHAS, Markus Vinicius. **Atividade física, saúde e qualidade de vida: conceitos e sugestões para um estilo de vida ativo**. Londrina: Midiograf, 2001.

PRONI, Marcelo Weishaupt; LUCENA, Ricardo de Figueiredo (Org.). **Esporte: história e sociedade**. Campinas: Autores Associados, 2002.

WERNECK, Francisco Zacaron; COELHO, Emerson Filipino; FERREIRA, Renato Melo(org.). **Manual do jovem atleta: da escola ao alto rendimento**. Curitiba :CRV, 2020.

Psicologia da Educação

O nascimento da Psicologia como ciência e a diversidade teórica das escolas psicológicas. Teorias do desenvolvimento e aprendizagem, suas implicações e problematizações na Educação: o Comportamentalismo, o Construtivismo, a Teoria Sócio-histórica e a Psicanálise. Diálogos da Psicologia com as práticas educativas atuais operadas nos espaços formais e informais de Educação, envolvendo a atividade docente, as relações ensino-aprendizagem, a interação professor-aluno e os temas transversais.

Bibliografia Básica

COLL, C., MARCHESI, A., PALACIOS, J. **Desenvolvimento psicológico e educação: psicologia da educação escolar**. Volume 2. Porto Alegre: Artmed editora, 2004.

CÓRIA-SABINI, M. A. **Fundamentos de Psicologia Educacional**. São Paulo: Editora Ática, 1995.

GOULART, I. B. **Psicologia da Educação: fundamentos teóricos e aplicações à prática pedagógica**. (9ªed.). Petrópolis: Vozes, 2002.

Bibliografia Complementar

COLL, C. **O Construtivismo em sala de aula**. São Paulo: Ática, 1996.

COUTINHO, M. T. C.; MOREIRA, M. **Psicologia da educação**: um estudo dos processos psicológicos de desenvolvimento e aprendizagem humanos, voltado para a educação. Belo Horizonte: Editora Lê, 1999.

DAVIDOFF, L. **Introdução à Psicologia**. São Paulo: McGraw – Hill, 1983.

REGO, Tereza Cristina. **Vygotsky**: uma perspectiva histórico-cultural da educação. Petrópolis: Vozes, 1995.

SCHULTZ, Duane P. **História da psicologia moderna**. São Paulo: Editora Cultrix, 1998.

Didática

As teorias pedagógicas, suas concepções e pressupostos. O ensino como prática social complexa, que transforma dialeticamente os sujeitos e se efetiva em contextos sociais, culturais, institucionais, espaciais etc. A relação currículo e didática; objeto de estudo da didática: o processo de ensino/aprendizagem. Escola, Educação Não formal e a atuação do Profissional de Educação Física.

Bibliografia Básica

CANDAU, Vera Maria Ferrão (Org.). **Didática**: questões contemporâneas. Rio de Janeiro: Editora Forma & Ação, 2009.

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática**. São Paulo: Cortez, 1992.

LIMA, P. G., DIAS, I. C. G. Educação não-formal: um intertexto sobre sua caracterização. **Revista de Ciências da Educação**. Unisal. Ano X, n. 19, p. 141-175, 2008.

Bibliografia Complementar

CANDAU, V. M. (Org.). **A didática em questão**. 18º ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

DAOLIO, J. **Educação Física e o conceito de Cultura**. Campinas/ SP: Autores Associados, 2004.

MARTINS, P. L. O. **Didática teórica – didática prática**: para além do confronto. São Paulo: Loyola, 1989.

NÓVOA, A. **Professores**: imagens do futuro presente. Lisboa: EDUCA, 2009.

ZABALA, A. **A prática educativa**: como ensinar. Porto Alegre: Artmed, 1998.

Ginásticas

Contextualização histórica da ginástica na Educação Física. Os elementos constitutivos das ginásticas esportivizadas na Educação Física escolar. Procedimentos e estratégias metodológicas para o ensino das ginásticas (Rítmica, artística, aeróbica, trampolim, acrobática, para todos/geral) na escola e nas aulas de Educação Física. Estudo da ginástica como uma construção cultural sempre em movimento. Abordagem das diversas manifestações gímnicas e circenses em outros contextos sociais.

Bibliografia Básica

AYOUB, E. **Ginástica geral e educação física escolar**. 2. ed. Campinas: UNICAMP, 2007.

MARCO, B. **Introdução à pedagogia das atividades circenses**. Vol-2. Várzea Paulista, SP: Fontoura, 2010.

TOLEDO, E. (Org). **Democratizando o ensino da ginástica**: estudos e exemplos de sua implantação em diferentes contextos sociais. São Paulo: Fontoura, 2013.

Bibliografia Complementar

NUNOMURA, M. **Ginástica artística**. São Paulo: Odysseus, 2008.

MARTINS, S. **Ginástica rítmica desportiva**: aprendendo passo a passo. Rio de Janeiro: Shape, 1999.

SANTOS, J. C. E. **Ginástica geral**: elaboração de coreografias, organização de festivais . Jundiaí: Fontoura, 2001.

FERREIRA, D. L.; BORTOLETO, M. A. C.; SILVA, E. **Segurança no circo**: questão de prioridade. Editora Fontoura, 2015.

LEMO, K. L. M.; CASTOR, R. G. M. **Caderno técnico II**: ginástica aeróbica e desportiva: descrição/ erros comuns/ processos pedagógicos dos elementos de dificuldade. Belo Horizonte: Casa da Educação Física, 2015.

Educação Física e Organização Escolar

Disciplina correlata ao Estágio Curricular Supervisionado Escolar I responsável por discutir teorias, conceitos e categorias de análise tendo como referências as experiências no campo de estágio. Função social da escola. Escola como espaço sociocultural. Cultura escolar. A escola como locus significativos no processo de construção da identidade docente. Desenvolvimento de atitude investigativa no contato com a realidade escolar. Introdução à produção de narrativas docentes.

Bibliografia Básica

ESCOLANO, A. B. **A Escola como Cultura**: experiência, memória e arqueologia. Campinas: Alínea, 2017.

FORQUIN, J. C. **Escola e cultura**: as bases sociais e epistemológicas do conhecimento escolar. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.

NÓVOA, A. (Org.). **Vidas de professores**. 2. ed. Portugal: Porto Editora, 2000.

Bibliografia Complementar

ARROYO, M. G. Produção de saber em situação de trabalho: o trabalho docente. **Trabalho e Educação**, Vol.12, n. 1, p.51-61, jan./jun., 2003.

GOODSON, I. **Conhecimento e Vida Profissional** – Estudos sobre educação e mudança. Porto: Porto Editora, 2008.

JULIA, D. A cultura escolar como objeto histórico. **Revista Brasileira de História da Educação**, nº 1, jan./jun., 2001, p. 9-43.

LARROSA BONDÍA, J. Notas sobre Narrativa e Identidade. In: ABRAHÃO, M.H.M.B. (org.). **A Aventura (Auto) Biográfica: teoria e empiria**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

PERÉZ-GOMÉZ, A. I. **A Cultura Escolar na sociedade neoliberal**. Tradução: Ernani Rosa. Porto Alegre: Artmed Editora, 2001.

História da Educação

Aspectos introdutórios das bases epistemológicas, metodológicas e teóricas da História e Historiografia da Educação brasileira: objetos, abordagens e problemas. História da Educação no Brasil. Educação na América Portuguesa, no Brasil Imperial e na Primeira República: estudo das instituições escolares, das políticas educacionais e das práticas educativas não escolares. A modernidade republicana: o otimismo pedagógico e a Escola Nova. A educação na Era Vargas. A educação na República Populista. A Educação e o Regime Militar. As Perspectivas e os Desafios da Educação no Brasil na contemporaneidade. Temas em debate: o objeto educacional em disputa e a presença de diferentes sujeitos históricos na tensão e constituição do campo em diferentes temporalidades.

Bibliografia Básica

BOMENY, H. **Os intelectuais da educação**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar editor, 2001.

FARIA FILHO, L. M., VEIGA, C. G. (org.). **500 anos de Educação no Brasil**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

HILSDORF, M. L. S. **História da Educação Brasileira: Leituras**. São Paulo: Centage Learning, 2011.

Bibliografia Complementar

GHIRALDELLI Jr., P. **História da Educação**. São Paulo: Cortez, 1990.

MARROU, Henri-Irénée. **História da Educação na Antiguidade**. São Paulo: Herder/Universidade de São Paulo, 1969.

GONDRA, José G. & CARVALHO, Marta M. C. (orgs.) **Pesquisa histórica**: Retratos da educação no Brasil. Rio de Janeiro: Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 1995.

VIDAL, Diana & SOUZA, Maria Cecília C. C. **A memória e a sombra** - A escola brasileira entre o Império e a República. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

XAVIER, Maria Elisabete S. P. **Poder político e educação de elites**. São Paulo: Cortez Ed., 1990.

Sociedade, Educação e Tecnologias II

Tecnologias digitais e as novas configurações do processo de ensino e aprendizagem na educação escolar. Competências, habilidades e uso das Tecnologias Digitais para o aprimoramento da prática docente. Mediação digital e informacional. Cultura digital e escola.

Bibliografia Básica

BARBA, C. et al. **Computadores em sala de aula**: métodos e uso. Tradução: Alexandre Salvaterra, revisão técnica: Paulo Gileno Cysneiros. Porto Alegre: Penso, 2012.

MAIA, A. F.; ZUIN, A.; LASTÓRIA, L. N. (org.). **Teoria Crítica da Cultura Digital**: Aspectos educacionais e psicológicos. São Paulo: Nankin Editora, 2015.

MORAN, J. M.; MASETTO, M. T.; BEHRENS, M. A. **Novas Tecnologias e Mediação Pedagógica**. 21ª Ed. São Paulo: Papirus, 2013.

Bibliografia Complementar

FEITOSA, S. T. **Informática na educação**: professor na atualidade. São Paulo: Érica, 2011.

PAIS, L. C. Apresentação. In: PAIS, L. C. (Org.). **Educação escolar e as tecnologias da informática**. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

PALFREY, J.; GASSER, U. **Nascidos na era digital**: entendendo a primeira geração de nativos digitais. Porto Alegre: Artmed, 2011.

SHARIFF, S. **Ciberbullying**: questões e soluções para a escola, a sala de aula e a família. Porto Alegre: Artmed, 2011.

VALLE, L. E. L. R.; DE MATTOS, M. J. V. M.; COSTA, J. W. **Educação Digital**: a Tecnologia a favor da Inclusão. Porto Alegre: Penso, 2013.

Urgências e Emergências Aplicadas à Educação Física

Conhecer e executar os procedimentos de Primeiros Socorros em situações de emergência. Preparar o Profissional de Educação Física para prestar os Primeiros atendimentos em caso de acidentes, dando ênfase a prevenção do mesmo.

Bibliografia Básica

FLEGEL, M. J. **Primeiros socorros no esporte**. 5ª ed., Editora Manole, São Paulo, 2015.

SANTOS, E.F. **Manual de Primeiros Socorros da Educação Física**. Ed.Galenus, 2014.

DÂNGELO, J.G.; FATTINI, C.A. **Anatomia Humana Sistêmica e Segmentar**. 3ª edição. São Paulo: Editora Atheneu, 2011.

Bibliografia Complementar

GUYTON, A. C.; HALL, J. E. **Tratado de Fisiologia médica**. 10ª edição. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2006.

SENAC. **Primeiros socorros**: como agir em situações de emergência. 10. reimpr. Rio de Janeiro: SENAC Nacional, 2006.

FATTINI, C. A. **Anatomia Humana Básica** - 2ª Edição. Editora: Atheneu, 2009.

SCOTT, P. K.; HOWLEY, E.T. **Fisiologia do Exercício**: Teoria e aplicação ao condicionamento e ao desempenho. São Paulo: Manole, 8ª Ed., 2014.

KARREN, K. J. **Primeiros socorros para estudantes**. 10. ed. Barueri, SP: Manole, 2013.

Educação Física Escolar e Infâncias

Disciplina correlata ao Estágio Curricular Supervisionado Escolar II, responsável por discutir teorias, conceitos e categorias de análise tendo como referências as experiências no campo de estágio. Compreensão das Infâncias como construção histórico social. Estudo das diversas dimensões do Desenvolvimento Infantil. Caracterização da criança da Educação Infantil e dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental. Estudo das relações de gênero, sexualidade e etnia e as Infâncias. Compreensão dos Jogos e brincadeiras como temática do processo de ensino e aprendizagem. Estudo sobre diferentes abordagens do ensino da Educação Física para as Infâncias. Diálogo com o campo de estágio para produzir e avaliar práticas pedagógicas de Educação Física que se relacionem com as Culturas Infantis e com a função social dos Espaços Escolares.

Bibliografia Básica

ÁRIES, P. **História social da criança e da família**. Rio de Janeiro: Editora Jorge Zahar, 1978.

CARVALHO, A.; SALLES, F.; GUIMARÃES, M. (Org.). **Desenvolvimento e Aprendizagem**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002.

DEBORTOLI, J. A. O.; MARTINS, M. F. A.; MARTINS, S. (Org.). **Infâncias na Metrópole**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

Bibliografia Complementar

ANDRADE FILHO, N. F.; SCHNEIDER, O. (Org.). **Educação Física para a Educação Infantil**: Conhecimento e especificidade. 1ed. Aracaju: Editora UFS, 2008.

FLÔR, D. C.; DURLI, Z. (Org.). **Educação Infantil e Formação de Professores**. Florianópolis: Editora da UFSC, 2012.

KISHIMOTO, T. M.; OLIVEIRA-FORMOSINHO, J. (Org.). **Em busca da pedagogia da infância: pertencer e participar**. Penso, 2013.

PALMA, A. P. T. V.; OLIVEIRA, A. A. B.; PALMA, J. A. V. **Educação Física e a organização curricular**: Educação Infantil, Ensino Fundamental e Ensino Médio. 3. ed. Ijuí: Unijuí, 2021.

VAGO, T. M. **Educação Física na Escola**: para enriquecer a experiência da infância e da juventude. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2012.

Pedagogia do Esporte

Estudo das teorias pedagógicas constitutivas do esporte. Aprofundamento da reflexão sobre a especificidade pedagógica do esporte. Análise da ação pedagógica do profissional de educação física, estrutura e responsabilidade frente às variáveis no processo de ensino e aprendizagem.

Bibliografia Básica

PAES, R. R.; BALBINO, H. F. **Pedagogia do esporte**: contextos e perspectivas. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2005.

DE ROSE JR, D. **Esporte e atividade física na infância e na adolescência: uma abordagem multidisciplinar**. Artmed Editora, 2009.

NISTA-PICCOLO, V.; DE TOLEDO, E. **Abordagens pedagógicas do esporte: modalidades convencionais e não convencionais**. Papirus Editora, 2018.

Bibliografia Complementar

GAYA, A. C. A.; MARQUES, A. T.; TANI, G. **Desporto para crianças e jovens**: razões e finalidades. 2004 editora: UFRGS.

GRECO, P. J. (org). **Iniciação esportiva universal**. Belo Horizonte, Ed. UFMG, 2007.

KRÖGER, C.; ROTH, K. **Escola da Bola**: um ABC para iniciantes nos jogos esportivos. 2.ed. São Paulo: 2006.

SADI, R.S. **Pedagogia do esporte**: explorando os caminhos da formação permanente e da intervenção criativa em crianças e jovens esportistas. 1ª ed. São Paulo: Ícone, 2016.

WERNECK, F. Z.; COELHO, E. F.; FERREIRA, R. M.(org). **Manual do jovem atleta**: da escola ao alto rendimento. Curitiba:CRV, 2020.

Biomecânica

Estudo dos conceitos e princípios da Biomecânica aplicados ao corpo humano, e dos princípios mecânicos que regem o movimento humano. Análise do comportamento das estruturas do aparelho locomotor frente às diferentes solicitações mecânicas e aos diferentes tipos de atividades e exercícios físicos. Discussão sobre análise cinética, cinemática, antropométrica, eletromiografia, e seus equipamentos, aplicados à análise biomecânica do movimento humano e das características de habilidades básicas, atividades funcionais e gestos esportivos.

Bibliografia Básica

HALL, S.J. **Biomecânica básica**. 7. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2016.

HAMILL, J. **Bases biomecânicas do movimento humano**. 3. ed. São Paulo: Manole, 2012.

NEUMANN, D.A. **Cinesiologia do aparelho musculoesquelético**: fundamentos para a reabilitação física. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2006.

Bibliografia Complementar

ALBUQUERQUE, A.M. **Biomecânica prática no exercício físico**. Curitiba: Inter saberes. 2020.

CARPENTER, C.S. **Biomecânica**. Rio de Janeiro: Sprint, 2005.

CHAFFIN, D.B., ANDERSSON, G., MARTIN, B.J. **Biomecânica ocupacional**. 3. ed. Belo Horizonte: Ergo, 2001.

DUFOUR, M., Pillu, M. **Biomecânica funcional**: membros, cabeça, tronco. São Paulo: Manole, 2015.

MCGINNIS, P.M. **Biomecânica do esporte e do exercício**. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2015.

Atividade Física, Práticas Corporais e Envelhecimento

Epidemiologia da atividade física. Recomendações e benefícios da prática da atividade física /práticas corporais ao longo da vida: infância, adolescência, vida adulta e velhice. Barreiras e facilitadores à prática da atividade física /práticas corporais. Modelos teóricos de adesão à atividade física /práticas corporais. Estilo de vida e atividade física /práticas corporais

Bibliografia Básica

DÉA, V. H. S. D.; DURTE, E.; REBELATTO, J .R. et al. **Envelhecimento**. Informações, Programa de Atividade Física e Pesquisas. Editora: Phorte; 1ª edição. 2016.

FORINDO, A .A.; HALLAL, P. C. **Epidemiologia da Atividade Física**. Editora Atheneu. 2015.

PALMA, A.; RODRIGUES, P.; CARDOSO, R. **Práticas Corporais & Atividade Física**: saúde e sociedade. Vol II. Editora CRV. Curitiba. 2021.

Bibliografia Complementar

ALVES JUNIOR, Edmundo de Drummond. **Envelhecimento e Atividade Física**: diversos olhares sobre a prevenção de quedas. Niterói: GEF/UFF/ANIMA, 2006.

MATIAS, T. S. **Motivação, Atividade Física e Mudança de Comportamento**: Teoria e Prática. Editora Appris. Curitiba. 2019.

NAHAS, M. V. **Atividade física, saúde e qualidade de vida**. Ebook: <https://sbafs.org.br/eletronico>

NAKANO, T. C. **Psicologia Positiva aplicada ao Esporte e ao Exercício Físico**. Vetor Editora. 2020.

TERRA, Newton Luiz. **Envelhecimento e suas múltiplas áreas do conhecimento**. Edipucrs, 2016.

Educação Física, Teorias Pedagógicas e Construção Curricular

Cultura, escola e Educação Física. Relação entre a função social da escola e a Educação Física. Especificidade pedagógica da Educação Física e a Educação Física como componente curricular da Educação Básica. Abordagens metodológicas. Processos de seleção cultural dos conteúdos de ensino. O ensino das práticas corporais de movimento na Educação Física escolar.

Bibliografia Básica

BRACHT, V. **A Educação Física Escolar no Brasil** - O que ela vem sendo e o que pode ser: elementos de uma teoria pedagógica para a Educação Física. Ijuí/RS: Editora Un Ijuí, 2019.

FORQUIN, J.C. **Escola e cultura**. Porto Alegre: Artmed, 1993.

SILVA, T.T. **Documentos de identidade**: uma introdução às teorias do currículo. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

Bibliografia Complementar

DAOLIO, J. Da cultura do corpo. Campinas: Papirus. 2003.

FREIRE, J. B.; SCAGLIA, A. J. **Educação como prática corporal**. São Paulo: Scipione, 2003.

KUNZ, E. **Transformação didático-pedagógica do esporte**. Ijuí: Livraria Unijuí Editora, 1994.

SOARES, C. et. al. Metodologia do Ensino de Educação Física: coletivo de autores. São Paulo: Cortez, 1992.

TANI, G. Abordagem desenvolvimentista: 20 anos depois. **Revista da Educação Física/UEM**, Maringá, v. 19, n. 3, p. 313-331, 2008.

Psicologia do Esporte

A Psicologia do Esporte como Ciência. Ênfase nos processos psico-sociais aplicados ao ambiente escolar. Análise de processos cognitivos, comportamentais, emocionais e sociais na área de Educação Física, Esporte, Recreação e Saúde. Aspectos de grupo: comunicação e liderança esportiva.

Bibliografia Básica

COLL, C. P.J. & MARCHESI, A. (orgs.) **Desenvolvimento Psicológico e Educação** - vol 1. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

SAMULSKI, D. M. **Psicologia do Esporte**: Manual para a Educação Física , Psicologia e Fisioterapia. 1. ed. São Paulo: Manole, 2002.

SCHMIDT, R. A. **Aprendizagem e performance motora**: uma abordagem da aprendizagem baseada no problema. Porto Alegre: Artmed Editora, 2001.

Bibliografia Complementar

MACHADO, Afonso Antônio; GOMES, Rui. **Psicologia do Esporte: da escola à competição**. Fontoura Editora, 2019.

RUBIO, KATIA. **Psicologia do esporte aplicada**. Casa do Psicólogo, 2003.

RUBIO, Kátia. **Psicologia do esporte**: interfaces, pesquisa e intervenção. Casa do Psicólogo, 2000.

SAMULSKI, Dietmar. **Psicologia do esporte: conceitos e novas perspectivas**. Manole, 2009.

WEINBERG, R.S.; GOULD, D. **Fundamentos da psicologia do esporte e do exercício**. 2008

Práticas Esportivas I

Estudo da história e evolução dos esportes de invasão. Métodos de ensino dos fundamentos técnicos, táticos e das habilidades motoras na Educação Física escolar e no treinamento. Planejamento do processo de ensino-aprendizagem dos esportes de invasão.

Bibliografia Básica

GRECO, P. J. (Org). **Iniciação esportiva universal**. Belo Horizonte, Ed. UFMG, 2007.

KRÖGER, C.; ROTH, K. **Escola da Bola**: um ABC para iniciantes nos jogos esportivos. 2.ed. São Paulo: 2006.

PAES, R. R. BALBINO, H. F. (Org). **Pedagogia do esporte**: contextos e perspectivas. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2005.

Bibliografia Complementar

WEINECK, J. **Futebol total**: o treinamento físico no futebol. Guarulhos: Phorte, 2004.

ROSE JÚNIOR, D.; FERREIRA, A. E. X. **Basquetebol**: técnicas e táticas: uma abordagem didático-pedagógica. 3.ed. São Paulo: E. P. U, 2010.

TENROLLER, C. A. **Handebol**: teoria e prática. 2. ed. Rio de Janeiro: Sprint, 2005.

BETTI, M. **A janela de vidro**: esporte, televisão e educação física. 3. ed. São Paulo: Papirus, 2004.

ANDRADE JÚNIOR, J. R. **Futsal**: aquisição, iniciação e especialização. Curitiba: Juruá, 2007.

Treinamento Esportivo

Descrição e análise das capacidades físicas com relação ao rendimento esportivo em todos os níveis de atuação. Aborda os princípios do treinamento e os processos básicos da adaptação biológica. Introdução aos métodos do treinamento.

Bibliografia Básica

BOMPA, T. **Periodização** - Teoria e Metodologia do Treinamento – Editora Phorte. 5ª Ed. 2012.

MARTIN, D.; CARL, K.; LEHNERTZ, K. **Manual de teoria do treinamento esportivo**. São Paulo: Editora Phorte, 2008.

WEINECK, J. **Treinamento ideal**. São Paulo: Editora Manole, 1999.

Bibliografia Complementar

OLIVEIRA, P.R. **Periodização contemporânea do treinamento desportivo**. São Paulo: Phorte, 2007.

DE LA, A. F. **Treinamento desportivo**: carga, estrutura e planejamento. 2 ed. São Paulo: Phorte, 2005.

GRANELL, J.C.; CERVERA, V. R. **Teoria e planejamento do treinamento desportivo**. Porto Alegre: Artmed, 2003

PLATONOV, V.N. **Tratado geral de treinamento desportivo**. São Paulo: Phorte, 2007.

MATVEEV, Lev. P. **Treino desportivo**: metodologia e planejamento. São Paulo: Phorte, 1997

Políticas Públicas de Educação

Concepções teóricas de Estado e Governo. Democracia e Cidadania; conceitos. Direitos civis, políticos e sociais, em diferentes Constituições Brasileiras. Estado-Nação e políticas sociais: do Estado do Bem-Estar Social ao Estado Neoliberal e Pós-Neoliberal. Contexto político social do Brasil contemporâneo. Política educacional no Brasil e educação do cidadão. Organização do sistema de ensino brasileiro. Legislação da Educação Básica. Democratização do ensino. Ação política e processos de organização das demandas sociais. Gestão das instituições de ensino. O Estado de Bem-Estar social no século XXI.

Bibliografia Básica

BRASIL. CONSTITUIÇÃO FEDERAL DE 1988. Ministério da Educação e Cultura, 2005.

BRASIL. LEI DE DIRETRIZES E BASES DA EDUCAÇÃO NACIONAL.
Ministério da Educação e Cultura, 1996.

HOCHMAN, Gilberto; ARRETCHE, Marta T. S.; MARQUES, Eduardo Cesar. **Políticas públicas no Brasil**. Rio de Janeiro: Ed. FIOCRUZ, 2007. 397p. : il. ISBN 9788575411247

Bibliografia Complementar

FERREIRA, Elisa Bartolozzi. Políticas Educativas no Brasil no tempo de crise. In: FERREIRA, Elisa Bartolozzi; OLIVEIRA, Dalila A. (orgs) **Crise da escola e políticas educativas**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009. p. 253-270.

HOFLING, Heloísa de Mattos. **Estado e políticas (públicas) sociais**. Cad. CEDES [online]. 2001, vol.21, n.55, pp. 30-41. ISSN 1678-7110.

LUIZ, Lindomar Teixeira. **A origem e a evolução da cidadania**. Colloquium Humanarum, v. 4, n.1, Jun. 2007, p. 91-104.

OLIVEIRA, D. A. **Educação básica**: gestão do trabalho e da pobreza. Petrópolis: Vozes, 2000.

PORTO, Lorena Vasconcelos; DELAGADO, Mauricio Godinho (Org.). **O estado de bemestar social no século XXI**. São Paulo: LTr, 2007. 200 p. ISBN 9788536109879

Políticas Públicas de Lazer, Cultura e Esporte

Disciplina correlata ao Estágio Curricular Supervisionado Não Escolar I, responsável por discutir teorias, conceitos e categorias de análise tendo como referências as experiências no campo de estágio. Conceito de Estado e suas relações com a Sociedade. Constituição Federal Brasileira e orientações para os direitos sociais. Direitos sociais e esporte e lazer. Conceitos de Política e políticas públicas. Processos de produção, implementação e avaliação de políticas de Educação Física, Esporte e Lazer no Brasil. Gestão pública de Educação Física, Esporte e Lazer e processos decisórios: mecanismos, financiamentos e ordenamentos legais. Estudo de políticas públicas com ênfase em lazer, cultura e práticas corporais. Financiamento no lazer. Participação comunitária e democratização de acesso as políticas públicas de esporte e lazer. Terceiro setor e sua relação com os governos federais, estaduais e municipais. Políticas públicas de lazer e seus impactos nas cidades.

Bibliografia Básica

MENICUCCI, T.; GONTIJO, J. G. L. **Gestão e políticas públicas no cenário contemporâneo: tendências nacionais e internacionais**. Editora Fiocruz, 2016. p. 412412.

MEZZADRI, F. M. (Org.). **Políticas Públicas e Esporte**. Várzea Paulista: Fontoura, 2014.

SOARES, Á.; SILVA, A. L. **Políticas públicas de esporte e lazer**: novos olhares. Manaus: EDUA, 2010.

Bibliografia Complementar

ALMEIDA, B. S.; MARCHI JÚNIOR, W. O financiamento dos Programas Federais de esporte e lazer no Brasil (2004 A 2008). **Movimento**, Porto Alegre, v. 16, p. 73-92, 2010.

IUBEL, S. **Lazer, entretenimento e recreação**. Editora Inter saberes, 2017.

MELO, V. A. **Lazer e minorias sociais**. 2. ed. São Paulo: IBRASA, 2009.

RECHIA, S.; VIEIRA, F. G. L.; TSCHÖKE, A. A cidade de Curitiba e seus espaços públicos centrais de Lazer. **Pensar a Prática**, Goiânia, v. 16, p. 22-34, 2013.

RUA, M. G. Análise de políticas públicas: conceitos básicos, In: RUA, M. G.; CARVALHO, M. I. V. (Org.). **O Estudo da Política**: Tópicos Seleccionados. Brasília: Paralelo 15, 1998.

Projeto de Pesquisa

Aplicação dos conceitos básicos e tipologias de pesquisa para elaboração do projeto do trabalho de conclusão de curso. Levantamento e leitura da bibliografia básica. Construção do método de investigação.

Bibliografia Básica

BARROS, A. J. P.; LEHFELD, N. A. S. **Projeto de Pesquisa**: propostas metodológicas. Petrópolis: Vozes, 1990.

GIL, A.C. . Como Delinear uma Pesquisa Bibliográfica. In: **Como Elaborar Projetos de Pesquisa**. 4 ed. São Paulo: Atlas, 2002.

MOLINA N. V. e TRIVIÑOS, A. (orgs.). **A pesquisa qualitativa na Educação Física**: alternativas metodológicas. Porto Alegre: Sulina, 2004.

Bibliografia Complementar

BETH, M. **Educação Física escolar**: ensino e pesquisa-ação. Ijuí: Unijuí, 2009.

CRESWELL, Jonh W. **Projeto de pesquisa**: métodos qualitativo, quantitativo e misto. 2 ed. Porto Alegre: Artmed, 2007.

FACHIN, Odília. **Fundamentos de Metodologia**. 5.ed. São Paulo: Saraiva, 2006.

MATTAR, João. **Metodologia Científica na era da Informática**. 3.ed. São Paulo: Saraiva, 2008.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Pesquisa social** – Teoria, método e criatividade. Petrópolis: Vozes, 2009

Educação Física Escolar, Adolescências e Juventudes

Disciplina correlata ao Estágio Curricular Supervisionado Escolar III, responsável por discutir teorias, conceitos e categorias de análise tendo como referências as experiências no campo de estágio. Compreensão da Adolescência e da Juventude e seus ordenamentos: legal; psico/emocional; físico/corporal; sócio/cultural e o desenvolvimento de valores. Caracterização do jovem dos Anos Finais do Ensino Fundamental. Estudo das relações de gênero, sexualidade e etnia e as Juventudes/Adolescências. Estudo sobre diferentes abordagens da Educação Física para os Anos Finais do Ensino Fundamental. Diálogo com o campo de estágio para produzir e avaliar práticas pedagógicas de Educação Física que se relacionem com as culturas adolescentes/juvenis e com a função social dos Espaços Escolares.

Bibliografia Básica

CARVALHO, A.; SALLES, F.; GUIMARÃES, M. (Org.). **Adolescência**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.

COLAÇO, V. F. R.; CORDEIRO, A. C. F. **Adolescência e juventude**: conhecer para proteger. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2013.

VAGO, T. M. **Educação Física na Escola**: para enriquecer a experiência da infância e da juventude. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2012.

Bibliografia Complementar

BAUMAN, Z. **Sobre educação e juventude**: conversas com Riccardo Mazzeo. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

BETTI, M. **Educação Física escolar**: ensino e pesquisa-ação. 2. ed. Ijuí: Unijuí, 2015.

DAYRELL, J. **Múltiplos olhares sobre educação e cultura**. Belo Horizonte: UFMG, 1996.

GONZÁLEZ, F. J.; FRAGA, A. B. **Afazer da Educação Física na escola**: planejar, ensinar, partilhar. Erechim: Edelbra, 2012.

PALMA, A. P. T. V.; OLIVEIRA, A. A. B.; PALMA, J. A. V. **Educação Física e a organização curricular**: Educação Infantil, Ensino Fundamental e Ensino Médio. 3. ed. Ijuí: Unijuí, 2021.

Políticas Públicas de Saúde

Compreensão da saúde pública do Brasil no contexto histórico e contemporâneo. Sistema Único de Saúde (SUS); Estratégia de Saúde da Família (ESF) e Núcleo Ampliado de Saúde da Família (NASF) princípios organizacionais e diretrizes. Política Nacional de Promoção da Saúde. Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares do SUS. Academia da Saúde. Atenção primária, atenção secundária e atenção terciária à saúde.

Bibliografia Básica

CAMPOS, Gastão Wagner de Sousa. et al. **Tratado de Saúde Coletiva**. 2ª ed. São Paulo: Hucitec; 2009.

PAIM, Jairnilson Silva. **O que é o SUS**. Rio de Janeiro – Editora Fiocruz, 2009.

FREITAS, FF. **A Educação Física no serviço público de saúde**. São Paulo: Hucitec. 2007.

Bibliografia Complementar

BUSATO, Ivana Maria Saes. **Política de Saúde no Brasil**. Editora Intersaberes – 2020.

CZERESNIA, Dina; FREITAS, Carlos Machado de. **Promoção da Saúde**: conceitos, reflexões, tendências. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ. 2016.

ELISABETE CORDOBA. **SUS e ESF: Sistema Único de Saúde e Estratégia Saúde da Família**. Editora Rideel - 2013

FRAGA, AB, Wachs, F. organizadores. **Educação Física e Saúde Coletiva** – Políticas de Formação e Perspectivas de Intervenção. 2 ed. Porto Alegre (RS): Editora da UFRGS, 2007,

VILARTA, Roberto. **A promoção da saúde e a política nacional de saúde**: conceitos e aplicações dirigidos ao Programa de Formação Interdisciplinar Superior ProFIS. Campinas: IPES, 2012.

Atividades Aquáticas

Estudo da contextualização histórica, fundamentos, componentes e procedimentos didáticopedagógicos das atividades aquáticas. Conhecimento da natação utilitária como possibilidade de interação e segurança com o meio aquático e das práticas aquáticas e suas possibilidades na Educação Física. Análise dos esportes aquáticos e competição aquática como prática desportiva e escolar.

Bibliografia Básica

MACHADO, D.C. **Metodologia da Natação**. São Paulo: EPU, 2004.

MAGLISCHO, E. **Nadando ainda mais rápido**. São Paulo: Manole, 1999.

MASSAUD, M. (Coord. Técnica). **Regras oficiais de Natação**. Rio de Janeiro: Sprint, 2006.

Bibliografia Complementar

ABRANTES, G.M., LUIZ, M.R., BARRETO, M.M. **Natação paraolímpica**: manual de orientação para professores de educação física. Brasília: Comitê Paraolímpico Brasileiro, 2006.

CORREA, C., MASSAUD, M. **Natação na Pré-escola**: a natação no auxílio ao desenvolvimento infantil. Rio de Janeiro: Sprint, 2004.

THOMAS, D.G. **Natação**: etapas para o sucesso. 2. ed. São Paulo: Manole, 1999.

DELUCA, A.H., FERNANDES, I.R. **Brincadeiras e Jogos Aquáticos**: mais de 100 atividades na água. Rio de Janeiro: Sprint, 1999.

GAROFF, G., CATTEAU, R. **O ensino da natação**. 3a. Ed. São Paulo: Manole, 1990.

TURCHIARI, A.C. **Pré-escola de natação**. Ícone, 1996.

PALMER, M.L. **A ciência do ensino da natação**. São Paulo: Manole, 1990.

Medidas e Avaliação

Estudo dos procedimentos para avaliação das principais qualidades físicas. Discussão sobre as técnicas de avaliação antropométrica, biotipologia e somatologia, e fundamentos da avaliação morfológica, funcional e neuro motora. Conhecimento da seleção, aplicação e interpretação de testes nos diversos contextos, condições e situações de intervenção do profissional de Educação Física, e da avaliação da aptidão física relacionada ao esporte e à saúde.

Bibliografia Básica

ACSM. **Manual ACSM Para Avaliação da Aptidão Física Relacionada à Saúde** - Guanabara Koogan. 3. ed. 2011.

COSTA, R.F. **Avaliação física**: manual prático de avaliação. São Paulo: American Medical do Brasil, 2005.

GUEDES, D., GUEDES, J.E.R.P. **Manual Prático para Avaliação em Educação Física**. 1. ed. São Paulo: Manole, 2006.

Bibliografia Complementar

GUYTON, A.C.; HALL, J.E. **Tratado de Fisiologia médica**. 10. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2006.

KATCH, F.I.; KATCH, V.L.; MCAEDLE, W. **Fisiologia do exercício**: energia, nutrição e desempenho humano. 7. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2011.

LIMA D.F.; LEVY R.B.; LUIZ O.C. Recomendações para atividade física e saúde: consensos, controvérsias e ambiguidades. **Rev Panam Salud Pública**. 2014;36(3):164-170.

MENDES R., SOUSA N., THEMUDO BARATA J.L. Atividade física e saúde pública: recomendações para a prescrição de exercício. **Acta Med Port**. 2011; 24:1025-1030.

MICHELS G. Aspecto histórico da cineantropometria do mundo antigo ao renascimento. **Rev Bras Cineantropometria Desenv Humano**. 2000;2(1):106-110.

RIKLI R.E., JONES J.C. **Teste de aptidão física para idosos**. 1. ed. São Paulo: Manole, 2008.

Educação Física Escolar, Jovens, Adultos e Idosos

Disciplina correlata ao Estágio Curricular Supervisionado Escolar IV, responsável por discutir teorias, conceitos e categorias de análise tendo como referências as experiências no campo de estágio. Compreensão da Juventude e do Envelhecimento e seus ordenamentos: legal; psico/emocional; físico/corporal; sócio/cultural e o desenvolvimento de valores. Caracterização dos sujeitos que fazem parte do Ensino Médio e das Modalidades de Ensino que recebem Jovens, Adultos e Idosos. Estudo do campo da Educação para Jovens, Adultos e Idosos e as relações de etnia, gênero e sexualidade. Investigação das diferentes abordagens pedagógicas da Educação Física para o Ensino Médio e as Modalidades de Ensino que recebem Jovens, Adultos e Idosos. Diálogo com o campo de estágio para produzir e avaliar práticas pedagógicas de Educação Física que se relacionem com as culturas dos sujeitos que frequentam a Escola e com a função social desse Espaço.

Bibliografia Básica

DARIDO, S. C. **Educação Física no Ensino Médio**: Diagnóstico, Princípios e Práticas. Ijuí: Unijuí, 2017.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 51 ed. São Paulo: Editora Paz e Terra, 2016.

SOUZA, J. S.; SALES, S. R. **Educação de jovens e adultos**: políticas e práticas educativas. Rio de Janeiro: NAU editora, 2011.

Bibliografia Complementar

GONZÁLEZ, F. J.; FRAGA, A. B. **Afazer da Educação Física na escola**: planejar, ensinar, partilhar. Erechim: Edelbra, 2012.

NERI, A. L.; DEBERT, G. G. **Velhice e Sociedade**. Campinas: Papyrus, 1999.

OLIVEIRA, I. B.; SGARBI, P. **Estudos do cotidiano e educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

PALMA, A. P. T. V.; OLIVEIRA, A. A. B.; PALMA, J. A. V. **Educação Física e a organização curricular**: Educação Infantil, Ensino Fundamental e Ensino Médio. 3. ed. Ijuí: Unijuí, 2021.

PINTO, Á. **Sete lições sobre educação de adultos**. 16 ed. Cortez, 2017.

Métodos e Processos de Treinamento de Práticas Corporais

Disciplina correlata ao Estágio Curricular Supervisionado Não Escolar II, responsável por discutir teorias, conceitos e categorias de análise tendo como referências as experiências no campo de estágio. Estudo da atuação profissional no ensino-aprendizagem de métodos e processos de treinamento de práticas corporais, considerando os diferentes objetivos no desenvolvimento de capacidades físicas, da técnica, de aspectos psicológicos e da tática.

Bibliografia Básica

BOMPA, T.O.; DI PASQUALE, M.; CORNACCHIA, L.J. **Treinamento de força levado a sério**. 3. ed. São Paulo: Manole, 2015.

FLECK, S.J.; FIGUEIRA JÚNIOR, A. **Treinamento de força para fitness e saúde**. São Paulo: Phorte, 2003.

SAMULSKI, D.; MENZEL, H.J.; PRADO, L.S. **Treinamento esportivo**. São Paulo: Manole, 2013.

Bibliografia Complementar

BARBIANTI, V.J. **Teoria e prática do treinamento esportivo**. 5. ed. São Paulo: Blücher, 2017.

BOMPA, T.O.; HAFF, G. **Periodização**: teoria e metodologia do treinamento. 5. ed. São Paulo: Phorte, 2012.

CASSIDORI JUNIOR, J.C. **Treinamento esportivo**. Curitiba: Inter saberes, 2020.

NAVARRO, A.C. **Pedagogia do esporte**: jogos esportivos coletivos. São Paulo; Phorte, 2015.

SEMIATZH, M. **Força dinâmica**: postura em movimento. São Paulo: Summus, 2014.

Lutas

O conteúdo lutas como resultado do desenvolvimento histórico da sociedade. As lutas como atividade humana, em suas múltiplas dimensões. Problematização das questões das técnicas e pedagógicas. O ensino das lutas nos espaços escolares e não-escolares. Reflexões sobre os processos de esportivização, espetacularização e tematização.

Bibliografia Básica

KANO, J. **Judô Kodokan**. São Paulo: Cultrix, 2008.

LEE, Bruce. **O Tao do Jeet Kune Do**. São Paulo: Editora Chave, 2016.

REID, H. **O caminho do guerreiro: o paradoxo das artes marciais**. 3.ed. São Paulo: Cultrix, 2005.

Bibliografia Complementar

BULL, W. **Aikido**: O caminho da Sabedoria: Dobun História e Cultura. 10ª. Ed. São Paulo: Pensamento, 2004.

FRANCHINI, E. **Judô**: desempenho competitivo. São Paulo: Manole, 2001.

LICHTENSTEIN, K. **krav. Maga**: a Filosofia da Defesa Israelense. Rio de Janeiro: Imago, 2006

Sociologia da Educação

O desenvolvimento do campo científico da sociologia. A contribuição dos autores clássicos para a interpretação da sociedade: Émile Durkheim, Karl Marx e Max Weber. Neoliberalismo e Globalização. A Sociologia da Educação: teorias clássicas e teorias críticas.

Bibliografia Básica

BAUMAN, Zygmunt; MAY, Tim. **Aprendendo a pensar com a sociologia**. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

DAYRELL, Juarez. **Múltiplos olhares sobre Educação e cultura**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2001.

QUINTANEIRO, Tânia; BARBOSA, Maria Lígia de Oliveira; OLIVEIRA, Márcia Gardênia Monteiro de. **Um toque de clássicos**. Belo Horizonte: UFMG, 2002

Bibliografia Complementar

ALTHUSSER, Louis. **Sobre a reprodução**. Petrópolis, Vozes, 1995

BOURDIEU, Pierre. "Condição de classe e posição de classe". In: AGUIAR, Neuma. **Hierarquia em classes**. Rio de Janeiro: Zahar, 1974. p. 51-76.

CASTELLS, Manuel. **A Era da Informação**: Economia, Sociedade e Cultura. A Sociedade em Rede. Vol. 1. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

SÁNCHEZ, Antonio Hernández. **Sociologia da Educação**. Rio de Janeiro: Thex Editora, 2001

TURA, Maria de Lourdes Rangel (org.); **Sociologia para educadores**. Rio de Janeiro: Quartet, 2001.

Práticas Esportivas II

Estudo da história e evolução dos esportes de rede e raquete. Métodos de ensino dos fundamentos técnicos, táticos e das habilidades motoras na Educação Física escolar e no treinamento. Planejamento do processo de ensino-aprendizagem dos esportes de rede e raquete.

Bibliografia Básica

GONZÁLEZ, F.; DARIDO, S.; OLIVEIRA, A. (org.). **Práticas Corporais e a Organização do Conhecimento**: Esportes de marca e com rede divisória ou muro/parede de rebote. 2ª Edição, 2017.

GRECO, P. J., (org.). **Iniciação esportiva universal**. Belo Horizonte, Ed. UFMG, 2007.

PAES, R. R.; BALBINO, H. F. **Pedagogia do esporte**: contextos e perspectivas. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2005.

Bibliografia Complementar

BIZZOCCHI, C. **O voleibol de alto nível**: da iniciação à competição. 5. ed., rev. atual. São Paulo: Manole, 2016.

CECCONI, E. **Futevôlei**: compreendendo para jogar (melhor). Editora Appris, Ârtera Editora, 2021.

CORTELA, C. C.; JANICE, M. C. A. A.; GARCIA, J. P. F. **Tênis**: um olhar multidisciplinar. Editora CRV, 2020.

IIZUKA, C. A.; NAGAOKA, K. T.; MARINOVIC, W. **Tênis de Mesa**. São Paulo: Editora Phorte, 2006.

KRÖGER, C.; ROTH, K. **Escola da Bola**: um ABC para iniciantes nos jogos esportivos. 2.ed. São Paulo: 2006.

Atenção Primária à Saúde

Disciplina correlata ao Estágio Curricular Supervisionado Não Escolar III, responsável por discutir teorias, conceitos e categorias de análise tendo como referências as experiências no campo de estágio. Intervenção do/a profissional de Educação Física na atenção primária à saúde. Avaliação do contexto local e compreensão das necessidades e peculiaridades da comunidade. Elaboração, ensino e avaliação de Atividades Físicas/Práticas Corporais para diferentes públicos: saúde do/da trabalhador/a; saúde de pessoas com doenças crônicas; saúde das gestantes; saúde dos/das dependentes químicos/as e saúde de pessoas com transtornos mentais. As Práticas Integrativas e Complementares em Saúde (PICS) como possibilidade de intervenção na promoção da saúde.

Bibliografia Básica

BALK, R.S. Práticas Integradas em Saúde Coletiva: Um Olhar para a Interprofissionalidade e Multiprofissionalidade. Appris Editora. 2021.

SILVA, Paulo Sergio Cardoso da. *Profissional de Educação Física no Sus: atuação com ciência e evidências*. Editora CRV, 2021.

SILVA, P. S. C. NASF Núcleo de Apoio à Saúde da Família : Aspectos legais, conceitos e possibilidades para a atuação dos profissionais de Educação Física / Paulo Sergio Cardoso da Silva. - Palhoça : Ed. Unisul, 2016. 168 p.
https://sbafs.org.br/admin/files/papers/file_ECRqIxXYZ4FG.pdf.

Bibliografia Complementar

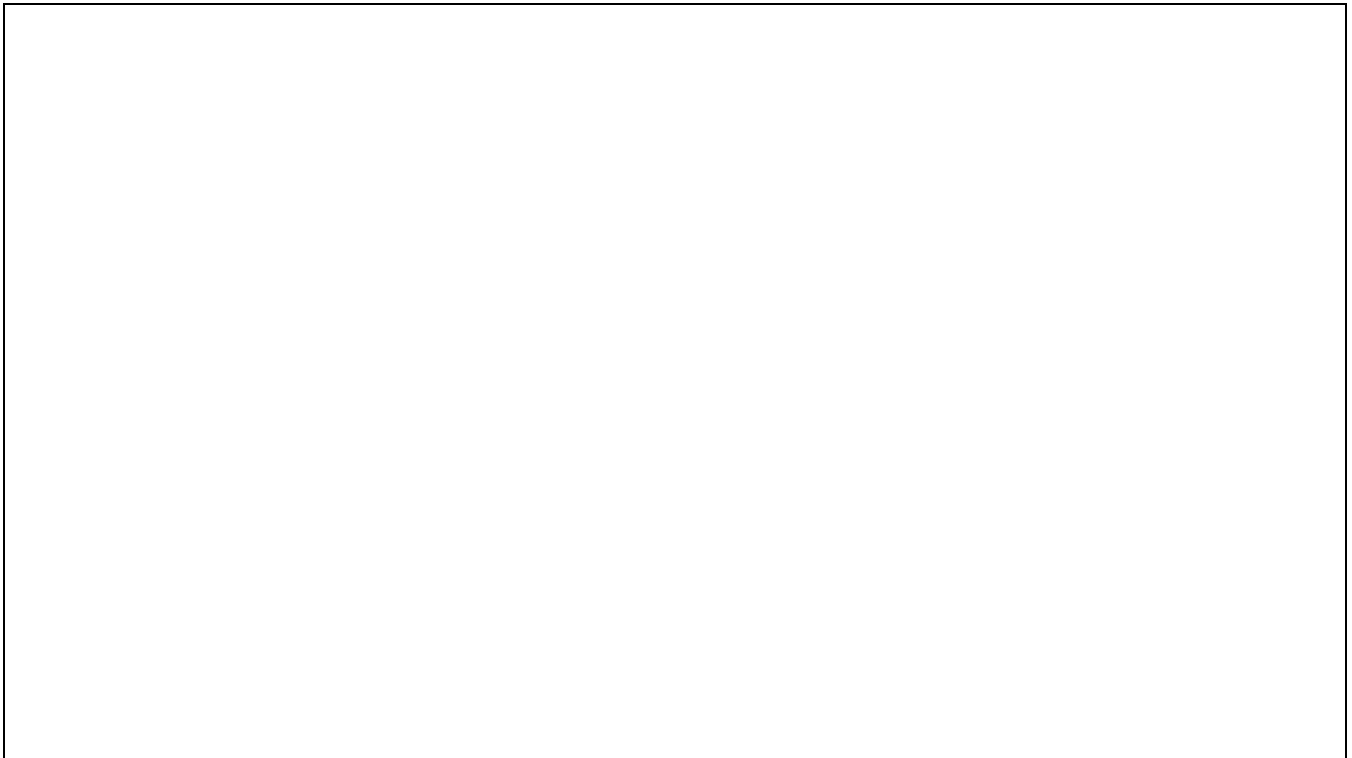
CZERESNIA, Dina; FREITAS, Carlos Machado de. Promoção da Saúde: conceitos, reflexões, tendências. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ. 2016.

FLORINDO, A. A; ANDRADE, D. R. Experiências de promoção da atividade física na estratégia de saúde da família. Florianópolis. Sociedade Brasileira de Atividade Física e Saúde. 2015. https://sbafs.org.br/admin/files/papers/file_ShIOMkqF1yr5.pdf.

FRAGA, Alex Branco; CARVALHO, Yara Maria; GOMES, Ivan Marcelo (Org.). As Práticas Corporais no Campo da Saúde. Rio de Janeiro, Hucitec Editora. 2012.

FREITAS, Fabiana Fernandes de. *A Educação Física no Serviço Público de Saúde*. São Paulo: Hucitec, 2007.

VILARTA, Roberto. A promoção da saúde e a política nacional de saúde: conceitos e aplicações dirigidos ao Programa de Formação Interdisciplinar Superior ProFIS. Campinas: IPES, 2012.



Educação Física, Minorias Sociais e Inclusão

Disciplina correlata ao Estágio Curricular Supervisionado Integrado, responsável por discutir teorias, conceitos e categorias de análise tendo como referências as experiências no campo de estágio. Minorias sociais, populações periféricas, relações de poder, discriminação e preconceitos, e suas relações com o corpo. O Estado Moderno e as teorias políticas. Os direitos humanos universais e no Brasil. Análise dos processos históricos e contemporâneos de preconceito, discriminações e desigualdades. Problemática dos coletivos organizados, dos movimentos sociais, sindicais e de resistência na luta por direitos.

Bibliografia Básica

FERNANDES, F. **O Desafio Educacional**. São Paulo: Expressão Popular, 2020.

GOHN, M. G. **Movimentos Sociais e Redes de Mobilizações Cívicas no Brasil Contemporâneo**. Petrópolis: Editora Vozes, 2010.

MELO, V. A. **Lazer e Minorias Sociais**. São Paulo: IBRASA, 2003.

Bibliografia Complementar

ALVITO, M.; ZALUAR, A. (org.) **Um Século de Favela**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

HOBSBAWN, E. J. **Os Trabalhadores**: Estudo sobre a história do operariado. São Paulo: Paz e Terra, 2015.

KONDER, L. **A Questão da Ideologia**. São Paulo: Expressão Popular, 2020.

JUBILUT, Liliana Lyra. **Direitos humanos e meio ambiente** minorias ambientais. São Paulo Manole 2017.

JOAZE BERNARDINO-COSTA; NELSON MALDONADO-TORRES; RAMÓN GROSGOUEL. **Decolonialidade e pensamento afrodiaspórico**. Autêntica Editora – 2018.

4.13 Disciplinas Optativas

Componente Curricular	Carga Horária		Créditos
	Hora Aula		
Aprendizagem Motora Aplicada	72	60	4
Basquetebol	72	60	4
Capoeira	72	60	4
Circo e Educação Física	72	60	4
Controle Motor	72	60	4
Docência em Educação Física: histórias de vida, formação e experiência	72	60	4
Educação Física Escolar e discursos legitimadores: tópicos para aprofundamento	72	60	4
Envelhecimento humano e atividade física	72	60	4
Esporte, Cinema e Vídeo	72	60	4
Esportes Paralímpicos e adaptados para pessoas com deficiência	72	60	4
Etnografias da Infância	72	60	4
Futebol	72	60	4
Futsal	72	60	4
Gestão e empreendedorismo em Educação Física	72	60	4
Ginástica Coletiva	72	60	4
Ginástica Laboral e ergonomia	72	60	4
Handebol	72	60	4
Historiografia das Práticas Corporais	72	60	4
Geopolítica/Relações Internacionais do Esporte	72	60	4
Infância e Cidade	72	60	4
Lazer e Espiritualidade	72	60	4
Lazer, Educação, Território e Mineração	72	60	4
Lazer e trabalho contemporâneo	72	60	4
Lazer, Mídias e Cultura Digital	72	60	4
Leitura e Interpretação de Artigos Científicos	72	60	4
Métodos de Pesquisa Qualitativa em Educação Física	72	60	4

Métodos de Pesquisa Quantitativa em Educação Física	72	60	4
Musculação	72	60	4
Novo Panorama Educacional: uso da tecnologia como aporte de conhecimento social	72	60	4
Ócio, Lazer e Tempo Livre	72	60	4
Prescrição de Exercício Físico	72	60	4
Representações sobre o Corpo: elementos históricos e contemporâneos	72	60	4
Seminário de Classificação Funcional	72	60	4
Temas Contemporâneos em Educação	72	60	4
Temas Contemporâneos em Educação Física	72	60	4
Tópicos em Esportes Olímpicos	72	60	4
Tópicos em Saúde para grupos especiais	72	60	4
Tópicos em Treinamento das Capacidades Físicas	72	60	4
Tópicos Especiais em Recuperação Física e Psicológica Aplicadas no Treinamento Esportivo	72	60	4
Velhice e lazer	72	60	4
Voleibol	72	60	4

4.14 Ementas das Disciplinas Optativas

Aprendizagem Motora Aplicada

Utilização dos conteúdos associados à área da Aprendizagem Motora de forma aplicada aos contextos esportivo e escolar. Estudo dos processos de aprendizagem motora em crianças, jovens e adultos. Condução de análises de casos relacionados ao aprendizado e controle de habilidades motoras. Aplicação do conhecimento em processos neurais, sensorio-perceptuais, cognitivos e do controle motor ao desempenho e aprendizado de habilidades motoras.

Bibliografia Básica

CORRÊA, H. C. **Pesquisa em comportamento motor**: a intervenção profissional em perspectiva. São Paulo: USP, 2008.

GRECO, P. J. (Org.). **Iniciação esportiva universal**: da aprendizagem motora ao treinamento técnico. Belo Horizonte: UFMG, 2007

TEIXEIRA, L. A. **Controle Motor**. São Paulo: Manole, 2006.

Bibliografia Complementar

LAGE, G. M.; BENDA, R. N. Treinamento técnico: uma revisão sobre a aplicação do princípio da interferência contextual no processo de ensino-aprendizagem de habilidades esportivas. In: GARCIA, E.S.; LEMOS, K. L. **Temas atuais VIII: educação física e esportes**. Belo Horizonte: Health, 2003.

SANTOS, S. Desenvolvimento motor ao longo da vida. In: BARBANTI, V. AMADIO, A. C.; BENTO, J. O.; MARQUES, A. T. (orgs.) **Esporte e atividade física: interação entre rendimento e saúde**. São Paulo: Manole, 2002.

TANI, G.; CORREA, U. C. **Aprendizagem motora e ensino do esporte**. Editora Blucher, 2016.

Basquetebol

Estudo da história e evolução do basquetebol. Regras oficiais e arbitragem. Métodos de ensino dos fundamentos técnicos, sistemas táticos e das habilidades motoras. Planejamento do processo de ensino-aprendizagem-treinamento, da iniciação ao esporte de rendimento.

Bibliografia Básica

ROSE JÚNIOR, D.; FERREIRA, A. E. X. **Basquetebol: técnicas e táticas: uma abordagem didático-pedagógica**. 3.ed. São Paulo: E. P. U, 2010.

DE ROSE Jr, D., TRICOLI, V. (Orgs.). **Basquetebol: Uma Visão Integrada Entre Ciência e Prática**. Barueri, Editora Manole, 2005.

OLIVEIRA, V.; PAES, R.R. **Ciência do Basquetebol: Pedagogia e Metodologia da Iniciação à Especialização**. Londrina, Editora Midiograf, 2004.

Bibliografia Complementar

DE ROSE Jr, D., TRICOLI, V. (Orgs.). **Basquetebol: do treino ao jogo**. 2ª ed – Barueri, SP: Manole, 2017.

ALMEIDA, M. B. **Basquetebol: iniciação**. 3. Ed - Rio de Janeiro: Sprint, 2002.

PAES, R. R.; BALBINO, H. F. **Pedagogia do esporte: contextos e perspectivas**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2005.

Capoeira

Estudo da história da Capoeira e das práticas corporais afro-brasileiras. Métodos de ensino e aprendizagem dos fundamentos das diversas escolas brasileiras. Planejamento do processo de Educação das relações étnico-raciais na Educação Física, e nos espaços educativos não-escolares. Espetacularização e esportivização da Capoeira.

Bibliografia Básica

KUNZ, Elenor. Didática da Educação Física 1. 3. ed. Ijuí: Unijuí, 2003

FALCÃO, José Luiz Cirqueira, A escolarização da capoeira. Brasília: Editora Royal Court, 1996.

NESTOR, Capoeira, Capoeira os fundamentos da malícia. Rio de Janeiro: Editora Record, 1998

Bibliografia Complementar

ALMEIDA, Raimundo Cesar Alves, A saga do Mestre Bimba. Salvador: Edição do Autor 1994

MUNIZ, Sodré, O Brasil simulado e o real. Rio de Janeiro: Rio Fundo Editora, 1991, p.17-18.

REGO, Waldeloir, Capoeira angola. Salvador: Editora Itapuã, 1968.

SILVA, Gladson de Oliveira, Capoeira do engenho à universidade. São Paulo: CEPEUSP 1995..

SOARES, Carlos Eugênio Líbano, A Negregada instituição. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, 1994..

VIEIRA, Luís Renato, O jogo de capoeira. Rio de Janeiro: Editora Sprint. 1995.

Circo e Educação Física

Circo e sua relação com a Educação Física. Desenvolvimento dos princípios didático-pedagógicos do ensino do circo e suas aplicações. Análise e vivência de modalidades circenses contemplando a construção de materiais e equipamentos alternativos. Aspectos de segurança no ensino do circo.

Bibliografia Básica

BORTOLETO, M. A. C. (org.). **Introdução a pedagogia das Atividades circense v.1**. Várzea Paulista, Editora Fontoura, 2008.

BORTOLETO, M A. C. et al. **Introdução à pedagogia das atividades circenses v. 2**. Várzea Paulista, Editora Fontoura, 2010.

BORTOLETO, M. A. C.; ONTAÑÓN, T. B.; SILVA, E. **Circo Horizontes Educativos**. 1ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2016. V,1. 257p.

Bibliografia Complementar

BORTOLETO, M. A. C., PINHEIRO, P. H. G. G e PRODÓCIMO, E. **Jogando com o Circo**. Várzea Paulista, Editora Fontoura, 2011.

FERREIRA, D.L; BORTOLETO, M A C; SILVA, E. **Segurança no Circo: questão de prioridade**. Várzea Paulista, Editora Fontoura, 2015.

LOPES, D. de C; PARM, M. **Construção de Malabares Passo a Passo**. Várzea Paulista, Editora Fontoura, 2016.

MALLET, R. D., BORTOLETO, M. A. C., Educação Física Escolar: Pedagogia e Didática das Atividades Circenses. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 28, p. 171-189, 2007.

SUGAWARA, C. **Figuras e Quedas para Corda Lisa e Tecido, Fundamentos**. São Paulo, Ed. Artesanal, realização Funarte, 2008.

CONTROLE MOTOR

EMENTA: Análise do controle de movimentos relacionado às bases comportamentais, neurofisiológicas e psicológicas. Estudo dos mecanismos sensório-motores envolvidos no planejamento e na regulação motora.

Bibliografia Básica

CORRÊA, Humberto César. **PESQUISA em comportamento motor: a intervenção profissional em perspectiva**. São Paulo: USP, 2008.

TEIXEIRA, L. A. **Controle Motor**. São Paulo: Manole, 2006.

Bibliografia Complementar

BARELA, J.A.; BARELA, A.M.F.; RODRIGUES, S.T. Controle motor, teoria e atuação profissional: dinâmica de percepção e ação. In: Correa, U.C.. (Org.). *Comportamento Motor: A intervenção profissional em perspectiva*. São Paulo: EFP/EEFEUSP, 2008, pp.102-115.

ELLIOTT, D.; CHUA, R. Manual asymmetries in goal-directed movement. In: Elliott D, Roy EA (Eds.), *Manual asymmetries in motor performance*. Boca Raton: CRC, 1996. Cap.7, p.143-158.

FITTS P. M. The information capacity of the human motor system in controlling the amplitude of movement. *Journal of Experimental Psychology*, v.47, p.381-391, 1954.

GAZZANIGA, M. S.; IVRY, R. B.; MANGUN, G. R. *Neurociência cognitiva: a biologia da*

mente. 2ª Ed. Porto Alegre: ARTMED, 2002.

LAGE, G.M.; MALLOY-DINIZ, L.F.; NEVES, S.F.; GALLO, L.G.; VALENTINI, A.S.; CORRÊA, H. A kinematic analysis of manual aiming control on euthymic bipolar disorder. *Psychiatry Research*, 2012. doi:10.1016/j.psychres.2012.09.046

LAGE, G.M. ; GALLO, L.G. ; MIRANDA, M.G. ; VIEIRA, D.R. ; SCHICKLER, D.J. ; COELHO, R.R. ; UGRINOWITSCH, H. ; BENDA, R.N. . Assimetrias Manuais e Complexidade da Tarefa em Habilidades de Apontamento. *Revista Portuguesa de Ciências do Desporto*, v. 8, p. 47-57, 2008.

PINHO, D.M. ; LAGE, G. M. ; UGRINOWITSCH, H. ; BENDA . Efeito da complexidade da tarefa na direção da transferência bilateral em habilidades motoras seriadas. *Revista Portuguesa de Ciências do Desporto*, v. 7, p. 209-216, 2007.

SHUMWAY-COOK, A.; WOOLLACOTT, M. *Controle Motor: teoria e aplicações práticas*. São Paulo. Ed. Manole, 2003.

Docência em Educação Física: Histórias de Vida, Formação e Experiência

Memória, Autobiografia e Relatos de formação. A Narrativa de si como prática de formação. Formação experiencial. Discussão sobre história de vida e escolha pela docência. Compreensão da constituição da identidade docente enquanto um processo dinâmico.

Bibliografia Básica

BENJAMIN, W. **O narrador**: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: Obras Escolhidas. Vol. I, Magia e técnica, arte e política. São Paulo: Brasiliense, 1993.

NÓVOA, A. (Org.). **Vidas de professores**. Porto: Porto Editora, 1992.

SOUZA, E. C. **O conhecimento de si**: estágio e narrativas de formação de professores. Rio de Janeiro: DP&A; Salvador: UNEB, 2006.

Bibliografia Complementar

ALVES, F. et al. A “escrita de si” na formação em Educação Física. **Movimento**, Porto Alegre, v. 17, nº2, p. 239-258, abr/jun, 2011.

BARROS, M. **Memórias Inventadas**: as infâncias de Manoel de Barros. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2008.

DAYRELL, J. **Múltiplos olhares sobre Educação e cultura**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2001.

LARROSA, J. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**, São Paulo, nº19, p. 20-28, jan/abr, 2002.

LOPES, E. M. S. T.; FARIA FILHO, L. M.; VEIGA, C. G. (Org.). **500 anos de educação no Brasil**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

Educação Física Escolar e Discursos Legitimadores: Tópicos para Aprofundamento

Educação Física como componente curricular. Sentidos da Educação Física articulados à função social da Escola. Discursos legitimadores da Educação Física na escola. Educação Física como Linguagem. Conhecimentos e saberes tratados pela Educação Física. Ensino e Avaliação na Educação Física escolar.

Bibliografia Básica

BRACHT, V. **A educação física escolar no Brasil**: o que ela vem sendo e o que pode ser. Ijuí: Ed. Unijuí, 2019.

BRACHT, V., CRISÓRIO, R. (org.) **A Educação Física no Brasil e na Argentina**: identidade, desafios e perspectivas. Campinas: Autores associados; Rio de Janeiro: Prosul, 2003.

FENSTERSEIFER, P.E. **A Educação Física na crise da modernidade**. Ijuí: Ed. Unijuí, 2001.

Bibliografia Complementar

BRACHT, V., ALMEIDA, F. Q. ; VAZ, A. F. ; SANTOS, K. C. **Educação Física & Ciência: cenas de um casamento (in)feliz**. 4^a. ed. Ijuí/RS: Unijuí, 2014.

CHERVEL, A. História das disciplinas escolares: reflexões sobre um campo de pesquisa. **Teoria e Educação**, n.2, p. 177-229, 1990.

DAOLIO, J. **Educação física e o Conceito de Cultura**. Campinas/SP: Autores Associados, 2004.

MEDINA, J. P. S. **A educação física cuida do corpo ... e “mente”**: novas condições e desafios do século XXI. 26. ed. Campinas: Papirus, 2010.

VAGO, T. M.; SOUSA, E. S. (Org.). **Trilhas e partilhas**: educação física na cultura escolar e nas práticas sociais. Belo Horizonte: Grafica e Editora Cultura, 1997.

ENVELHECIMENTO HUMANO E ATIVIDADE FÍSICA

Ementa: O processo natural de envelhecimento humano sendo compreendido pelas alterações dos principais sistemas responsáveis pela produção do movimento. Métodos de análise para compreensão da aptidão física, funcional e cognitiva do idoso e implicações da atividade física/práticas corporais.

Bibliografia Básica

BRASIL. Congresso. Senado. **Estatuto do idoso e normas correlatas**: dispositivos constitucionais pertinentes Lei n.10.741, de outubro de 2003. Brasília: Senado Federal, 2009. 68 p.

FARINATTI, P.T.V. **Envelhecimento, promoção da saúde e exercício bases teóricas e metodológicas**. Barueri: Manole, 2008. 616 p.

NERI, A. L. **Envelhecer num país de jovens**: significados de velho e velhice segundo brasileiros não idosos. Campinas: Editora da UNICAMP, 1991. 155 p.

Bibliografia Complementar

ALVES JÚNIOR, E. D.(Org.). **Envelhecimento e atividade física**: diversos olhares sobre a prevenção de quedas. Rio de Janeiro: UFF, 2006. 161 p.

FRAGA, A. B.; CARVALHO, Y. M.; GOMES, I.M.(org.). **As práticas corporais no campo da saúde**. São Paulo: Hucitec, 2013

GREGUOL, M.; COSTA, R. F. (Org.). **Atividade física adaptada**: qualidade de vida para pessoas com necessidades especiais. 2.ed. Barueri: Manole, 2008.

NAHAS, M. V. **Atividade física, saúde e qualidade de vida**: conceitos e sugestões para um estilo de vida ativo. Londrina: Midiograf, 2001. 238 p.

VILARTA, R.; GUTIERREZ, L.; MONTEIRO, M.I. **Qualidade de vida: evolução dos conceitos e práticas no século XXI**. Campinas: IPES Editorial, 2010. 206 p.

Esporte, Cinema e Vídeo

Reflexões sobre a utilização do cinema e vídeo no processo de ensino e aprendizagem na Educação Física. Discussão dos componentes biofísicos, psicossociais, históricos, políticos, filosóficos e culturais dos esportes e das práticas corporais por meio da análise audiovisual e interpretação de cinema e vídeo.

Bibliografia Básica

BETTI, M. **A janela de vidro**: esporte, televisão e educação física. 3. ed. São Paulo: Papyrus, 2004.

MELO, V.A.; DRUMOND, M. **Esporte e cinema**: novos olhares. Rio de Janeiro: Apicuri, 2009.

MELO NETO, F.P. **Marketing esportivo**: o esporte como ferramenta do marketing moderno. Rio de Janeiro: Best Seller, 2013.

Bibliografia Complementar

ALMEIDA, T. **O esporte como exemplo**. Belo Horizonte: FAPI, 2004.

CHARNEY, L.; SCHWARTZ, V.R. **O cinema e a invenção da vida moderna**. 2. ed. São Paulo: Cosac & Naify, 2004.

COHN, G. **Sociologia da comunicação**: teoria e ideologia. Petrópolis: Vozes, 2014.

MELO, V.A.; PERES, F.F. **O esporte vai ao cinema**. 1. ed. Rio de Janeiro: Senac Nacional, 2005.

KOCHHANN, A.; REZENDE, L.T. **Cinema e educação**: uma experiência crítica na sala de aula. Anápolis: UEG, 2016.

Esportes Paralímpicos e Adaptados para Pessoas com Deficiência

História e evolução dos esportes paralímpicos e adaptados para pessoas com deficiência. A organização dos programas de competição para pessoas com deficiência. Classificação funcional no esporte paralímpico. Conhecimento das modalidades paralímpicas e dos esportes adaptados. Estratégias metodológicas para ensino dos esportes paralímpicos e adaptados em diferentes contextos de atuação.

Bibliografia Básica

MARQUES, R. F. R.; GUTIERREZ, G. L.. **O esporte paralímpico no Brasil:** profissionalismo, administração e classificação de atletas. São Paulo: Phorte, 2014.

SILVA, A.; MELLO, M. T. **Esporte Paralímpico:** da Organização ao Alto Rendimento. Editora dos Editores, 2021.

SOUZA, P. A. **O esporte na paraplegia e tetraplegia.** Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1994.

Bibliografia Complementar

GORLA, J. I. (Org.). **Educação física adaptada:** O passo a passo da avaliação. São Paulo: Phorte, 2013.

GREGUOL, M.; COSTA, R. F. (Orgs.). **Atividade Física Adaptada:** qualidade de vida para pessoas com necessidades especiais. 2.ed. Barueri: Manole, 2008.

DANTAS, M. J. B.; DANTAS, T. L. S.; NOGUEIRA, C. D. GORLA, J. I. **Bocha paralímpica:** história, iniciação e avaliação. 1ª Edição, Editora CRV, 2020.

NAKASHIMA, C. T.; NAKASHIMA, A. H. S. **Tênis de mesa paraolímpico:** manual de orientação para professores de educação física. Brasília: Comitê Paraolímpico Brasileiro, 2006.

WNINICK, J. P. **Educação Física e Esportes Adaptados.** Barueri-SP, Editora Manole, 2004.

Etnografias da Infância

Apresentação da etnografia como possibilidade metodológica para pesquisa sobre/com crianças. Noções sociais de infância. O uso do método etnográfico em contextos de aprendizagem, escolares e não escolares.

Bibliografia Básica

ANDRÉ, M. **Etnografia da prática escolar**. São Paulo: Papirus, 2002.

MAGNANI, J. G. C.; DE SOUZA, B. M. **Jovens na metrópole**: etnografias de circuitos de lazer, encontro e sociabilidade. São Paulo: Terceiro Nome, 2007.

ROCHA, G.; TOSTA, S. P. **Antropologia e educação**. Autêntica, 2009.

Bibliografia Complementar

LAVE, Jean; **Learning and Everyday Life**: Access, Participation, and Changing Practice. Cambridge university press, 2019.

LAVE, Jean; WENGER, Etienne. **Situated learning**: Legitimate peripheral participation. Cambridge university press, 1991.

LANSKY, S.; GOUVÊA, M. C. S.; GOMES, A. M. R. Cartografia das Infâncias em região de fronteira em Belo Horizonte. **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 35, n. 128, 2014, p.717-740.

LAVE, Jean. **Apprenticeship in critical ethnographic practice**. University of Chicago Press, 2011.

PIMENTEL, Á. Brincadeiras de rua, convivência urbana e ecologia dos saberes. **Revista Brasileira de Educação**, v. 20 n. 62 jul.-set. 2015.

Futebol

Estudo da história e evolução do futebol. Regras oficiais e arbitragem. Métodos de ensino dos fundamentos técnicos, sistemas táticos e das habilidades motoras. Planejamento do processo de ensino-aprendizagem-treinamento, da iniciação ao esporte de rendimento.

Bibliografia Básica

PRAÇA, G. M.; GRECO, P. J. **Treinamento Tático no Futebol**: Teoria e Prática. Curitiba: Appris, 2020.

WEINECK, J. **Futebol total**: o treinamento físico no futebol. Guarulhos: Phorte, 2004.

VIANA, A. R.; RIGUEIRA, J. E. **Futebol prático**: preparação física, técnica e tática. Viçosa: UFV, 1990.

Bibliografia Complementar

DAOLIO, J. **Cultura, educação física e futebol**. 3. ed., rev. Campinas: Editora UNICAMP, 2010.

CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE FUTEBOL. **Regras do jogo de futebol 2009/2010**. Rio de Janeiro: 2009.

SILVA, S. R. (Org.). **Levantamento da produção sobre o futebol nas ciências humanas e sociais de 1980 a 2007**. Belo Horizonte: UFMG, 2009.

MELO, R. S. **Futebol**: 1000 exercícios. 4. ed. Rio de Janeiro: Sprint, 2003.

Gestão e empreendedorismo em Educação Física

Futsal

Estudo da história e evolução do Futsal. Métodos de ensino dos fundamentos técnicos e análise dos elementos táticos. Planejamento do processo de ensino-aprendizagem-treinamento na Educação Física. Regras básicas e arbitragem

Bibliografia Básica

ANDRADE JUNIOR, J.R. Futsal: Aquisição, Iniciação e Especialização. Curitiba, Juruá, 2007.

SANTANA, W.C. Futsal: Apontamentos Pedagógicos na Iniciação e na Especialização. Campinas, Autores Associados, 2004.

SAAD, M.A., COSTA, C.F. Futsal: Movimentações Defensivas e Ofensivas. Florianópolis, 2ªed. Editora Visual Books, 2005.

Bibliografia Complementar

BALZANO, O. N. Metodologia dos jogos condicionados para o futsal e Educação Física escolar. Porto Alegre: Fontoura, 2007.

BELLO JUNIOR, Nicolino. A ciência do esporte aplicada ao futsal. Rio de Janeiro: Sprint, 1998. MUTTI, Daniel. Futsal: da iniciação ao alto nível. l'autor, 1999.

VOSER, Rogério da Cunha; GIUSTI, João Gilberto. O futsal e a escola: uma perspectiva pedagógica. Porto Alegre: Artmed, 2002.

SANTANA, W. C. As Regras do Futsal e Algumas Implicações Técnicas. 2008.

Estudo dos principais recursos administrativos, empreendedorismo e de marketing utilizados pelo Profissional de Educação Física nos diferentes campos de atuação. Conhecimento básico dos princípios, métodos e técnicas de administração financeira e de recursos humanos. Gestão e inovação.

Bibliografia Básica

CHIAVENATO, Idalberto. Administração nos novos tempos: os novos horizontes em administração. 3. ed. São Paulo: Manole, 2014.
 VECINA NETO, Gonzalo; MALIK, Ana Maria. Gestão em saúde. 2. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2016.
 TAYLOR, Frederick Winslow. Princípios de administração científica. 8. ed. São Paulo: Atlas, 1990. (Reimpressão de 2015).

Bibliografia Complementar

CAMPOS, Gastão Wagner de Souza. Um método para análise e co-gestão de coletivos: a constituição do sujeito, a produção de valor de uso e a democracia em instituições: o método da roda. 3. ed. São Paulo: Hucitec, 2007.
 CHIAVENATO, Idalberto. Administração de recursos humanos: fundamentos básicos. 7.ed., rev. e atual. São Paulo: Manole, 2009.
 CHIAVENATO, Idalberto. Introdução à teoria geral da administração. 9. ed. São Paulo: Manole, 2014.
 DORNELAS, José Carlos Assis. Empreendedorismo: transformando ideias em negócios. 7. ed. São Paulo: Empreende, 2018.
 HISRIC, Robert D; PETERS, Michael P.; SHEPHERD, Dean A. Empreendedorismo. 9.ed. Porto Alegre: Bookman, 2014.
 MUNIZ, José Wagner Cavalcante; TEIXEIRA, Renato da Costa. Fundamentos de administração em fisioterapia. 2. ed. Barueri: Manole, 2008.
 TAJRA, Sanmya Feitosa. Gestão em saúde: noções básicas, práticas de atendimento, serviços e programas de qualidade. São Paulo: Érica, 2015.

Ginástica Coletiva

Estudo das metodologias relativas à ginástica coletiva, nas suas diversas possibilidades de aplicação e execução, tendo em vista as questões de saúde, qualidade de vida, corporeidade e o processo de ensino-aprendizagem.

Bibliografia Básica

LIMA, V. P.; SILVEIRA NETTO, E. **Ginástica localizada**: cinesiologia e treinamento aplicado. Rio de Janeiro: Sprinter, 2010.

VIDAL, A.; ANIC, C. C.; KERBEJ, M. H. A. **Ginástica de academia**: Aprendendo a ensinar. Phorte Editora, 2018.

SABA, F. **Gestão em atendimento**: manual prático para academias e centros esportivos. 2. ed., rev. e atual. Barueri: Manole, 2012.

Bibliografia Complementar

ALBUQUERQUE, Z. **Jump da teoria a prática**. São Paulo: Ícone Editora, 2013.

VOIGT, L. **Ginástica localizada**: métodos e sistemas. Rio de Janeiro: Sprint, 2006.

AMANTÉA, M. **Step force**: a verdadeira aula de Step. Jundiaí: Fontoura, 2003.

Ginástica laboral e ergonomia

Qualidade de Vida no Trabalho. Prevenção e promoção da Saúde do Trabalhador. Serviço de Segurança e Saúde do Trabalhador. Princípios da Ergonomia/NR17. Distúrbios Osteomusculares Relacionados ao Trabalho/DORT. Estresse no trabalho. Ginástica laboral.

Bibliografia Básica

MACIEL, M. G. **Ginástica Laboral e Ergonomia**. 1ª. ed. Jundiaí: Fontoura, 2010. 191p.

MACIEL, M. G. **Ginástica laboral - instrumento de produtividade e saúde nas empresas**. 1ª. ed. Rio de Janeiro: SHAPE EDITORA, 2008. v. 2000. 280p.

LIMA, V. **Ginástica Laboral e Saúde do Trabalhador: Saúde, capacitação e orientação ao Profissional de Educação Física**. CREF4/SP. Comissão Especial da Coleção Literária 20 anos da Instalação do CREF4/SP. 2019.

Bibliografia Complementar

Ogata, A. **Guia prático de qualidade de vida: como planejar e gerenciar o melhor programa para a sua empresa**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2009

Branco, A. E. (Org.) **Ginástica Laboral: Prerrogativa do Profissional de Educação Física**. Rio de Janeiro: CONFEF, 2015.

Lima, V. **Ginástica Laboral: Atividade Física no Ambiente de Trabalho**. 4ª ed. São Paulo, Phorte Editora. 2019.

Handebol

Estudo da história e evolução do Handebol. Métodos de ensino dos fundamentos técnicos e análise dos elementos táticos. Planejamento do processo de ensino-aprendizagem-treinamento na educação física. Regras básicas e arbitragem.

Bibliografia Básica

EHRET Arno (et al). Manual de Handebol: treinamento de base para crianças e adolescentes. São Paulo: Phorte, 2002.
 GRECO, Pablo Juan; ROMERO, Juan. Manual de Handebol – Da Iniciação ao Alto Nível. Editora Phorte. São Paulo, 2012.
 SIMÕES, A. C. Handebol Defensivo: conceitos técnicos e táticos. São Paulo: Phorte, 2002.

Bibliografia Complementar

BRASIL, MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E DO DESPORTO. SECRETARIA DE EDUCAÇÃO ESPECIAL. Handebol: Regras Internacionais. Brasília: MEC, 1984.
 BRASIL, PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS. Educação Física. Brasília: MEC, 1997. GRECO, P. J. (Org). Iniciação Esportiva Universal: Da Aprendizagem Motora ao Treinamento Técnico. Belo Horizonte: UFMG, 2007.
 SOARES, C. L. Metodologia do Ensino da Educação Física. 2ª Edição. São Paulo: Cortez, 2012. TEIXEIRA, H. V. Educação Física e Desportos. São Paulo: Saraiva, 1995.

Historiografia das Práticas Corporais

Bases epistemológicas, metodológicas e teóricas das principais correntes da historiografia no Brasil, em especial a História cultural e a história social. Práticas corporais como objeto das pesquisas históricas. História oral como metodologia para a escrita da história. Historiografia das práticas corporais como possibilidade de realização dos trabalhos de conclusão de curso.

Bibliografia Básica

CORBIN, A.; COURTINE, J.; VIGARELLO, G. (Orgs.). **História do Corpo**. Vozes, 2011.

FARIA FILHO, L. M.; VEIGA, C. G. (Orgs.). **500 anos de Educação no Brasil**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

FERREIRA, M. M.; AMADO, J. (Orgs.). **Usos e abusos da história oral**. 8. ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2006.

Bibliografia Complementar

LINHALES, M. **A escola e o esporte**: uma história de práticas culturais. São Paulo: Contez, 2009.

MINAYO, M. C. S. **Pesquisa social**: Teoria, método e criatividade. Petrópolis: Vozes, 2009.

VIZENTINI, P. F.; RIBEIRO, L. D. T.; PEREIRA, A. D. **História da África e dos africanos**. Petrópolis: Vozes, 2013.

Geopolítica/Relações Internacionais do Esporte

Abordagem teórica da Geopolítica e Relações Internacionais no âmbito esportivo. Olhar global do aparelhamento do esporte pelas nações ao longo da história e suas relações de poder. Análise crítica das instituições esportivas mundiais (FIFA e COI) e suas implicações no processo de escolha das cidades-sede (países-sede) dos megaeventos esportivos. O esporte no contexto das grandes guerras mundiais e disputas de poder. O esporte contemporâneo e suas implicações nas políticas externas.

Bibliografia Básica

GOLDBLATT, D. **The Games**: A Global History of the Olympics. NY: WW Norton & Company, 2016.

NYE, J. J. **Soft Power**: The Means to Success in World Politics. NY: Public Affairs, 2004.

VASCONCELLOS, D. W. **Esporte, Poder e Relações Internacionais**. Brasília: Fundação Alexandre de Gusmão, 2008.

Bibliografia Complementar

CASTILHO, C. T. Megaeventos Esportivos: para além das análises econômicas. **Revista Brasileira de Estudos do Lazer**, V.3, N.3, set./dez., 2016.

CASTILHO, C. T.; MARCHI JÚNIOR, W. Esporte, geopolítica e relações internacionais. **FuLiA / UFMG**, 5(2), 2021, p. 240–257.

LEITE JR., E.; RODRIGUES, C. A geopolítica do futebol em transformação: o caso chinês. **FuLiA / UFMG**, 3(2), 2019, p.28–50.

OLIVEIRA, N. G. A produção da cidade através do espetáculo esportivo: quando a exceção se torna regra. **Revista eletrônica de estudos urbanos e regionais**, N.13, A.4, 2013.

SUPPO, H. Reflexões sobre o lugar do esporte nas relações internacionais. **Contexto Internacional**. 34 (2), 2012.

Infância e Cidade

Apresentação campo de estudo que vem construindo análises sobre as relações entre infância e os contextos urbanos. Noções sociohistóricas de infância no ambiente citadino. Pesquisas contemporâneas sobre o lugar das crianças nos grandes centros urbanos.

Bibliografia Básica

ÁRIES, P. **História social da criança e da família**. Rio de Janeiro: Editora Jorge Zahar, 1986.

BROUGERE, G. **Brinquedo e cultura**. 6ª ed. São Paulo : Cortez, 2006.

MORIGI, V. **Cidades Educadoras**: possibilidades de novas políticas públicas para reinventar a democracia. Porto Alegre: Sulina, 2016.

Bibliografia Complementar

INGOLD, T. **Estar vivo**: ensaios sobre movimento, conhecimento e descrição. Editora Vozes Limitada, 2015.

INGOLD, T. **Lines**: a brief history. Routledge, 2016.

INGOLD, T. **Making**: Anthropology, archaeology, art and architecture. Routledge, 2013.

GUIMARÃES, I. V.; LOPES, J. J. M. As experiências espaciais das crianças no espaço urbano. **Educar em Revista**, Curitiba, Brasil, v. 35, n. 73, p. 307-325, jan./fev. 2019.(ARTIGO)

KARSTEN, L.; KAMPHUIS, A.; REMEIJNSE, C. "Time-out" with the family: the shaping of family leisure in the new urban consumption spaces of cafes, bars and restaurants, **Leisure Studies**, Volume 34(2), 166-181, 2015.

Lazer e espiritualidade

Psicologia Positiva. Conceitos de espiritualidade, religiosidade e bem-estar espiritual. Dimensão espiritual da saúde. Modelo de lazer e bem-estar espiritual.

Bibliografia Básica

Aquino, Thiago Antonio Avellar de. Espiritualidade e saúde: teoria e pesquisa. Editora CRV. Curitiba. 2020.

Pereira, Felipe Moraes Toledo. Tratado de espiritualidade e saúde: teoria e prática do cuidado em espiritualidade na área da saúde. 1. ed. - Rio de Janeiro: Atheneu, 2021.

Corrêa Andréa Perez (org.) Psicologia Positiva: Teoria e Prática: Conheça e aplique a Ciência da Felicidade e das Qualidades Humanas na Vida, no trabalho e nas organizações São Paulo: LEADER 2016.

Bibliografia Complementar

Maciel, M. G; Mota, J; Vieira Junior, P. R; Oliveira Junior, G. N; Uvinha, R. R. . Lazer e bem-estar espiritual em universitários espiritual. Revista INFAD de Psicología, v. 1, p. 271-282, 2023.

Maciel, M. G; Oliveira Junior, G. N; Mota, J. Percepção de Universitários Sobre a Interface Entre Lazer, Religiosidade e Bem-estar Espiritual. Revista de Psicologia da IMED, v. 15, p. 83-100, 2023.

Lazer, Educação, Território e Mineração

A atividade minerária é permeada por controvérsias sociais e ambientais, entre esses os desastres de rompimento de barragens de rejeitos não são eventos, mas processos que possuem uma territorialidade e são responsáveis por processos de desterritorialização. Essa disciplina se propõe a estudar conceitos de lazer articulado as complexidades de territoriais dos impactos e riscos promovidos pela atividade minerária. A educação crítica e as práticas de lazer podem ser um caminho para o empoderamento e superação da cultura de silêncio em áreas de mineração.

Bibliografia Básica

CASTRO, E.; CARMO, E. D. **Dossiê Desastres e Crimes da Mineração em Barcarena**. Belém: NAEA: UFPA, 2019.

CASTRO, J. E., HELLER, L.; MORAIS, M. P. **O Direito à água como política pública na América Latina: uma exploração teórica e empírica**. Brasília: IPEA, 2015.

GOMES, C. L. **Lazer, trabalho e educação-relações históricas, questões contemporâneas**. Editora UFMG, 2008.

Bibliografia Complementar

BAHIA, M. C.; SAMPAIO, T. M. V. Lazer–meio ambiente: Em busca das atitudes vivenciadas nos esportes de aventura. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 28, n. 3, 2007.

BRUHNS, H. T. Lazer e meio ambiente: a natureza como espaço da experiência. In: BRUHNS, H. T. **Conexões: educação, esporte, lazer**. Campinas: Faculdade de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas, 1998. p. 07-26.

BRUHNS, H. T.; MARINHO, A. Lazer e meio ambiente-multiplicidade de atuações. **LICERERevista do Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer**, v. 6, n. 2, 2003.

RECHIA, S.; LADEWIG, I. Espaços de Lazer, Meio Ambiente e Infância: relação entre sustentabilidade social e ambiental para o desenvolvimento integral do cidadão urbano. **Revista Brasileira de Estudos do Lazer**, v. 1, n. 3, p. 67-83, 2014.

RIGOTTO, R. M.; AGUIAR, A. C. P.; RIBEIRO, L. A. D. **Tramas para a Justiça Ambiental: diálogo de saberes e práxis emancipatórias**. Fortaleza: Edições UFC, 2018.

Lazer e Trabalho Contemporâneo

Trabalho e sociedade e os elementos que os constituem. Relações históricas entre Lazer, Trabalho e as respectivas formas de produção. Uberização do trabalho e as implicações no lazer. A divisão sociossexual do trabalho: gênero, raça e etnia. Lazer como necessidade humana e novas perspectivas de luta de classe.

Bibliografia Básica

ANTUNES Ricardo. *Os Sentidos do Trabalho*, Ed. Boitempo, 15º edição, São Paulo, 2015.
FEDERICI, S. *O patriarcado do salário: notas sobre marx, gênero e feminismo*, 2020.
GOMES, Christiane. *Lazer, Trabalho e Educação: relações históricas, questões contemporâneas*. Editora UFMG, 2ª edição, 2008.

Bibliografia Complementar

ANTUNES Ricardo. *Uberização, Trabalho Digital e Indústria 4.0*, São Paulo, Boitempo, 2020
ISAYAMA, Hélder Ferreira (org.). *Formação e atuação profissional em políticas públicas de esporte e lazer : estudos e pesquisas* – Belo Horizonte : Editora UFMG, 2018.
SUNKARA, Bhaskar; KLEIN, Aline. *ABC do Socialismo*. Editora Autonomia Literária; 1ª Edição, 2022.

Lazer, Mídias e Cultura Digital

Introdução ao fenômeno da cibercultura e mídias digitais, assim como as transformações no modo de vida das pessoas. Compreender a dinâmica da cultura e suas transformações ocorridas com o uso das mídias. Compreender o lazer como mediação cultural nos diferentes grupos sociais.

Bibliografia Básica

GOMES, C.L.; DEBORTOLI, J. A.; SILVA, L. P. **Lazer práticas sociais e mediação cultural**. Campinas, SP. Autores Associados, 2019.

BENJAMIN, W. **A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica**. Porto Alegre, RS: L&PM, 2017.

MARTIN-BARBERO, J. **Comunicação na educação**. São Paulo: Contexto, 2014.

Bibliografia Complementar

SCHWARTZ, G. M. et al. Apropriação das tecnologias virtuais como estratégias de intervenção no campo do lazer: os webgames adaptados. **LICERE-Revista do Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer**, v. 16, n. 3, 2013.

PIAZZETTA, L. E. C. et al. Projeto organização de eventos esportivos: o impacto de jogos virtuais durante a pandemia. In: **MTC-Mostra Técnico-Científica**. IFRS-Campus Bento Gonçalves. 2021.

DE ALMEIDA PAULA, K.; DE ALMEIDA FARIA, T. C. O turismo e as mídias sociais: novas formas de aproximação do sujeito e espaço em tempos de pandemia. **Geografares**, v. 1, n. 32, p. 178-195, 2021.

Leitura e Interpretação de Artigos Científicos

Tipos de artigos/estudos científicos. Estruturas de um artigo científico (introdução, métodos, resultado, discussão e conclusão). Elementos e informações presentes nas diferentes partes do artigo. Interpretação dos testes estatísticos básicos; interpretação dos resultados: gráficos e tabelas. Revisando o conceito de inferência estatística.

Bibliografia Básica

BATISTA, R. C. S. F.; GEOFFROY, R. T. **Ciência: pesquisa, métodos e normas**. Barbacena: Unipac, 2004.

MARTINEZ, E. **Bioestatística para os Cursos de Graduação da Área da Saúde**. Editora Blucher, 2015.

TOZONI-REIS, M. F. C. **Metodologia de pesquisa**. Curitiba: IESDE Brasil, 2005.

Bibliografia Complementar

CASARIN, H. C. S.; CASARIN, S. J. **Pesquisa Científica: da teoria à prática**. Editora Intersaberes, 2012.

CAMPOS, R. C. P. R. **Pesquisa, Educação e Formação Humana: nos trilhos da História** - 1ª Edição. Editora Autêntica, 2010.

PEREIRA, J. E. D. **Formação de professores: pesquisas, representações e poder**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

SANTOS FILHO, J. C.; SÁNCHEZ GAMBOA, S. (Org.). **Pesquisa educacional: quantidade-qualidade**. 8. ed. São Paulo: Cortez, 2013.

SILVA, S. P.; GREZZANA, J. F. **Pesquisa como Princípio Educativo**. Editora Intersaberes, 2013.

Métodos de Pesquisa Qualitativa em Educação Física

Abordagens epistemológicas em pesquisas na educação. Métodos em pesquisa qualitativa: Análise crítica do discurso; Análise de conteúdo; Observação participante e não participante; Entrevista; Grupo focal. Representação social. Interpretação dos dados qualitativos.

Bibliografia Básica

CRESWELL, Jonh W. Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto. 2 ed. Porto Alegre: Artmed, 2007.

SILVERMAN, David. Interpretação de dados qualitativos: métodos para análise de entrevistas, textos e interações. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2008.

TRIVIÑOS, Augusto. Introdução à pesquisa em Ciências Humanas e Sociais. Atlas Editora. 1987.

Bibliografia Complementar

Métodos de Pesquisa Quantitativa em Educação Física

Desenho experimental, levantamento e tratamento de dados. Introdução à estatística descritiva e inferencial.

Bibliografia Básica

TRIOLA, Mario F. Introdução à estatística. Editora LTC, 2005.
 MOORE, D. S. (2005). A estatística básica e sua prática. Rio de Janeiro: LTC, 2010.
 SAMPAIO, Ivan. Estatística aplicada à experimentação animal. Editora UFMG, 4 ed. 1998.

Bibliografia Complementar

CRESPO, A. A. Estatística fácil. 17ª Ed. São Paulo: Saraiva, 2001. 224p.
 CUNHA, S. E. Estatística descritiva: na psicologia e educação. Rio de Janeiro: Forense, [19-
 -]. 243 p.
 HOEL, P. G. Estatística elementar. Rio de Janeiro: Fundo de Cultura, 1980. 430 p. POPPER,
 K. R. A lógica da pesquisa científica. 15ª Ed. São Paulo: Cultrix, 2011. 567 p.
 SOARES, J. F. Introdução à estatística médica. 2ª.Ed. Belo Horizonte: VIEIRA, S. Introdução
 à bioestatística. 4ª Ed. Rio de Janeiro: Campus, 2008. 196 p.

BARBOUR, Rosaline. Grupos focais. Porto Alegre: Artmed, 2009. 216p.

BARBIER Rene. A pesquisa em ação. Editora: Liber Livro. 2004.

BARDIN, Laurence. Analise de Conteúdo. Edições 70. 2011.

FLICK, Uwe. Introdução à Pesquisa Qualitativa. 3ª Edição. Porto Alegre: Artmed, 2008.

MINAYO, M. C. S. O desafio do conhecimento: Pesquisa qualitativa em saúde.
 7ª edição,
 Rio de Janeiro: Hucitec. 2011.

Musculação

Ensino dos métodos e princípios da Musculação e da utilização de seus equipamentos como meio de aprimoramento e desenvolvimento das capacidades físicas básicas, desempenho esportivo, reabilitação e melhoria da saúde e qualidade de vida da população.

Bibliografia Básica

BOMPA T.O., DI PASQUALE M., CORNACCHIA L.J. **Treinamento de força levado a sério**. 3. ed. São Paulo: Manole, 2015.

PRESTES J., FOSCHINI D., MARCHETTI P., CHARRO M.A. **Prescrição e periodização do treinamento de força em academias**. São Paulo: Manole, 2010.

UCHIDA M.C., CHARRO M.A., BACURAU R.F., NAVARRO F., PONTES JÚNIOR F.L. **Manual de musculação**: uma abordagem teórico-prática do treinamento de força. 7. ed. São Paulo, Phorte, 2013.

Bibliografia Complementar

BOSSI L.C. **Periodização na musculação**. 3. ed. São Paulo: Phorte, 2014.

FLECK S.J., FIGUEIRA JÚNIOR A. **Treinamento de força para fitness e saúde**. São Paulo: Phorte, 2003.

POLLOCK V., GREVE J.M.D., POLITO M.D. **Fisiologia clínica do exercício**. São Paulo: Manole, 2013.

TEIXEIRA C.V.L.S., GUEDES Jr D.P. **Musculação funcional**: ampliando os limites da prescrição tradicional. 2. ed. São Paulo: Phorte, 2016.

WILLIAMS L., GROVES D., THURGOOD G. **Treinamento de força**: guia completo passo a passo para um corpo mais forte e definido. São Paulo: Manole, 2010.

Novo Panorama Educacional: Uso da Tecnologia como Aporte de Conhecimento Social

A proposta pensa na criação de um circuito informativo no entorno da Educação Física e a sociedade, discutindo vários temas e assuntos tendo a educação física como a linha que costura as informações através de recursos tecnológicos possibilitando inserir diversos conceitos, atitudes e desenvolver o protagonismo inerente ao profissional docente do curso. Sempre trabalhando de forma transdisciplinar envolvendo outros cursos e aspectos sociais que vão para além da sala de aula, assuntos do cotidiano dos alunos buscando atender as demandas e/ou dores no aspecto de informações e conhecimentos.

Bibliografia Básica

COSCARELLI, C. V. **Tecnologias para aprender**. São Paulo: Parábola, 2016.

KENSKI, V. M. **Tecnologias e ensino presencial e a distância**. 9. ed. Campinas: Papirus, 2012.

LÉVY, P. **As tecnologias da inteligência**: o futuro do pensamento na era da informática. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2010.

Bibliografia Complementar

CARVALHO, F. C. A.; IVANOFF, G. B. **Tecnologia da Informação e da Comunicação**. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2010.

FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS; OLIVEIRA, F. B. (org.). **Tecnologia da Informação e da Comunicação**: a busca de uma visão ampla e estruturada. Pearson Prentice Hall, 2007.

LITWIN, E. (Org.); ROSA, E. (Trad.). **Tecnologia educacional**: política, histórias e propostas. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

RIBEIRO, A.; CASTRO, J. M.; REGATTIERI, M. M. G. **Tecnologias na sala de aula**: uma experiência em escolas públicas de ensino médio. Brasília: UNESCO, 2007.

Ócio, Lazer e Tempo Livre

Abordagem epistemológica do ócio. Ócio como campo de conhecimento interdisciplinar. Ócio: processo histórico, conceito e dimensões. O fenômeno do ócio na contemporaneidade: Ócio humanista; Pedagogia do ócio; Ócio como desenvolvimento humano. Ócio em diferentes tempos sociais. Especificidades entre ócio e lazer.

Bibliografia Básica

BRASILEIRO, F. N. V. (Org.); VITORINO, G. T. (In); MARTINS, J.C.O. (Org.) . **Da paideia à educação contemporânea:** limites e possibilidades de processos educativos pelo ócio e para o ócio. 1. ed. Fortaleza: Gráfica Unifor, 2019.

FRANCILEUDO, Francisco Antônio; MARTINS, José Clerton de Oliveira. **Sentido do tempo, Sentido do ócio, Sentidos para o Viver.** 1. ed. Coimbra - Portugal: Grácio Editor, 2016.

MARTINS, J.C.O.; LINS, C.F.M (Org.); BARBOSA JUNIOR, F. W. S. (Org.). **Ensaio da Pandemina:** isolamento social entre caos e recriação da vida. 1. ed. Curitiba: Editora Appris, 2021.

Bibliografia Complementar

BAPTISTA, M. M.; VENTURA, A. Do Ócio. **Debates no contexto da cultura contemporânea.** Coimbra. Gráfico Editor. 2013

MARTINS, J. C. O.; BAPTISTA, M. M. **O ócio nas culturas contemporâneas:** teorias e novas perspectivas em investigação. Coimbra. Gráfico Editor, 2013.

MARTINS, J.C.O.; ROCHA, L. (Org.). **No envelhecer, experimente viver:** reflexões sobre experiências potencializadoras de vida nos tempos livres da velhice. 1. ed. Curitiba: Editora CRV, 2018.

SALIS, V. D. **Ócio Criador, Trabalho e Saúde.** São Paulo. Editora Claridade, 2004.

Prescrição de Exercício Físico

Princípios gerais do condicionamento físico. Evolução conceitual e tendências na abordagem da aptidão física. Aptidão Física relacionada à saúde: testes e prescrição de exercícios. Medidas da atividade física habitual. Elaboração de programas de promoção da atividade física e aprimoramento do condicionamento físico, treinamento aeróbio e de força.

Bibliografia Básica

BOMPA, T. **Periodização:** Teoria e Metodologia do Treinamento – Editora Phorte. 5ª Ed. 2012.

CASSIDORI JUNIOR, J.; SILVA, J. J. **Prescrição e Orientação do Exercício Físico.** Editora Intersaberes, 2020.

FOSCHINI, D. **Prescrição e periodização do treinamento de força em academias** (2ª edição revisada e atualizada). Editora Manole, 2016.

Bibliografia Complementar

SANTAREM, J. M. **Musculação em todas as idades**. São Paulo Manole 2012.

DE LA, A. F. **Treinamento desportivo**: carga, estrutura e planejamento. 2 ed. São Paulo: Phorte, 2006.

MCARDLE, W.; KATCH, F.I.; KATCH, V.L. **Fisiologia do Exercício**: Energia, Nutrição e Desempenho Humano. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 7ª ed., 2011.

CHAGAS, M.; LIMA, F. **Musculação**: variáveis estruturais : programas de treinamento. 3. ed. rev. ampl. Belo Horizonte: Casa da Educação Física, 2015.

SCOTT, P. K.; HOWLEY, E. T.. **Fisiologia do Exercício**: Teoria e aplicação ao condicionamento e ao desempenho. São Paulo: Manole, 8ª Ed., 2014.

Representações sobre o Corpo: Elementos Históricos e Contemporâneos

Educação do corpo: teoria e história. Corpo: um objeto nas fronteiras do saber. A invenção de dispositivos de controle dos corpos e da corporalidade. O corpo em interface com: ciência, poder, civilização, higiene, trabalho, cidade, arquitetura e escola. Educação, corpo e discursos nacionalistas. O corpo em diálogo com as teorias de gênero e sexualidades; e com debates raciais.

Bibliografia Básica

ELIAS, N. **O processo civilizador**: volume 1: uma história dos costumes. 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2011.

RIBEIRO, D. **Pequeno manual antirracista**. 1ªed. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

VIGARELLO, G.; CORBIN, A.; COURTINE, J. (orgs.). **História do Corpo**. Petrópolis, RJ: Vozes, 3 volumes, 2008.

Bibliografia Complementar

DEL PRIORE, M. (Org.). **História das crianças no Brasil**. 7. ed. 3 reimpressão. São Paulo: Contexto, 2016.

ELIAS, N. **O processo civilizador**: volume 2: formação do Estado e civilização. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993. 262 p.

GONZALEZ, L. **Por um feminismo afro-latino-americano**. Rio de Janeiro: Zahar, 1ª ed., 2020.

OLIVEIRA, M. A. T. **Educação do corpo na escola brasileira**. Campinas: Autores Associados, 2006.

SOARES, C. L. (Org.). **Corpo e história**. Campinas: Autores Associados, 2004.

Seminário de Classificação Funcional

Discussão sobre contextualização histórica e conceito da Classificação Funcional nos esportes para pessoas com deficiência. Análise dos procedimentos de formação do profissional de Educação Física para atuação na Classificação Funcional no paradesporto e esportes paralímpicos nacional e internacionalmente.

Bibliografia Básica

SAMULSKI D., MENZEL H.J., Prado L.S. **Treinamento esportivo**. São Paulo: Manole, 2013.

SOUZA P.A.O. **Esporte na paraplegia e tetraplegia**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1994.

WINCKLER C. **Esporte Paraolímpico**. 1. ed. São Paulo: Atheneu, 2012.

Bibliografia Complementar

BARBIANTI V.J. **Teoria e prática do treinamento esportivo**. 5. ed. São Paulo: Blücher, 2017.

BARBANTI, V.J. **Esporte e atividade física**: interação entre rendimento e qualidade de vida. São Paulo: Manole, 2002.

GORLA J.I, CAMPANA M.B., OLIVEIRA L.Z. **Teste e avaliação em esporte adaptado**. São Paulo: Phorte, 2009.

MELO M.T. **Avaliação clínica e da aptidão física dos atletas paraolímpicos brasileiros**: conceitos, métodos e resultados. 1. ed. Rio de Janeiro: Atheneu, 2004.

POLLOCK V., GREVE J.M.D., POLITO M.D. **Fisiologia clínica do exercício**. São Paulo: Manole, 2013.

Temas Contemporâneos em Educação

Estudo e aprofundamento de temas psicossociais, culturais, políticos e econômicos atuais e relevantes relacionados à educação, que contribuam para a formação dos professores.

Bibliografia Básica

ARROYO, Miguel Gonzalez. **Ofício de Mestre: imagens e auto-imagens**. Petrópolis: Vozes, 2000. 251 p.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. São Paulo: Paz e Terra, 1974.

COLETIVO DE AUTORES. **Metodologia do Ensino da Educação Física**. São Paulo: Cortez, 1992. Coleção Magistério 2º grau – série formação do professor

Bibliografia Complementar

Temas Contemporâneos em Educação Física

Estudo e aprofundamento de temas fisiológicos, psicossociais, culturais, políticos e econômicos atuais e relevantes relacionados à Educação Física que contribuam para a formação dos/das professore(a)s na contemporaneidade.

Bibliografia Básica

BRACHT, V. **A educação física escolar no Brasil**: o que ela vem sendo e o que pode ser. Ijuí: Ed. Unijuí, 2019.

GUYTON, A.C.; HALL, J.E. **Tratado de fisiologia médica**. Rio de Janeiro: Guanabara

Koogan S.A, 12ª Ed, 2011.

FACHIN, Odília. **Fundamentos de Metodologia**. 5.ed. São Paulo: Saraiva, 2006

Bibliografia Complementar

BARBIANTI V.J. **Teoria e prática do treinamento esportivo**. 5. ed. São Paulo: Blücher, 2017

BRUHNS, H.T. **A busca pela natureza turismo e aventura**. Barueri, SP: Manole, 2009.

ISAYAMA, H. F. **Lazer em estudo**: currículo e formação profissional. Campinas: Papirus, 2010

SAMULSKI, D. M. **Psicologia do Esporte**: Manual para a Educação Física , Psicologia e Fisioterapia. 1. ed. São Paulo: Manole, 2002

WINCKLER, C. **Esporte Paraolímpico**. 1. ed. São Paulo: Atheneu, 2012.

Tópicos em Esportes Olímpicos

Estudo da contextualização histórica e conceito dos esportes e Jogos Olímpicos de Verão e de Inverno. Discussão sobre procedimentos e estratégias metodológicas do profissional de Educação Física nos esportes olímpicos.

Bibliografia Básica

BARBIANTI V.J. **Teoria e prática do treinamento esportivo**. 5. ed. São Paulo: Blücher, 2017.

MELO FILHO, A. **Esporte, educação física e constituição**. São Paulo: Ibrasa, 1989.

SAMULSKI D., MENZEL H.J., PRADO L.S. **Treinamento esportivo**. São Paulo: Manole, 2013.

Bibliografia Complementar

CNE - **Conferência Nacional do Esporte. Esporte, lazer e desenvolvimento humano:** documento final. Brasília: Ministério do Esporte, 2004.

LANCELLOTTI, S. **Olimpíadas 100 anos:** história completa dos jogos. São Paulo: Círculo do livro, 1996.

MELO NETO, F.P. **Marketing esportivo:** o esporte como ferramenta do marketing moderno. Rio de Janeiro: Best Seller, 2013.

RUBIO, K. **Esporte, educação e valores olímpicos.** Belo Horizonte: Casa do Psicólogo, 2009

WINCKLER, C. **Esporte Paraolímpico.** 1. ed. São Paulo: Atheneu, 2012.

Tópicos em Saúde para Grupos Especiais

Estudo das bases fisiológicas para a prevenção, promoção, manutenção e reabilitação da saúde de populações especiais e sua relação com a atividade física.

Bibliografia Básica

Bibliografia Básica THOMPSON, P. D.; RIEBE, D; PESCATELLO, L.S.; ARENA, R. Diretrizes do ACSM - Para Os Testes de Esforço e sua Prescrição - Guanabara Koogan - 9ªed. 2014. MCARDLE, W.; KATCH, F.I.; KATCH, V.L. Fisiologia do Exercício: Energia, Nutrição e Desempenho Humano. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 7ª Ed. 2011 ACSM. Manual ACSM Para Avaliação da Aptidão Física Relacionada À Saúde - Guanabara Koogan. 3ª Ed. 2011.

Bibliografia Complementar

Bibliografia Complementar GUYTON, A. C. & HALL, J. E. Fisiologia humana e mecanismos das doenças. 6ª edição. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2006. BERNE, R. M.; LEVY, M. N. & KOEPEN, B. M. Fisiologia. 4ª edição. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2004. GUYTON, A. C. & HALL, J. E. Fisiologia humana e mecanismos das doenças. 6ª edição. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2006. DÂNGELO, J. G. & FATTINI, C. A. Anatomia Humana Sistêmica e Segmentar. 3ª edição. São Paulo: Atheneu, 2011. GUYTON, A. C. & HALL, J. E. Tratado de Fisiologia médica. 10ª edição. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2006.

Tópicos em Treinamento das Capacidades Físicas

Discussão aprofundada sobre avaliação e métodos de treinamento das capacidades físicas relacionadas aos desportos e à saúde em todos os níveis de atuação do profissional de Educação Física. Análise e estudo dos instrumentos e equipamentos de mensuração das capacidades físicas.

Bibliografia Básica

BOMPA T.O. HAFF G. **Periodização: teoria e metodologia do treinamento**. 5. ed. São Paulo: Phorte, 2012.

CASSIDORI JUNIOR J.C. **Treinamento esportivo**. Curitiba: Intersaberes, 2020.

SAMULSKI D., MENZEL H.J., Prado L.S. **Treinamento esportivo**. São Paulo: Manole, 2013.

Bibliografia Complementar

BARBIANTI V.J. **Teoria e prática do treinamento esportivo**. 5. ed. São Paulo: Blücher, 2017.

BOMPA T.O., DI PASQUALE M., CORNACCHIA L.J. **Treinamento de força levado a sério**. 3. ed. São Paulo: Manole, 2015.

FLECK S.J., FIGUEIRA JÚNIOR A. **Treinamento de força para fitness e saúde**. São Paulo: Phorte, 2003.

MARTIN D., CARL K., LEHNERTZ, K. **Manual de teoria do treinamento esportivo**. São Paulo: Phorte, 2008.

POLLOCK V., GREVE J.M.D., POLITO M.D. **Fisiologia clínica do exercício**. São Paulo: Manole, 2013.

Tópicos Especiais em Recuperação Física e Psicológica Aplicadas no Treinamento Esportivo

Estudos sobre as estratégias de avaliação e intervenção no processo de recuperação física e psicológica aplicadas ao treinamento das práticas corporais e esportes.

Bibliografia Básica

BARBANTI, V.J. **Esporte e atividade física**: interação entre rendimento e qualidade de vida. São Paulo: Manole, 2002.

SAMULSKI, Dietmar Martin. **Psicologia do esporte**: manual para a educação física, psicologia e fisioterapia. Barueri: Maneco, 2002. 380 p. ISBN 8520415148 (enc.).

TANI G., CORRÊA U.C. **Aprendizagem motora e o ensino do esporte**. 1. ed. São Paulo: Blücher, 2018.

Bibliografia Complementar

BARBIANTI V.J. **Teoria e prática do treinamento esportivo**. 5. ed. São Paulo: Blücher, 2017.

CASSIDORI JUNIOR J.C. **Treinamento esportivo**. Curitiba: Intersaberes, 2020.

BURITI, Marcelo de Almeida (Org.). **Psicologia do esporte**. 4. ed., rev. São Paulo: Alínea, 2012. 180 p. (Psicotemas).

NAVARRO A.C. **Pedagogia do esporte**: jogos esportivos coletivos. São Paulo; Phorte, 2015.

STEFANELLO, J. M. F. **Treinamento de competências psicológicas**: em busca da excelência esportiva. São Paulo: Manole, 2007.

Velhice e Lazer

O envelhecimento e a velhice no mundo contemporâneo. Aspectos sociais e culturais do envelhecimento em relação ao lazer. Direitos sociais e cidadania da pessoa idosa. Políticas públicas de atenção ao idoso. Processos organizativos e a construção de atores sociais na área do protagonismo da pessoa idosa.

Bibliografia Básica

GOMES, C.; PINHEIRO, M. F. G.; LACERDA, L. L. L.. **Lazer, turismo e inclusão social: Intervenção com idosos**. 1. ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

GUSMÃO, N. M. M. **Cinema, Velhice e cultura**. Campinas/SP: editora Alinea, 2005.

FONSECA, A. M.; BAGNOLI, V. R.; SOARES, J. M.; JACOB FILHO, W.; BARACAT, E. C. **Envelhecimento Feminino**. São Paulo: Editora Atheneu; 2015.

Bibliografia Complementar

MARTINS, J.C.O.; LOPES, M. R. R. (Org.). **Envelhecer: tempo de (re)criar a vida**. 1. ed. Curitiba: Editora CRV, 2017.

MARTINS, J.C.O.; FRANCILEUDO, F. A. . **Sentido do tempo, Sentido do ócio, Sentidos para o Viver**. 1. ed. Coimbra - Portugal: Grácio Editor, 2016.

CUENCA CABEZA, M. **Ócio valioso para envelhecer bem**. São Paulo: Edições SESC, 2018.

BORGES, R. M.; BRITO, C. M. D.; MONTEIRO, C. F. Saúde, lazer e envelhecimento: uma análise sobre a brincadeira de dança de roda das Meninas de Sinhá. **Interface Comunicação, Saúde, Educação**, v. 24, p. e190279, 2020.

ISAYAMA, H. F.; GOMES, C. L. Lazer e as fases da vida. In: MARCELLINO, N. C. **Lazer e sociedade: múltiplas relações**. Campinas: Editora Alínea, 2008.

Voleibol

Estudo da história e evolução do Voleibol. Métodos de ensino dos fundamentos técnicos, sistemas táticos e das habilidades motoras. Planejamento do processo de ensino aprendizagem-treinamento, da iniciação ao esporte de rendimento. Regras oficiais e arbitragem.

Bibliografia Básica

BIZZOCCHI, C. C. **O voleibol de alto nível: da iniciação à competição**. 5 ed. Barueri: Manole, 2016.

PESSOA, A. E.; BERTOLLO, M.; CARLAN, P. **Voleibol**. Ijuí: Unijuí, 2009.

GUILHERME, A. **À beira da quadra: técnica e tática de voleibol, conhecimentos úteis aos dirigentes, treinadores e atletas**. 4. ed. Belo Horizonte: Minas Tennis Clube, 2001.

Bibliografia Complementar

BARBANTI, V. J. **Treinamento esportivo**: as capacidades motoras dos esportistas. Barueri: Manole, 2010

MOTA, Y. (Org.). **Treinamento esportivo**: aspectos multifatoriais do rendimento. 1. ed. Rio de Janeiro: Medbook, 2014.

PAES, R. R.; BALBINO, H. F. **Pedagogia do esporte**: contextos e perspectivas. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2005

SUVOROV, Y. P.; GRISHIN, O. N. **Voleibol**: iniciação. 5. ed. Rio de Janeiro: Sprint, 2010.

5 METODOLOGIA DE ENSINO

Esta proposta pedagógica do curso de Educação Física parte de uma concepção humanista de educação. Portanto, concebe um protagonismo à relação aluno-professor quanto ao processo ensino-aprendizagem, procurando atribuir um significado e sentido na assimilação do conhecimento das distintas áreas do saber, em detrimento de uma mera reprodução de informações acumulada ao longo da história humana e de um cientificismo.

Não obstante, a adoção dessa proposta deve considerar as singularidades e o respeito às mesmas, incentivando uma formação humana pautada não em uma perspectiva de aprendizagem no formato linear; mas, em uma concepção de uma transformação pessoal e coletiva dinâmica, imbricada, interdisciplinarmente e transversalmente.

Tal proposta baliza-se na compreensão de uma pluralidade e complexidade que envolve o desenvolvimento humano; portanto, não deve se restringir na adoção de métodos de ensino analíticos. Tendo em vista essa complexidade que envolve a essência formativa humana, essa, deveria buscar problematizar situações no processo ensino-aprendizagem que, desafie, questione e amplie a compreensão simbiótica do conhecimento acadêmico e de senso comum, respeitando, assim, tanto o saber e o fazer humano em sua integralidade.

Enfim, o processo ensino-aprendizagem não deve se restringir ao reproduzir acriticamente informações culturalmente acumuladas, mas, sobretudo, norteando-se na concepção do humano, mundo, sociedades e processos educativos, visando um dialogismo reflexivo, questionador e multidimensional, considerando o contexto social em constante processo de transformação; notadamente, considerando os princípios éticos que garantam o respeito à

vida humana. Assim sendo, a metodologia de ensino adotada por este curso deve buscar ser:

- **Questionadora:** na medida em que apresenta as contradições básicas da vida com problemas que desafiam as pessoas nela envolvidas;
- **Integradora:** na medida em que possibilita às pessoas captarem o desafio e relacionarem com todas as dimensões da vida;
- **Crítica:** na medida em que oportuniza a busca das causas dos problemas existenciais, sociais e políticos.
- **Protagonista:** na medida em que, ao responderem os desafios, as pessoas sintam-se comprometidas no processo de transformação de sua realidade;
- **Dialógica:** na medida em que elas são chamadas a conhecer, a elaborar o seu conhecimento, quando se encontram em autêntica comunicação com outras pessoas;
- **Criativa:** na medida em que oferece a elas a possibilidade de construir seu saber, partilhando suas experiências, inventando e reinventando seu mundo, criando sua cultura e forjando seu destino como seres históricos; Portanto, os diversos conteúdos de ensino abordados ao longo da formação discente serão tratados nas dimensões conceituais (teorias, informações, conceitos), procedimentais (saber fazer) e atitudinais (valores e atitudes), de modo a incentivá-los a vivenciar uma abordagem transversal dos conhecimentos, articulando os diferentes saberes pertinentes em cada disciplina, por meio de reflexões e das práticas específicas da Educação Física, contemplando a diversidade de espaços de formação e atuação docente.

Para tanto, o docente segundo as especificidades do conteúdo a ser ministrado, bem como as singularidades dos/das discentes, poderá lançar mão de uma diversidade de procedimentos didáticos como: aulas expositivas, dialogadas, seminários, apresentação de trabalhos, atividades práticas, recursos áudio visuais, dentre outras estratégias, conforme a relação conteúdo-objetivo-métodos.

6 AVALIAÇÃO DE DESEMPENHO DISCENTE

A proposta avaliativa a ser desenvolvida neste curso tem como princípio superar a ideia do processo ensino-aprendizagem como mera mensuração de aquisição de informações, que se dá pela transmissão do docente, cabendo ao discente recebê-la. Assim, esse processo deve ser construído por ambos os atores, que se avaliam e auto avaliam continuamente, buscando uma complementariedade, focando a formação humana em sua integralidade.

Assim, essa forma de avaliação torna-se mais dinâmica, aberta e formativa, à medida que ela se transfere dos atores acadêmicos para as ações exercidas coletivamente, permitindo o seu constante aperfeiçoamento e tornando mais pertinentes aos objetivos propostos no Projeto Pedagógico do Curso. Notoriamente, é imprescindível informar aos discentes de maneira explícita, clara e coerente, a adoção dos critérios avaliativos escolhidos pelo docente. Tal postura pretende romper com as formas tradicionalmente acríicas de avaliação, tendo, sobretudo, a perspectiva da memorização, e não a contextualização das informações; ou seja, transformando-as em conhecimento pertinente ao cenário social em constante mudança.

Deve estar claro para os atores desse processo que a avaliação não se restringe ao desempenho discente, mas, igualmente, à intervenção docente e de suas escolhas didático-pedagógicas, sendo, portanto, sujeito desse processo. Portanto, não se avalia apenas o discente, mas, todo o processo ensino aprendizagem, para que se tenham informações que subsidiem as tomadas de decisões quanto a possíveis alterações, manutenção e/ou aprimoramento das ações realizadas.

Tendo em vista o exposto, as normas que regem este curso se baseiam no Regimento Geral da UEMG, na Seção VIII – Da Avaliação do Rendimento Escolar, que estabelece os seguintes princípios:

- A avaliação do rendimento escolar é feita em cada disciplina, em função do aproveitamento verificado em provas e trabalhos decorrentes das atividades exigidas do aluno;
- É assegurado ao estudante o direito de revisão de prova e trabalhos escritos, desde que requerida no prazo estipulado pela Unidade;
- A revisão de provas e trabalhos deverá ser feita, de preferência, na presença do aluno.
- É obrigatório o comparecimento do aluno às aulas e às demais atividades previstas no Regimento Geral da UEMG;
- O aluno que não tiver frequentado pelo menos setenta e cinco por cento das atividades escolares programadas estará automaticamente reprovado.
- A avaliação do rendimento em cada disciplina é feita por pontos cumulativos, em uma escala de zero (0) a cem (100).
- Nenhuma avaliação parcial do aproveitamento pode ter valor superior a quarenta (40) pontos.
- Apurados os resultados finais de cada disciplina, o rendimento escolar de cada aluno é convertido em conceitos:

A – Ótimo	90 a 100 pontos
B - Muito Bom	80 a 89 pontos
C – Bom	70 a 79 pontos
D – Regular	60 a 69 pontos
E – Fraco	40 a 59 pontos
F – Insuficiente	abaixo de 40 pontos ou infrequente
- É considerado aprovado o aluno que alcança o conceito D, no mínimo, e apresenta frequência satisfatória.

O discente terá direito à avaliação de segunda oportunidade, caso não tenha atingido 60 (sessenta), dos 100 (cem) pontos distribuídos para a disciplina no semestre, e não tenha sido reprovado por faltas, conforme as LDB 9394/96 art.12 inciso V. Caso o discente for reprovado, seja por rendimento, isto é, nota, e/ou por infrequência, terá que repetir a disciplina a posteriori.

Assim sendo, conforme a autonomia e sensibilidade docente pode-se utilizar dos diferentes tipos de avaliação – diagnóstica, formativa/somativa e final –, adotando distintos instrumentos avaliativos – autoavaliações, prova objetivas e/ou dissertativas, apresentação de trabalhos de forma individual e/ou coletiva, elaboração de portfólios, produção textual –, possibilitando contemplar as múltiplas inteligências dos discentes e de suas formas de assimilação dos saberes transmitidos.

Importante ressaltar a interdependência quanto à relação objetivo- conteúdo- avaliação, deva considerar a apropriação de conhecimentos, o domínio de habilidades e competências e atitudes previstas em cada período da matriz curricular, isto é, atendendo a devida complexidade e aprofundamento dos conteúdos ministrados, considerando o processo ensino- aprendizagem ao longo do curso.

7 ATENDIMENTO AO ESTUDANTE

Ciente de seu papel social, a UEMG reafirma seu compromisso com a pleno direito de acesso e permanência do estudante ao ensino superior, e, por meio das Pró-Reitorias de Ensino e de Extensão, planeja ações que visam à estruturação de uma política de assistência ao estudante.

Aprovado pelo Conselho Universitário - CONUN, Resolução Nº 201/2010, o NAE busca atender à Comunidade Estudantil, contribuindo para sua integração psicossocial, acadêmica e profissional. Além disso, desenvolve mecanismos que possibilitam a interlocução dos egressos com a Universidade. O Núcleo de Atendimento ao Estudante (NAE) da Universidade possui programas e projetos que buscam apoiar os discentes e inseri-lo no ambiente universitário e profissional. Este Núcleo conta com profissionais para orientação e acompanhamento psicológico e social. Os alunos da Unidade de Ibirité têm a possibilidade de serem atendidos, individualmente ou em grupos, por estes profissionais, em dias e horários previamente agendados. O apoio aos discentes com necessidades especiais é realizado por meio da contratação de monitores para acompanhar e ajudá-los em suas atividades acadêmicas.

No ano de 2015, institucionalizou-se na Unidade o Núcleo de Apoio ao Estudante Intercambista (NAI), cuja função é divulgar informações relacionadas aos programas de intercâmbio e incentivar a participação dos discentes nestes programas.

Em fevereiro de 2016, todos os estudantes da UEMG, incluindo os da Unidade de Ibirité passaram a contar com seguro contra acidentes pessoais em caso de imprevistos na participação de aulas práticas, atividades de pesquisa, extensão, estágio e visitas técnicas.

Como forma de favorecer a permanência dos estudantes na Universidade e melhorar sua formação acadêmica, a Unidade busca incentivá-los a participar das atividades de ensino, pesquisa e extensão.

O envolvimento dos docentes em editais de fomento à pesquisa estimula a participação dos estudantes em projetos científicos e tecnológicos. Os estudantes que atuam na iniciação científica são contemplados com bolsas e auxílios fornecidos pelos órgãos de fomento e, também com recursos da Universidade para participarem de eventos (seminários, congressos, encontros, palestras e outros) internos e externos.

Além de terem a oportunidade de serem bolsistas de projetos de extensão, os estudantes da Unidade podem concorrer a bolsas e auxílio financeiros oferecidos pelos Programas Institucionais de Apoio à Extensão da Universidade, alguns dos quais são coordenados por professores de Ibirité.

Destaca-se também o empenho em instituir parcerias e convênios com instituições públicas e privadas para viabilizar oportunidades de estágios e monitorias aos estudantes.

Outra forma de atendimento ao estudante é o Programa de Ensino em Monitoria Acadêmica (PEMA) e a monitória voluntária que é uma atividade acadêmica que permite o desenvolvimento de competências básicas para o exercício da docência. O/A aluno/a monitor/a tem a oportunidade de aprofundar sua experiência como estudante, exercer apoio pedagógico aos colegas sobre questões apresentadas em sala, bem como auxiliar o professor da disciplina na elaboração e execução do plano de trabalho e de tarefas acadêmicas.

8 NÚCLEO DOCENTE ESTRUTURANTE

O Núcleo Docente Estruturante (NDE), segundo a Resolução CEE/MG nº 482 de 08 de julho de 2021, que estabelece normas relativas à regulação da educação superior do sistema Estadual de Minas Gerais e dá outras providências, e a Resolução COEPE/UEMG nº 284 de 11 de dezembro de 2020, constitui-se de um grupo de docentes, com atribuições acadêmicas de acompanhamento, atuante no processo de concepção, consolidação e

contínua atualização do projeto pedagógico do curso. Os critérios de constituição do NDE devem minimamente contemplar os seguintes pontos:

- Ser constituído por 5 professores/as pertencentes ao corpo docente do curso; pelo menos, 60% (sessenta por cento) de seus membros devem ter titulação acadêmica obtida em programas de pós-graduação stricto sensu na área específica de conhecimento na qual o curso se insere ou afim, conforme as áreas do conhecimento definidas pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Ensino Superior – CAPES;
- Composto por, pelo menos, 20% (vinte por cento) de seus membros devem exercer suas funções em regime de trabalho de tempo integral;
- Os/as membros do Núcleo Docente Estruturante, conforme critérios estabelecidos no artigo 4º desta Resolução, serão escolhidos através de processo eleitoral, levando em consideração a formação acadêmica na área do curso, nos moldes do artigo 4º desta Resolução.

O Núcleo Docente Estruturante é um órgão consultivo de caráter permanente, possuindo as seguintes atribuições:

1. Atuar no acompanhamento, na consolidação e na atualização do Projeto Pedagógico do Curso – PPC;
2. Contribuir para a consolidação do perfil profissional do/a egresso/a do curso;
3. Zelar pela integração interdisciplinar entre as diferentes atividades de ensino constantes no currículo;
4. Identificar formas de incentivo ao desenvolvimento de linhas de pesquisa e extensão, oriundas de necessidades da graduação, de exigências do mercado de trabalho e afinadas com as políticas públicas relativas à área de conhecimento do curso;
5. Observar e zelar pelo cumprimento das Diretrizes Curriculares Nacionais para os Cursos de Graduação.

9 COLEGIADO DE CURSO

A partir da resolução COEPE/UEMG Nº 273, de 21 de julho de 2020 que regulamenta a composição e o funcionamento dos Colegiados de Curso de Graduação e estabelece normas complementares para a criação de Departamentos Acadêmicos na Universidade do Estado de Minas Gerais – UEMG, o Colegiado do curso de graduação em Educação Física passa a ser constituído por:

- I – Um/a representante de cada um dos Departamentos Acadêmicos que ofereçam disciplinas no curso, eleitos pelas respectivas Câmaras Departamentais, por um mandato de 2 (dois) anos, permitida uma recondução;
- II – Representantes dos professores que participam do curso, eleitos pelos demais docentes, por um mandato de 2 (dois) anos, permitida uma recondução;
- III – Representantes dos estudantes regularmente matriculados no curso, escolhidos na forma do Estatuto e do Regimento Geral;

§ 1º Juntamente com os representantes previstos nos incisos I a III serão eleitos suplentes, com mandato vinculado, para substituí-los em suas faltas ou impedimentos.

§ 2º Cada Colegiado de Curso de Graduação terá um Coordenador e um Subcoordenador, eleitos para mandato de dois anos, permitido o exercício de até dois mandatos consecutivos.

§ 3º Nas Unidades pendentes de completa estruturação por falta de professores efetivos, permite-se que as funções de representação previstas nos incisos I e II deste artigo sejam desempenhadas por professores designados.

As deliberações do Colegiado de Curso são feitas em reuniões ordinárias e/ou extraordinárias e as decisões são tomadas com base na maioria absoluta de seus membros. A esse órgão compete:

- Orientar, coordenar e supervisionar as atividades do curso;

- Elaborar o projeto pedagógico do curso e encaminhá-lo ao Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão, ouvida a Pró-Reitoria de Graduação;
- Fixar diretrizes dos programas das disciplinas e recomendar modificações aos

Departamentos;

- Elaborar a programação das atividades letivas, para apreciação dos Departamentos envolvidos;
- Avaliar periodicamente a qualidade e a eficácia do curso e o aproveitamento dos alunos;
- Recomendar ao Departamento a designação ou substituição de docentes;
 - decidir as questões referentes à matrícula, reopção, dispensa de disciplina, transferência, obtenção de novo título, assim como as representações e os recursos sobre matéria didática;
- representar ao órgão competente no caso de infração disciplinar.

O Colegiado de Curso funcionará com a maioria absoluta de seus membros e suas decisões serão tomadas pela maioria de votos dos presentes, excluídos os brancos e nulos.

E somam-se as descrições da Resolução COEPE/UEMG Nº 273, de 21 de julho de 2020:

Parágrafo único. Os Colegiados dos Cursos de Graduação, além de suas competências próprias estabelecidas pelo art. 59 do Estatuto da Universidade, deverão:

- I – Articular-se com o Núcleo Docente Estruturante para elaborar o Projeto Pedagógico do Curso e encaminhá-lo ao Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão, ouvida a Pró-reitoria de Graduação;
- II – Apreciar as alterações propostas pelo Núcleo Docente Estruturante para o desenvolvimento do Projeto Pedagógico do Curso;
- III – Avaliar periodicamente a qualidade e a eficácia do curso e o aproveitamento dos estudantes, ouvido o Núcleo Docente Estruturante.

10 INFRAESTRUTURA

A Fundação Helena Antipoff – FHA abrigava os cursos de graduação do Instituto Superior de Educação Anísio Teixeira (ISEAT). Eles foram absorvidos em 2013 pela Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG), conforme lei estadual n. 20.807 de 2013, vindo a constituir a UEMG-Unidade Ibirité. A unidade, juntamente com outras vinte e uma compõem a universidade que está presente nas mais distintas regiões de Minas Gerais.

A unidade de Ibirité está situada em um terreno da Fundação Helena Antipoff que possui mais de quarenta e nove hectares. No local há muita área verde, espaço para caminhadas e leituras. Todo esse espaço físico é vigiado por câmeras e seguranças que são funcionários da FHA.

As instalações que a UEMG/Ibirité ocupa na Fundação Helena Antipoff, se organizam em quatro prédios, com a seguinte distribuição:

INFRAESTRUTURA		QUANTIDADE
1. Salas de aula	Prédio Pedagogia	6
	Prédio Ciências Biológicas, Letras e Matemática	12
	Prédio central	3
	Prédio Ed. Física – Caio Martins	7
2. Gabinete(s) de trabalho para coordenadores de Colegiados de Cursos		1
3. Gabinete(s) de trabalho para Chefes de Departamentos		4
4. Gabinetes de trabalho para professores em regime de tempo integral		3
5. Salas de professores		2
6. Auditório		1
7. Sala Multimídia		1
8. Sala Master – UAITEC		1
9. Secretaria		1
10. Setor Administrativo		1
11. Direção		1
12. Almoxarifado		1
13. Sala de Pesquisa e Extensão		1
14. Núcleo de Estágio		1

15. Núcleo de Ações Intercambistas	1
16. Biblioteca	1
17. Laboratório de Informática 66	1
18. Laboratório de Informática 67	1
19. Laboratório de Informática – Educação Física	1
20. Sala dos Centros Acadêmicos – prédio central	1
21. Sala do Centro Acadêmico – Educação Física	1
22. Audiovisual	2
23. Recepção	2
24. Depósito material esportivo	1
25. Ginásio Poliesportivo*	1
26. Sala de dança	1
27. Campo de Futebol*	1
28. Piscina*	1
29. Laboratório de Ginástica (Galpão Minas Olímpica*)	1
30. Refeitório*	1
LABORATÓRIOS	
31. CIRANDA - Laboratório de Lazer, Infância e Cidade	
32. Laboratório de Fisiologia Do Exercício / GEFIS – Grupo de Estudos em Fisiologia e Saúde	
33. LEPEC – Laboratório de Estudos e Pesquisas em Educação do Corpo	
34. GEPECOM - Grupo de Pesquisas em Psicologia do Esporte e Comportamento Motor	
35. Laboratório de Anatomia,	
36. Laboratório de Bioquímica	
37. Laboratório de Microscopia	
38., Laboratório de Línguas	
39. Laboratório de Práticas Pedagógicas	
40. Laboratório de Artes	
41. Laboratório de Citologia / Histologia / Embriologia	
42. Laboratório de Biologia Geral	
43. Laboratório de Informática	
44. Museu Helena Antipoff	

*Patrimônio imóvel – uso compartilhado com a Fundação Helena Antipoff

No prédio Caio Martins, tem a sala da coordenação, da chefia de departamento, de professores, de dança, laboratório de informática, CIRANDA

- Laboratório de Lazer, Infância e Cidade, Laboratório de Fisiologia Do Exercício / GEFiS – Grupo de Estudos em Fisiologia e Saúde, LEPEC – Laboratório de Estudos e Pesquisas em Educação do Corpo, sala do GEPECOM - Grupo de Pesquisas em Psicologia do Esporte e Comportamento Motor, sete salas de aulas, banheiros, sala para os vigias e amplo estacionamento.

O prédio mais recentemente (Prédio Ciências Biológicas, Letras e Matemática) construído é de dois andares. Em baixo, tem sala para o pessoal da limpeza, banheiros, sala ampla para os coordenadores de cursos e cinco salas de aula. O andar de cima é composto por sete salas de aula. Em frente, há um estacionamento aberto para os estudantes.

Não muito distante do prédio novo, encontra-se o prédio da pedagogia ligado ao prédio que funciona dois laboratórios de informática, sala do DA estudantil, ampla sala de artes e prédio da biblioteca. No espaço da pedagogia, além dos banheiros, há seis salas de aula.

A biblioteca da unidade de Ibirité fica entre o prédio da pedagogia e o prédio central. Atualmente, seu acervo vem sendo complementado com a biblioteca virtual que tem demonstrado ser um ótimo recurso disponível e acessível para os estudantes.

O prédio central tem um amplo saguão na entrada e é constituído por dois andares. No primeiro pavimento está a sala da direção acadêmica, ampla secretaria, sala do setor de recursos humanos e compra e patrimônio, sala de equipamentos para empréstimos, sala do técnico de informática, uma sala de aula, sala da presidência da Fundação Helena Antipoff e cerca de sete salas para técnicos administrativos da FHA. Além dos banheiros coletivos, a grande maioria das salas do prédio central possui banheiros próprios.

Ainda no primeiro pavimento, funciona um refeitório e cantina. A Fundação Helena Antipoff disponibiliza almoço e jantar a preços populares para seus funcionários e estudantes, bem como funcionários e estudantes da UEMG. Quase em frente ao refeitório, encontra-se o corredor que leva ao espaço físico do museu Helena Antipoff.

O segundo pavimento do prédio central é composto por duas salas de aula comum e uma sala com noventa assentos estofados e lousa digital. Nesse andar localiza-se a sala dos professores, da pesquisa e extensão, núcleo de estágio, sala de orientação de TCC, sala do departamento de Letras e Linguística, sala do departamento de Ciências Exatas e sala do departamento de Ciências Humanas.

a. Sala dos professores

A Unidade possui uma sala de professores localizada no prédio central, bem iluminada, ventilada e adequada para o número de docentes. A referida sala dispõe de dois computadores com acesso a internet, micro-ondas, geladeira, cadeiras e mesas de reunião e escaninhos. A sala de professores situada no prédio do Curso de Educação Física, possui dois computadores com acesso à internet, escaninhos, longarinas, cadeiras e mesa de reunião.

b. Coordenações de Cursos, gabinetes, chefias de Departamentos e Núcleos de estágio

O espaço das coordenações dos Colegiados de Cursos é compartilhado entre os Cursos de Ciências Biológicas, Letras, Matemática e Pedagogia. Está equipado com quatro computadores com acesso a internet e impressora ligada em rede. Além disso, possui armários e mesas individuais para cada coordenador, mesa de reunião e cadeiras.

A Unidade possui 4 (quatro) gabinetes de trabalho para Chefes de Departamentos, todos são equipados com mesas de escritório, armários

novos e modernos, bem como cadeiras giratórias, computadores ligados em rede a uma impressora. Possui também 3 (três) gabinetes de trabalho para professores em regime de tempo integral, compostos de mesas, armários, cadeiras e ventiladores.

A sala de pesquisa e extensão é ampla e confortável, equipada com dois computadores com acesso a internet, impressora ligada em rede, mesa de reunião, armários, cadeiras almofadadas e cadeiras giratórias. Já o Núcleo de Estágio possui um computador com conexão a internet e ligado a uma impressora em rede e mobiliários como mesas, cadeiras giratórias e armários.

c. Salas de aula

As 28 (vinte e oito) salas de aula possuem quadro branco, ventiladores e telas de projeção. Todas as salas de aula já possuem data shows devidamente instalados.

d. Secretaria Acadêmica

A Secretaria Acadêmica possui ampla área física e conta com 6 computadores com acesso a internet e uma impressora multifuncional. O processo de registro acadêmico é informatizado e integrado ao Sistema de Secretarias da UEMG (Sistema Lyceum). Por meio deste Sistema, são gerados os históricos escolares, declarações, relatórios, listas de presença e emitidos os documentos necessários à Secretaria. Conforme dados da Pró-Reitoria de Ensino, disponibilizados no site da UEMG, a Unidade de Ibirité registrou 1833 alunos matriculados no 2º semestre de 2020.

e. Sala Master

Esta sala que integra o Programa UAITEC é compartilhada entre a UEMG e a FHA para oferta de cursos de formação educacional e qualificação profissional, sendo composta pelos seguintes ambientes:

1. Sala de vídeo conferência

2. Sala de controle geral que centraliza os controles de videoconferência
3. Estúdio de gravação
4. Sala para produção de conteúdo

f. Auditório

Possui capacidade para 300 pessoas e equipado com microfones sem fio, mesa de som com 12 canais, seis caixas de som, amplificador de 2500KW, microsystem, púlpito, mesa de conferência, tela de projeção e vários tipos de cabearmentos necessários para sistema de áudio e vídeo.

g. Recursos disponíveis de Informática e Multimídia

A sala multimídia está equipada com kit multimídia (lousa digital, data show, sistema de som e computador) e também com 50 poltronas modernas e confortáveis, sendo duas delas especiais.

h. Setor de Audiovisual

O Setor de Audiovisual disponibiliza 11 data shows, 4 notebooks, 10 DVDs, 5 microsystems, 4 televisões, 13 caixas de som, 5 caixas acústicas e 4 caixas amplificadas, bem 4 armários e mesas.

i. Rede computacional

A rede computacional é composta por 112 equipamentos utilizados pelo setor administrativo, professores coordenadores, chefes de Departamentos, Direção e alunos. Sendo 13 (treze) para uso exclusivo dos servidores técnico administrativo e 77 utilizados pelos estudantes da Unidade. Os demais equipamentos são distribuídos entre Direção, Coordenações, Chefes de Departamentos e demais docentes.

j. Biblioteca

A Biblioteca Acadêmica, com área de 253,16 m², encontra-se instalada em local salubre, iluminado e confortável. Possui ventiladores, janelas amplas com cortinas e rampa para facilitar o acesso de pessoas com necessidades

especiais. Conta com 12 (doze) computadores para uso da comunidade acadêmica e 3 (três) computadores para uso dos funcionários sendo dois no setor de atendimento e um na sala de preparo técnico. Possui um acervo em um banco de dados que compreende o Sistema Integrado de Bibliotecas *Pergamun*, que foi implantado em 2015. Este Sistema permite a integração da biblioteca da Unidade com todas as bibliotecas do Sistema da UEMG. Todo acervo é informatizado, a base de dados é o Pergamun. A biblioteca faz parte do Sibuemg, sistema de bibliotecas da UEMG. Conta também com uma biblioteca virtual que possui um acervo de mais de 10 mil títulos, além de uma lista de links úteis.

A comunidade acadêmica possui acesso a todas as bases do Portal de Periódicos da CAPES como acesso remoto aos docentes através do Capescafe. Está em processo de liberação para os discentes, estes podem acessar nas unidades da UEMG. Possui acervo de 6.914 títulos de livros que correspondem a 13.124 exemplares para os cinco cursos.

ASSUNTO GERAL	Nº TÍTULOS	Nº EXEMPLARES
Ciências Biológicas	314	751
Matemática	296	930
Educação Física	333	829
Letras	1180	2005
Pedagogia	1604	3653
Núcleo comum	3187	4956
Total	6914	13124

A biblioteca possui também um total de 142 títulos de periódicos (revistas), somando 2.424 exemplares. Não existem assinaturas de periódicos nas áreas específicas. O acervo é proveniente de doações de professores, alunos, instituições de ensino e comunidade, o que não configura, portanto, coleção ou sequência de exemplares. A UEMG tem assinatura da Revista dos tribunais. A indexação e catalogação dos periódicos nas bases do Sistema *Pergamun* está prevista para o início de 2021. Horário de funcionamento: segunda a sexta-feira de 07 h às 22h e sábados de 07 às 12h.

K. Laboratórios

Laboratórios	Área Física
Laboratório de Práticas Pedagógicas Helena Antipoff	4,50LX4,30C=19,35 m ²
Laboratório de Artes	7,60LX8,20C=62,32 m ²
Laboratório Geral	5,70LX9,15C=52.155 m ²
Laboratório Anatomia	5,70LX9,10C=51,87 m ²
Laboratório de Citologia / Histologia Embriologia	50 m ²
Laboratório de Fisiologia do Exercício	55 m ²
Laboratório de Línguas	62,64 m ²
Laboratório de Matemática	46 m ²
Laboratórios de Informáticas - 66 - 67 - Caio Martins	- 67 m ² - 48 m ² - 95 m ²
Laboratório de Química / Imunologia e Bioquímica	50 m ²
Laboratório de Botânica	50 m ²
Laboratório de Zoologia e Ecologia	50 m ²
Laboratório de Microbiologia Geral	50 m ²

Laboratório de Estudos e Pesquisas em Educação do Corpo	40 m ²
---	-------------------

A seguir, são descritos os equipamentos e mobiliários que compõem os laboratórios do Curso de Educação Física do UEMG/Unidade Ibirité.

L. Laboratório de Informática

A UEMG/Unidade Ibirité possui atualmente 2 (dois) Laboratórios de Informática. Tais laboratórios estão instalados em amplas salas, sendo que o primeiro deles encontra-se numa sala de 49,20 m² e o outro, numa sala de 65,00m². O laboratório 66 possui 21 máquinas, e o laboratório 67, 17 máquinas. Nos dois casos, todos os computadores estão interligados em rede. O acesso à rede é feito de acordo com o usuário específico de cada curso, permitindo autonomia e segurança entre os trabalhos e recursos utilizados pelos alunos. Todas as máquinas têm no mínimo 4GB de memória RAM, HD de 320GB e drive de cd-rom, sendo que todas máquinas dos laboratórios possuem kit multimídia.

Todos os computadores do laboratório 66 e 67 têm o Windows 10 Professional. Além disso, todos eles possuem softwares básicos como o Microsoft Office, Antivírus, Acrobat reader e Winrar, além de diversos softwares educacionais solicitados pelos professores.

Os dois laboratórios também possuem acesso à internet, feito via rádio, numa velocidade de 15Mbps. O acesso dos alunos passa por um programa de firewall, que restringe alguns sites considerados inapropriados para o ambiente acadêmico.

Os laboratórios, possuem um projetor multimídia (Datashow), para apresentações de trabalhos e afins.

Laboratório de Informática	Área Física	Equipamentos	Organização das Aulas
----------------------------	-------------	--------------	-----------------------

01 Laboratório em rede	S	13 computadores em rede	S
01 Laboratório em rede	S	14 computadores em rede	S

M. Laboratório de Práticas Pedagógicas Helena Antipoff - LAPPHA

A Universidade do Estado de Minas Gerais – Unidade Ibirité, tem como principal intenção a formação do professor para a Educação Básica pautada na articulação permanente entre teoria e prática. As origens deste espaço formativo têm conexão com a história das instituições criadas pela psicóloga e educadora russa Helena Antipoff na região de Ibirité, a partir de 1939. Nesse contexto, nomear o laboratório do curso de Pedagogia de: Laboratório de Práticas Pedagógicas Helena Antipoff – LAPPHA, tem a intenção de reverenciar esta educadora, reconhecendo a importância histórica do seu trabalho no campo de formação de professores em Minas Gerais.

Este espaço foi idealizado para promover a pesquisa e reflexões sobre a prática docente, durante a formação do licenciado e é utilizado principalmente nas disciplinas voltadas às metodologias e práticas de ensino.

A necessidade de criação do Laboratório de Práticas Pedagógicas ocorreu a partir de reflexões de práticas formativas docentes, sobre a perene articulação de espaços teóricos e práticos. Tais indagações foram suscitadas durante as aulas de Conhecimentos Metodológicos Curriculares de Língua Portuguesa no ano de 2012.

Como o passar dos anos, os avanços tecnológicos se intensificaram, os estudos sobre as metodologias de ensino se aperfeiçoaram, porém, o que notamos é que a dinâmica de ensino parece estagnada e o muitas vezes o professor esquiva-se de outros métodos de ensino e fica apenas na retórica em parceria com o quadro negro e com o giz (LEITE, 2014 p. 11).

A criação do laboratório demandou diversas discussões com docentes e discentes do curso de Pedagogia. Os primeiros materiais do laboratório

foram produzidos durante as aulas no curso de Pedagogia e de doações da comunidade. Atualmente o acervo será ampliado com a criação de uma brinquedoteca no laboratório.

O objetivo central o LAPPHA é ampliar as possibilidades formativas dos licenciandos de Pedagogia, em consonância com o Projeto Pedagógico do curso, configurando-se como espaço de articulação do ensino, pesquisa e extensão.

Dessa maneira busca se aglutinar esforços de professores e alunos com a intenção de pensar e desenvolver práticas pedagógicas em acordo com a realidade das escolas contemporânea; atender às demandas da comunidade quanto à atividades que auxiliem na constante reflexão necessária à atividade educativa e implementar grupos de pesquisa e extensão voltados para a prática pedagógica.

O Laboratório ainda promove as seguintes atividades: cursos, palestras e formação para alunos e professores da educação básica, elaboração e empréstimo de materiais pedagógicos para escolas e professores da Educação Básica e para estudantes universitários e atendimento à professores e alunos da Educação Básica, especialmente das escolas do entorno da Universidade, como a Escola Sandoval Soares de Azevedo (ESSA).

A necessidade de espaços acadêmicos voltados para a prática pedagógica vem sendo recorrentemente reafirmada por alunos, professores e pesquisadores da educação.

O Laboratório se constituiu em espaço formativo alternativo à sala aula e à lógica das disciplinas, que estará constantemente disponível para alunos e professores façam experimentações de práticas pensadas e orientadas pelo estudo sistemático da área educacional. Assim, pretende contribuir para uma formação consolidada.

A metodologia implementada no laboratório será baseada na tríade ensino, pesquisa e extensão. As ações serão pensadas de acordo com três eixos:

- I. O primeiro destina-se à formação dos alunos durante as disciplinas do curso, principalmente àquelas voltadas às metodologias e práticas de ensino. Os materiais do laboratório serão voltados à relação teoria e prática produzida durante as aulas.
- II. O segundo destina-se à atividade de pesquisa. A primeira ação implementada pelo laboratório foi o grupo de Pesquisas Helena Antipoff, que pretende revisitar as práticas pedagógicas de Laboratório de Ensino criadas e utilizadas por esta estudiosa. A criação desse grupo de pesquisa pretende resgatar historicamente movimentos da própria instituição para atendimento das demandas de articulação entre teoria e prática.
- III. O terceiro destina-se à formação por meio de atividades extensionistas em que os alunos, acompanhados pelos professores do curso, atenderão estudantes da Educação Básica. Também serão oferecidos cursos de extensão aos docentes da Educação Básica, além de produção de materiais didáticos.

O LAPPHA também possui a proposta de funcionamento como laboratório itinerante capaz de se deslocar para atendimento de diversas demandas.

O LAPPHA conta com os seguintes Recursos Humanos: Professor coordenador; Professores orientadores das atividades; Monitores e estagiários. As disciplinas de Conhecimentos Metodológicos Curriculares – CMCs constituem espaços para se pensar o ensino de Ciências da Natureza, História, Geografia, Educação Física, Língua Portuguesa e Matemática, articulando as práticas de formação, pesquisa e extensão.

Assim o Laboratório de Práticas Pedagógicas-LAPPHA se configura como um importante recurso para ampliação do espaço da sala de aula, proporcionando momentos para se pensar, discutir e construir as práticas pedagógicas.

Assim o laboratório tem como proposta a formação dos alunos que atuarão na educação básica, mais precisamente, na educação infantil e nos anos iniciais do ensino fundamental, promovendo ações voltadas para a docência, que possa pensar, atuar, agir com prática que realmente façam sentido para análise da realidade do dia a dia dos alunos da comunidade em que está inserido, promovendo uma mudança na comunidade local.

O Laboratório de Práticas se configura em mais uma alternativa de tornar o curso de Pedagogia mais dinâmico, integrando seus componentes curriculares e espaços teóricos e práticos, contribuindo com uma formação integral dos sujeitos. Desenvolvendo ao longo do curso situações para a construção da profissão docente.

N. Laboratório de Arte e Educação

A arte na educação tem importância ímpar na formação dos estudantes da Universidade do Estado de Minas Gerais – Unidade Ibirité. O foco da instituição é propiciar a formação docente para a Educação Básica, tendo-se como eixo norteador nos cursos de licenciatura o investimento numa práxis amparada pela permanente reflexão teórico-prática.

As origens da instituição têm conexão com a história das instituições socioeducativas fundadas pela psicóloga e educadora russa Helena Antipoff na região de Ibirité, a partir de 1939. Para ela, a integração arte e educação teria como fim maior estimular a formação integral dos alunos, por isso, foi entusiasta da inserção de atividades pedagógicas que estimulassem a percepção, a expressão criadora e a imaginação na formação de professores.

Da continuidade dessa missão, visa-se propiciar aos licenciandos da UEMG Unidade Ibirité espaços apropriados para a vivência em arte e oportunizar aos alunos e professores possibilidade de organizar o Laboratório de Arte e Educação.

O uso do Laboratório de Arte e Educação possibilita uma metodologia que consideramos essencial para a integração arte e educação nos processos formativos dos licenciandos, articular as quatro áreas da disciplina Arte e Educação e CMC Arte (Artes Visuais, Música, Dança e Teatro), tendo como norte que a formação dos alunos deve se basear no ensino, pesquisa e extensão, conforme descreveremos a seguir:

I. Formação – estimular a interdisciplinaridade e propiciar vivências de processos de ensino-aprendizagem nas diferentes linguagens, ampliando o aproveitamento do espaço físico do atelier para adequá-lo às turmas e propiciar o acesso a diferentes suportes e materiais didáticos: projetor de multimídia, caixa acústica, computador, prateleiras e armários aéreos, mesas modulares, piso adequado, etc.

II. Pesquisa – propor projetos de pesquisa que integrem arte e educação e permitam a reflexão da prática pedagógica nas diferentes linguagens. Incentivar a participação dos alunos do curso de Pedagogia no Grupo de

Trabalho Infância, Arte e Educação: diálogos possíveis com o Memorial Helena Antipoff, que visa conhecer sobre a história do ensino de arte no Brasil.

III. Extensão – compartilhar com a comunidade acadêmica e da região de Ibirité os resultados dos projetos desenvolvidos nas disciplinas de Arte e Educação e Conhecimentos Metodológicos Curriculares do Ensino de Artes I e II ao longo do Curso de Pedagogia, como exposições dos trabalhos desenvolvidos na disciplina.

Existem alguns espaços que são compartilhados entre a FHA e a UEMG. Entre esses espaços, estão auditório, enfermaria, galpão Minas Olímpica, piscina, ginásio poliesportivo, casa próxima a escola Sandoval e campo de futebol.

Há outros espaços no entorno utilizados pela FHA, quais sejam: Escola Sandoval Soares de Azevedo, Escola Técnica, auditório da Escola Técnica, biblioteca comunitária, parque Ecológico Helena Antipoff e espaço musical. Há, também, uma sala com recursos tecnológicos que permitem gravação de aulas de professores, além de diversos computadores nessas salas disponíveis para estudantes.

O. Espaço para o Curso de Pós-Graduação Strictu Senso

Para funcionamento do Mestrado serão disponibilizados todos os espaços descritos anteriormente, além de organização de espaço específico composto por: Secretaria de Pós-Graduação, sala da coordenação, 02 salas de aula, salas de estudo na biblioteca, sala dos professores compartilhada com os cursos de graduação.

A Fundação Helena Antipoff posicionou-se favorável a criação do Curso de Mestrado e manifestou interesse em disponibilizar espaços para as adaptações que se fizerem necessárias.

REFERÊNCIAS

AMORIM, Ivonete Barreto; SANTOS, Geisa Arlete do Carmo; VIRGÍLIO, Janete

Maciel. O memorial na formação do pedagogo: narrativas de um processo dialógico.

Revista Cairu, 2012. Disponível em:

https://www.cairu.br/revista/arquivos/artigos/2012_2/8_MEMORIAL_FORMACAO_PEDAGOGO_Geisa_105_118.pdf acesso em: 13 nov. 2018.

BENJAMIN, Walter. O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: Obras Escolhidas. Vol. I, Magia e técnica, arte e política. São Paulo: Brasiliense, 1993.

BRACHT, Valter. Educação física: conhecimento e especificidade. In: SOUSA, Eustáquia S.; VAGO, Tarcísio M. (Orgs.). *Trilhas e partilhas: educação física na cultura escolar e nas práticas sociais*. Belo Horizonte: Cultura, 1997. p. 13-24.

BRACHT, Valter. Saber e fazer pedagógicos: acerca da legitimidade da Educação Física como componente curricular. *Educação Física escolar: política, investigação e intervenção*. Vitória: Proteoria, p. 67-79, 2001.

BRASIL. Conselho Nacional de Educação/Conselho Pleno. *Resolução CNE/CP nº 1, de 17 de junho de 2004*. Institui Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações ÉtnicoRaciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana. Brasília, DF, 2004.

_____. *Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005*. Regulamenta a Lei no 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras, e o art. 18 da Lei no 10.098, de 19 de dezembro de 2000. Brasília, DF, 2005.

_____. Conselho Nacional de Educação. *Resolução CNE/CES nº 3, de 2 de julho de 2007*. Dispõe sobre procedimentos a serem adotados quanto ao conceito de hora/aula, e dá outras providências. Brasília, DF, 2007.

_____. Conselho Nacional de Educação. *Resolução CNE/CP nº 01 de 30 de maio de 2012*. Estabelece diretrizes para educação em direitos humanos. Brasília, DF, 2012.

_____. Conselho Nacional de Educação/Conselho Pleno. *Resolução CNE/CP nº 2, de 15 de junho de 2012*. Estabelece as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Ambiental. Brasília, DF, 2012.

_____. Conselho Nacional de Educação. *Resolução CNE/CES nº 6 de 18 de dezembro de 2018*. Institui Diretrizes Curriculares Nacionais dos Cursos de Graduação em Educação Física e dá outras providências. Brasília, DF, 2018.

_____. Conselho Nacional de Educação. *Resolução nº 7, de 18 de dezembro de 2018*. Estabelece as Diretrizes para a Extensão na Educação Superior Brasileira.

Brasília, DF, 2018.

_____. Conselho Nacional de Educação. *Resolução CNE/CES nº 2 de 20 de dezembro de 2019*. Institui as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação Inicial de Professores para a Educação Básica. Brasília, DF, 2019.

_____. PORTARIA 2.117 de 6 de dezembro de 2019 - Dispõe sobre a oferta de carga horária na modalidade de Ensino a Distância em cursos de graduação presenciais ofertados por Instituições de Educação Superior. Brasília, DF, 2019.

_____. Constituição da República federativa do Brasil. 1988. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao.htm. Acesso em 24 de maio de 2020.

_____. *Lei n. 11788, de 25 de setembro de 2008*. Dispõe sobre o Estágio Supervisionado. Brasília, DF, 2008.

_____. *Lei n. 8.530, de 2 de janeiro de 1946*. Lei Orgânica do Ensino Normal.

Brasília, DF, 1946.

_____. *Lei n. 9.424, de 24 de dezembro de 1996*. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, *LDB*. Brasília, DF, 1996.

BOSI, Ecléa. *Memória e Sociedade: lembranças dos velhos*. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1979.

CAMPOS, Regina H. de F. Helena Antipoff: razão e sensibilidade na psicologia e na educação. *Estudos Avançados*, 17 (49), p. 209-233, 2003.

CASTRO, Luciana Maria Cerqueira. A universidade, a extensão universitária e a produção de conhecimentos emancipadores. *In: REUNIÃO ANUAL DA ANPED*, 27., Caxambu, 2004. *Anais..* Caxambu: ANPEd, 2004. Disponível em: <<http://www.anped.org.br/reunioes/27/inicio.htm>>. Acesso em: 10 dez. 2004

CHAUÍ, Marilena. Cultura e democracia. *In: Crítica y emancipación. Revista latinoamericana de Ciencias Sociales*. Año 1, no. 1 (jun. 2008-). Buenos Aires:

DAYRELL, Juarez. A escola como espaço sociocultural. *In: DAYRELL, Juarez. Múltiplos olhares sobre Educação e cultura*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, (1ª reimpressão) 1999.

DEUS, Sandra de Fatima Batista de. *Extensão universitária: trajetórias e desafios*. 2020.

DUMAZEDIER, Joffre. *Lazer e Cultura Popular*. São Paulo: Perspectiva, 1976.

FRANCO, M. A.. *Pedagogia e prática docente*. São Paulo: Cortez, 2012.

FORPROEX - FÓRUM DE PRÓ-REITORES DE EXTENSÃO DAS UNIVERSIDADES PÚBLICAS BRASILEIRAS. *Extensão Universitária: Organização e Sistematização*. Fórum de Pró-Reitores das Instituições Públicas de Educação Superior Brasileiras Belo Horizonte: COOPMED, 2007.

_____. Plano Nacional de Extensão Universitária. Ilhéus: Editus, 2001. (Extensão Universitária, v.1).

_____. Política Nacional de Extensão Universitária. Manaus: 2012. Disponível em: <http://proex.ufsc.br/files/2016/04/Política-Nacional-de-Extensão-Universitária-ebook.pdf>. Acesso em: 23 mar. 2021

JINZENJI, Mônica Y.; LUZ, Iza R. da; CAMPOS, Regina H. de F. Escrita e leitura de diários na formação de professoras para escolas rurais em Minas Gerais (1948-1974). *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v. 43, n. 3, p. 863-878, jul./set., 2017.

KULESZA, Wojciech A. A Escola de Aperfeiçoamento de Belo Horizonte e a profissionalização das professoras. *Paidéia*, Belo Horizonte, ano 14, n. 21, p. 71-88, jan/jun. 2019.

LARROSA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. *Revista Brasileira de Educação*, São Paulo, nº19, p. 20-28, jan/abr, 2002.

LEITE, Daiane Maria do Nascimento. *Práticas pedagógicas para o ensino de ciências*. 2014. 25 páginas (Especialização em Ensino de Ciências). Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Medianeira, 2014.

LIMA, Edwiges Inácia. O papel da educação formal, não formal e informal na formação política de mulheres educadoras. *Revista Pegada*. V.20, n.1, p. 270-286, 2019.

MINAS GERAIS. Conselho Estadual de Educação. *Resolução CEE/MG nº 459, de 10 de dezembro de 2013*. Consolida normas relativas à educação superior do Sistema Estadual de Ensino de Minas Gerais e dá outras providências. Minas Gerais, 2013.

_____. Conselho Estadual de Educação. *Resolução CEE/MG Nº 482, de 08 de julho de 2021*. Estabelece normas relativas à regulação da Educação Superior do Sistema Estadual de Ensino de Minas Gerais e dá outras providências. Minas Gerais, 2021.

NÓVOA, Antônio. Formação de professores e profissão docente. In: NÓVOA, Antônio (Coord.). *Os professores e a sua formação*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1992.

_____. Professores: imagens do futuro presente. Portugal: Universidade de Lisboa: EDUCA, 2009.

_____. Os professores e as histórias de sua vida. In: NÓVOA, Antônio et al. *Vida de Professores*. Porto (Portugal): Porto Editora, 2013.

PEREIRA, Lígia Maria Leite. Algumas reflexões sobre histórias de vida, biografias e autobiografias. *Revista História oral*, 3, 2000, p. 117-27. Disponível em: <http://revista.historiaoral.org.br/index.php?journal=rho&page=article&op=viewFile &path%5B%5D=26&path%5B%5D=20> acesso em: 04/11/2018.

PEREIRA JÚNIOR, Alfredo. A universidade pública e os desafios do desenvolvimento. *La Insígnia*: Brasil, 13 jan. 2005. Disponível em: http://www.lainsignia.org/2005/enero/cul_040.htm. Acesso em: 18 maio 2007.

PÉREZ GÓMEZ, A. O pensamento prático do professor: a formação do professor como profissional reflexivo. In: NÓVOA, Antônio. *Os professores e a sua formação*. Lisboa: Nova Enciclopédia. 1996.

PINCER, Valeska de M. *A formação de professores nos cursos de treinamento e aperfeiçoamento do Instituto Superior de Educação Rural – ISER - Fazenda do Rosário: 1955 – 1970*. Dissertação (Mestrado em Educação), Programa de PósGraduação em Educação, PUC-Minas, Belo Horizonte, 2008.

PINHO, Larissa A. *Civilizar o campo: educação e saúde nos Cursos de Aperfeiçoamento para professores rurais – Fazenda do Rosário (Minas Gerais – 1947-1956)*. Dissertação (Mestrado em Educação), Programa de Pós-Graduação em Educação, Conhecimento e Inclusão Social, FAE/UFMG, 2009.

PIVETTA, Hedioneia, BACKES, Dirce, CARPES, Adriana, BATTISTEL, Amara Lúcia, MARCHIORI, Mara. *Ensino, Pesquisa e Extensão Universitária: em busca de uma integração efetiva*. Linhas Críticas, Brasília, DF, v. 16, n. 31, p. 377-390, jul./dez.

2010. ISSN 1516-4896. Disponível em:
<http://periodicos.unb.br/index.php/linhascriticas/article/viewFile/3028/2628>.

PROJETO DEMOCRACIA PARTICIPATIVA – INSTITUTO CULTIVA CÁRITAS BRASILEIRA. Disponível:

http://formacaocontinuada.net.br/wpcontent/uploads/2015/11/texto_inicial_memorial.pdf Acesso em: 30/09/2018.

PRADO, Guilherme do Val Toledo; FERREIRA, Cláudia Roberta Ferreira; FERNANDES, Carla Helena. Narrativa pedagógica e memoriais de formação: Escrita dos profissionais da educação? *Revista Teias* v. 12, n. 26, p. 143-153, set./dez.,

2011. Disponível em:

<https://www.epublicacoes.uerj.br/index.php/revistateias/article/view/24216/1719>

5.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. Relatos orais: do 'indizível' ao 'dizível'. In: SIMSON, O. de M von (org.). *Experimentos com Histórias de Vida (Itália- Brasil)*. São Paulo: Vértice, 1988.

RAYS, Oswaldo Alonso. Ensino-Pesquisa-Extensão: notas para pensar a indissociabilidade. *Revista Cadernos de Educação Especial*, n. 21, p. 71-85, 2003.

RUFINO, Raiane. M. *As práticas corporais na Escola Normal Regional Sandoval Soares de Azevedo entre os anos de 1950 e 1974: segundo alunas do curso*. 69f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Educação Física), Universidade do Estado de Minas Gerais/Unidade Ibirité, 2017.

SANTOS, Boaventura Sousa. *A universidade no século XXI*. São Paulo: Cortez, 2004

SCHÖN, Donald A. *Educando o profissional reflexivo: um novo design para o ensino e a aprendizagem*. Trad. Roberto Cataldo Costa. Porto Alegre: Artes Médicas, 2000. 256p

SILVA, Tatiane M. *A ginástica nos Cursos de Aperfeiçoamento na Fazenda do Rosário nos anos de 1948 a 1956*. 58f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Educação Física), Universidade do Estado de Minas Gerais/Unidade Ibirité, 2017.

SOARES. Cloi. J.; RIBEIRO. Débora. V. J. *Grupo de Elite de Ginástica Feminina Moderna: conciliando práticas modernas em um ambiente rural* (Ibirité, 1955 a 1965). 60 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Educação Física), Universidade do Estado de Minas Gerais/Unidade Ibirité, 2017.

SOUZA, Elizeu Clementino de. *O conhecimento de si: estágio e narrativas de formação de professores*. Rio de Janeiro: DP&A; Salvador, Ba: UNEB, 2006.

TEIXEIRA, Inês C.. Os professores como sujeitos socioculturais. In: DAYRELL, Juarez. *Múltiplos olhares sobre Educação e cultura*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, (1ª reimpressão) 1999.

UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MINAS GERAIS. *Resolução CONUN/UEMG Nº 374, de 26 de outubro 2017*. Estabelece o regimento geral da Universidade do Estado de Minas Gerais.

_____. *Resolução CONUN/UEMG nº 423, de 20 de fevereiro de 2019*. Regulamenta as atividades de extensão realizadas pela Universidade do Estado de Minas Gerais - UEMG sob a forma de prestação de serviços à comunidade.

_____. *Resolução COEPE/UEMG nº 132, de 13 de dezembro de 2013.*

Regulamenta a implantação do regime de matrícula por disciplina nos Cursos de Graduação da Universidade do Estado de Minas Gerais – UEMG e os procedimentos e limites para matrícula.

_____. *Resolução COEPE/UEMG Nº 234, de 23 de novembro de 2018.*

Dispõe sobre o cálculo de encargos didáticos e sua atribuição aos ocupantes do cargo de Professor de Educação Superior – PES da UEMG, bem como aos professores designados da Instituição.

_____. *Resolução COEPE/UEMG Nº 284, de 11 de dezembro de 2020.*

Regulamenta a composição e o funcionamento dos Núcleos Docentes Estruturantes no âmbito de cada curso de graduação da Universidade do Estado de Minas Gerais – UEMG.

_____. *Resolução COEPE/UEMG Nº 273, de 21 de julho de 2020.*

Regulamenta a composição e o funcionamento dos Colegiados de Curso de Graduação e estabelece normas complementares para a criação de Departamentos Acadêmicos na Universidade do Estado de Minas Gerais – UEMG.

_____. DECRETO ESTADUAL 46.352 de 2013 - Aprova o Estatuto da UEMG.

PDI 2015-2024 - Plano de Desenvolvimento Institucional.

_____. *Resolução COEPE/UEMG Nº 249, de 06 de abril de 2020:*

Regulamenta a compensação de faltas e a avaliação de rendimento acadêmico no âmbito da Universidade do Estado de Minas Gerais – UEMG e dá outras providências.

_____. *Resolução COEPE/UEMG Nº 250, de 06 de abril de 2020:*

Dispõe sobre o aproveitamento de estudos, adaptações curriculares, exame de

proficiência e abreviação do tempo de conclusão no âmbito dos cursos de graduação da Universidade do Estado de Minas Gerais.

_____. Resolução CONUN/UEMG Nº 241/2011, 05 de dezembro de 2012. Aprova alterações nas Normas para a Cerimônia de Outorga de Grau na Universidade do Estado de Minas Gerais- UEMG.

_____. Resolução UEMG/COEPE Nº 287 de 04 de março de 2021: Dispõe sobre o desenvolvimento de atividades de extensão como componente curricular obrigatório dos Cursos de Graduação da Universidade do Estado de Minas Gerais.

VAGO, Tarcísio Mauro. Pensar a educação física na escola: para uma formação cultural da infância e da juventude. *Cadernos de formação RBCE*, v. 1, n. 1, 2009.

WESTPHAL, Márcia Faria. Promoção da Saúde e Prevenção de Doenças. In. CAMPOS, Gastão Wagner de Sousa. et al. (orgs.) *Tratado de Saúde Coletiva*. 2 ed. São Paulo: Hucitec; 2012.

ZIOTO, Tuane. J. A. *A Constituição da Educação Física no Ginásio Normal Rural Sandoval Soares de Azevedo em Ibitaré Minas Gerais (1955-1970)*. 58f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Educação Física), Universidade do Estado de Minas Gerais/Unidade Ibitaré, 2015.

ANEXOS

ANEXO A - CONTEXTUALIZAÇÃO LEGAL X COMPONENTES CURRICULARES PPC2022.

Item	Atos Legais	Descrição	Componentes Curriculares	CH indicada na resolução específica	CH aplicada ao curso
Formação Ampliada	Resolução CNE/CES Nº 6/2018	Art. 30. As Instituições de Educação Superior poderão, a critério da Organização do Projeto Pedagógico Curricular do Curso de Educação Física, admitir, em observância do disposto nesta Resolução, a dupla formação dos matriculados em bacharelado e licenciatura.			
		Artigo 5º. § 3º: “A integração entre as áreas específicas dependerá de procedimento próprio e da organização curricular instrucional de cada IES, sendo vedada a eliminação de tema ou conteúdos relativos a cada uma das áreas específicas indicadas”.	Formação ampliada = Etapa Comum + Etapa Específica.		
		5. Caso a IES ofereça as duas formações, o ingresso no curso deverá ser único e desdobrar-se em duas etapas: uma etapa comum a todos os alunos e, a partir da escolha efetuada no 4º semestre, uma etapa específica ou, ainda, ambas. A possibilidade de dupla formação, preconizada no art. 30 das DCNs, delega à Instituição, no âmbito de sua autonomia, adequar seu Projeto Pedagógico de Curso e definir como ela se dará, inclusive no que diz respeito à possibilidade de cursar, concomitantemente, as duas formações, respeitando o que determina a Resolução para cada etapa de formação específica, especialmente no que se refere à observância das cargas horárias (1600 horas destinadas à etapa comum	Etapa Específica subdividida em: Núcleo Licenciatura, Núcleo Bacharelado e Núcleo Integrado.	3200 h	4980h

e 1600 horas destinadas
a cada etapa específica).
O PPC do curso deverá,
em função desta
OFÍCIO Nº permissão normativa,
221/2021/ exprimir essa
CES/SAO/ composição, se for o
CNE/CNE- caso, com a definição das
MEC cargas horárias das
disciplinas, com os
objetivos e as respectivas
diferenciações entre as
duas habilitações bem

definidos.

Art. 2º O curso de graduação em Educação Física tem carga horária referencial de 3.200 (três mil e duzentas) horas para o desenvolvimento de atividades acadêmicas.	Etapa Comum: 1440 h disciplinas curriculares + 180 h extensão (projetos e programas)	1600 h	1620h
Art. 5º. I – Etapa Comum – Núcleo de estudos da formação geral, identificador da área de Educação Física, a ser desenvolvido em 1.600 (mil e seiscentas) horas referenciais, comum a ambas as formações. II – Etapa Específica – Formação específica a ser desenvolvida em	Etapa Específica da Licenciatura: 450h do Núcleo específico de licenciatura + 930h do Núcleo Integrado + 660h Estágio Específico da Licenciatura	1600 h	2040h

1.600 (mil e
seiscentas) horas
referenciais, na qual
os graduandos terão
acesso a
conhecimentos
específicos das
opções em
bacharelado ou
licenciatura.

Etapa Específica do Bacharelado:	1600 h	2010 h
420h Núcleo Específico do Bacharelado + 930h do Núcleo Integrado + 660h Estágio Específico do Bacharelado		

CH do curso	Art. 10. Todos os cursos em nível superior de licenciatura, destinados à Formação Inicial de Professores para a Educação Básica, serão organizados em três grupos, com carga horária total de, no mínimo, 3.200 (três mil e duzentas) horas, e devem considerar o desenvolvimento das competências profissionais explicitadas na BNC-Formação, instituída nos termos do Capítulo I desta Resolução.	I - Grupo I: - História da Educação Física - Leitura e Produção Textual - Sociedade, Educação e Tecnologias I - Metodologia do Trabalho Científico - Introdução à Filosofia - Libras - Introdução à Antropologia - Educação Física, Inclusão e Práticas Corporais Adaptadas - Psicologia da Educação - Didática - Educação Física e Organização Escolar		
Resolução CNE/CP Nº 2/2019	Art. 11. A referida carga horária dos cursos de licenciatura deve ter a seguinte distribuição: I - Grupo I: 800 (oitocentas) horas, para a base comum que compreende os conhecimentos científicos, educacionais e pedagógicos e fundamentam a educação e suas articulações com os sistemas, as escolas e as práticas educacionais. II - Grupo II: 1.600 (mil e seiscentas) horas, para a aprendizagem dos conteúdos específicos das áreas, componentes, unidades temáticas e objetos de conhecimento da BNCC, e para o domínio pedagógico desses conteúdos. III - Grupo III: 800 (oitocentas) horas, prática pedagógica, assim distribuídas: a) 400 (quatrocentas) horas para o estágio supervisionado, em situação real de trabalho em escola, segundo o Projeto Pedagógico do Curso (PPC) da instituição formadora; e b) 400 (quatrocentas) horas para a prática dos componentes curriculares dos Grupos I e II, distribuídas ao longo do curso, desde o seu início, segundo o PPC da instituição formadora.	II - História da Educação - Sociedade Educação e Tecnologias II - Educação Física Escolar e Infâncias - Educação Física, Teorias Pedagógicas e Construção Curricular - Políticas Públicas de Educação - Educação Física Escolar, adolescências e Juventudes - Educação Física Escolar, Jovens, Adultos e Idosos - Sociologia da Educação	800h	840h

II - Grupo II:

- Citologia e Histologia
- Anatomia Aplicada à Educação

Física

1680h

- Formação e Atuação em Educação

Física

- Jogos, Brinquedos e Brincadeiras
- Atletismo
- Bioquímica
- Saúde, Sociedade e Educação

Física.

- Sociologia das Práticas Corporais
- Educação Física,

Culturas Afrobrasileiras e Indígenas

- Fisiologia Humana
- Pesquisas em Educação Física
- Comportamento Motor
- Danças

1600h

-Fisiologia do Exercício

-Cinesiologia

-Práticas Corporais e Meio Ambiente

-Ginásticas

-Optativa 1

-Urgências e Emergências Aplicadas à

Educação Física

-Optativa 2

-Práticas Esportivas I

-Treinamento Esportivo

-Optativa 3

-Projeto de Pesquisa

-Atividades Aquáticas
 -Optativa 4
 -Lutas
 -Práticas Esportivas II
 -Optativa 5
 -Educação Física, Minorias Sociais
 e Inclusão
 -Optativa 6
 -Eletiva
 -Trabalho de Conclusão de Curso

III - Grupo III: 660 h de estágio específico
 da licenciatura + 240 h da Atividades
 Integradoras 1, 2, 3 e 4 + 420h de
 Prática de Formação Docente nas
 disciplinas:

- Jogos, Brinquedos e Brincadeiras
 - Atletismo
 - Estudos do lazer
 - Danças
 - Ginásticas
 - Práticas esportivas I
 - Práticas esportivas II
 - Atividades Aquáticas
 - Lutas

800h

1440h

Estágio	Resolução CNE/CES Nº 6/2018	Art. 11. § 1º O estágio deverá corresponder a 20% das horas referenciais adotadas pelo conjunto do curso de Educação Física ao aprendizado em ambiente de prática real, e deverá considerar as políticas institucionais de aproximação ao ambiente da escola e às políticas de extensão na perspectiva da atribuição de habilidades e competências.	Estágio Supervisionado Escolar I: Educação Física e Organização Escolar	120 h	
			Estágio Supervisionado Escolar II: Educação Física Escolar e Infâncias	120 h	
			Estágio Supervisionado Escolar III: Educação Física Escolar, adolescências e juventudes	120 h	660 h
	Resolução CNE/CP Nº 2/2019	Art. 11. III. a) 400 (quatrocentas) horas para o estágio supervisionado, em situação real de trabalho em escola, segundo o Projeto Pedagógico do Curso (PPC) da instituição formadora.	Estágio Supervisionado Escolar IV: Educação Física Escolar, Jovens, adultos e idosos	120 h	
			Estágio Supervisionado Integrado: Programas/projetos sociais e educacionais	180 h	
			Estágio Supervisionado não Escolar I: Políticas Públicas de Lazer, Cultura e Esporte	150 h	
	Resolução CNE/CES Nº 6/2018	Art. 22 As atividades práticas da formação específica do Bacharelado deverão conter o estágio supervisionado de 20% das horas referenciais adotadas pelo conjunto do curso de Educação Física, oferecido na área de bacharelado.	Estágio Supervisionado não Escolar II: Métodos e Processos de Treinamento de Práticas Corporais	150 h	660 h
			Estágio Supervisionado não Escolar III: Saúde Coletiva		
			Estágio Supervisionado Integrado:		

180 h

Programas/projetos sociais e educacionais

180 h

Art. 3º A Extensão na Educação Superior Brasileira é a atividade que se integra à matriz curricular e à organização da pesquisa, constituindo-se em processo interdisciplinar, político educacional, cultural, científico, tecnológico, que promove a interação transformadora entre as instituições de ensino superior e os outros setores da sociedade, por meio da produção e da aplicação do conhecimento, em articulação permanente com o ensino e a pesquisa.					
Atividades de extensão	Resolução CNE/CES Nº 7/2018	Art. 4º As atividades de extensão devem compor, no mínimo, 10% (dez por cento) do total da carga horária curricular estudantil dos cursos de graduação, as quais deverão fazer parte da matriz curricular dos cursos;	Atividades de Extensão: 495 h = 270 h em projetos/ programas +225 h nas disciplinas com características extensionistas.	Mínimo de 10% (dez por cento) do total da carga horária	495 h
	Resolução CONUN/U EMG Nº 423/2019	Art. 8º As atividades extensionistas, segundo sua caracterização nos projetos políticos pedagógicos dos cursos, se inserem nas seguintes modalidades: I - programas; II - projetos; III - cursos e oficinas; IV - eventos; V - prestação de serviços		curricular estudantil dos cursos de graduação.	
	Parágrafo único. As modalidades, previstas no artigo acima, incluem, além dos programas institucionais, eventualmente também as de natureza governamental, que atendam a políticas municipais, estaduais, distrital e nacional.				

Atividades Integradoras	Resolução CNE/CES Nº 6/2018	Art. 8º A etapa comum deverá proporcionar atividades acadêmicas integradoras tais como:	a) leitura e Produção Textual		
		a) nivelamento de conhecimentos aos ingressantes por meio de processo avaliativo e acolhimento próprio. b) disciplinas de aproximação ao ambiente profissional de forma a permitir aos estudantes a percepção acerca de requisitos profissionais, identificação de campos ou áreas de trabalho e o desenvolvimento de atividades didático-pedagógicas interativas com	Formação de Professores	160 horas	270 horas
		espaços profissionais, inclusive escolas de educação básica e média. de Lazer. Parágrafo único. As instituições, no âmbito de suas políticas institucionais curriculares, deverão desenvolver as atividades acima, preferencialmente, Corporais. em 10% da carga horária adotada na etapa comum.	Atividades Integradoras 2: Saúde Coletiva		
			Atividades Integradoras 3: Programas		
Prática de Formação Docente	Resolução CNE/CP Nº 2/2019	Art. 11. A referida carga horária dos cursos de licenciatura deve ter a seguinte distribuição: b) 400 (quatrocentas) horas para a prática dos componentes curriculares dos Grupos I e II, distribuídas ao longo do curso, desde o seu início, segundo o PPC da instituição formadora.	Atividades Integradoras 4: Esporte/ Práticas		
		Art. 23 A formação específica do Bacharelado deverá desenvolver, além do estágio, outras atividades práticas como componente curricular, distribuídas ao longo do processo formativo.	Prática de Formação Docente:		
		Parágrafo único. As atividades de que trata o caput poderão ser desenvolvidas de forma articulada com disciplinas existentes ou serem organizadas como disciplinas ou atividades acadêmicas próprias, correspondendo a 10% das horas referenciais adotadas pelo conjunto do curso de Educação Física.	- Atividades Integradoras 1: Escola e Formação de Professores		
	Resolução CNE/CES Nº 6/2018		- Atividades Integradoras 2: Saúde Coletiva		
			- Atividades Integradoras 3: Programas de Lazer.		
			- Atividades Integradoras 4: Esporte/ Práticas Corporais.	400 h	420h
			- Jogos, Brinquedos e Brincadeiras		
			- Atletismo		
			- Educação Física, culturas afrobrasileiras e indígenas - Introdução à Antropologia		
			- Estudos do lazer		
			- Danças		

- Ginásticas

- Práticas esportivas I
- Práticas esportivas II
- Atividades Aquáticas
- Lutas

Resolução CNE/CES Nº 6/2018	Art. 13 A etapa específica para formação em Licenciatura deverá desenvolver estudos integradores para enriquecimento curricular, com carga horária referenciada em 10% do curso, compreendendo a participação em: a) seminários e estudos curriculares, em projetos de iniciação científica, iniciação à docência, residência docente, monitoria e extensão, entre outros, definidos no projeto institucional da Instituição de Educação Superior e diretamente orientados pelo corpo docente da mesma instituição; b) atividades práticas articuladas entre os sistemas de ensino e instituições educativas de modo a propiciar vivências nas diferentes áreas do campo educacional, assegurando aprofundamento e diversificação de estudos, experiências e utilização de recursos pedagógicos; c) intercâmbio acadêmico interinstitucional; e d) atividades de comunicação e expressão, visando à aquisição e à apropriação de recursos de linguagem capazes de comunicar, interpretar a realidade estudada e criar conexões com a vida social.	Essas atividades contemplam uma carga horária obrigatória para a integralização do curso a ser cumprida em quatro categorias distintas:	330 h	330 h
Estudos Integradores	Acadêmica – 80 h;	Extensionista – 80 h;	Científica – 80 h;	Sociocultural – 90 h.

ANEXO B – REGULAMENTO DOS ESTUDOS INTEGRADORES (EI)

Este regulamento tem como objetivo estabelecer normas e critérios para o desenvolvimento e avaliação dos Estudos Integradores (EI) do curso de Educação Física da Universidade do Estado de Minas Gerais – UEMG, Unidade Ibirité.

Art. 1º- Os Estudos Integradores (EI), previstos na Resolução CNE/CES Nº 6 de 18 de dezembro de 2018, têm por finalidade o enriquecimento curricular por meio de atividades de abrangência acadêmica, extensionista, científica e sociocultural.

Art. 2º- Os EI são atividades curriculares obrigatórias para todos/as os/as estudantes e está previsto na matriz curricular do curso.

Art. 3º- Essas atividades contemplam uma carga horária curricular obrigatória para a integralização do curso de 330 horas, em quatro categorias distintas: acadêmica, extensionista, científica e sociocultural, como pode ser observado no quadro 1, intitulado “Detalhamento das atividades que compõem os Estudos Integradores”.

§1º - Essa carga horária deverá ser cumprida de forma autônoma pelo/a estudante, ao longo do seu processo formativo, respeitando a carga horária mínima prevista para cada uma das quatro categorias.

§2º - Cada categoria possui a sua exigência de documentação comprobatória, além do detalhamento das atividades possíveis e a carga horária máxima permitida por atividade.

§3º- A comprovação das atividades acadêmicas, extensionistas e científicas se dará por meio de certificado que deverá conter: nome completo do/a estudante, carga horária, especificação da atividade desenvolvida, identificação da instituição responsável (nome, assinatura e carimbo), além de data e local.

§4º- A comprovação das atividades socioculturais será feita por meio de cópia do ingresso, fotografia, print de tela, link entre outros que, porventura, comprovem a presença ou participação na atividade relatada. Além disso, essa comprovação deverá vir acompanhada de um relatório com uma breve descrição da atividade vivenciada e um relato das contribuições desta atividade para o enriquecimento cultural da sua formação.

Art. 4º- A creditação dos Estudos Integradores se dará a partir da metade do curso (5º período) com base na validação dos documentos comprobatórios que deverão ser postados pelo/a estudante, em um arquivo no formato PDF, na plataforma acadêmica utilizada pelo curso.

Parágrafo único. Os documentos originais poderão ser solicitados, caso se julgue necessário.

Art. 5º- Das atribuições dos/as estudantes:

- I – Inserir a documentação de forma organizada na plataforma acadêmica, conforme a orientação dos/as professores/as responsáveis, até trinta dias corridos antes do término do semestre letivo.
- II – Aguardar o prazo de dez dias úteis para conferência da sua documentação.
- III – Se necessário reapresentar a sua documentação com as correções sugeridas.

Art. 6º- Das atribuições dos/as professores/as responsáveis:

- I – Orientar os/as estudantes, ao longo do primeiro ano de curso, sobre os Estudos Integradores.
- II – Dar suporte durante todo o curso para a realização e integralização dos Estudos Integradores.
- III – Receber e conferir a documentação e dar retorno aos/as estudantes dentro do prazo máximo de dez dias úteis da postagem.
- IV- Realizar o lançamento das horas concluídas na secretaria acadêmica da unidade.

Art. 7º- Todas as questões referentes aos Estudos Integradores, não citadas no regulamento específico, serão analisadas pelo colegiado do curso.

Estudos Integradores

Nome:

Semestre de ingresso:

CATEGORIAS	CARGA HORÁRIA POR CATEGORIA	COMPROVAÇÃO	ATIVIDADES	CARGA HORÁRIA MÁXIMA POR ATIVIDADE	CARGA HORÁRIA DAS ATIVIDADES REALIZADAS
Acadêmica	80 horas	Certificado/Declaração	Monitoria de Ensino (Ex.: PEMA)	30 horas	
		TCE	Estágio extracurricular	30 horas	
		Certificado/Declaração	Representação estudantil	30 horas	
		Certificado/Declaração	Trabalho voluntário com certificação	30 horas	
		Certificado	Curso presencial e/ou online	30 horas	
		Certificado/Declaração	Intercâmbio Estudantil	30 horas	
		Certificado/Declaração	PIBID (Apenas Editais 2018, 2020 e 2022)	30 horas	
Extensionista	80 horas	Espelho do SIGA	Monitor de projeto de extensão	80 horas	
Científica	80 horas	Certificado/Declaração	Iniciação científica	30 horas	
		Certificado	Organização de eventos científicos	30 horas	
		Certificado	Participação de eventos científicos	30 horas	
		Certificado	Apresentação (oral e/ou pôster) em eventos científicos	30 horas (5hs para cada apresentação)	
		Certificado	Publicação científica	30 horas	
				(Artigo em periódico - 30 h cada Texto completo em anais - 20 h cada Resumo em anais - 10h cada)	
		Certificado/Declaração	Ouvinte em sessão pública de defesa de TCC	12 horas (2hs para cada participação)	
		Cópia do TCLE	Voluntário/a em coletas de dados de pesquisas científicas	12 horas (4hs para cada participação)	
		Certificado/Declaração	PIBID (Apenas Editais 2018, 2020 e 2022)	30 horas	

Sociocultural	90 horas	Relatório + Comprovação (Certificado, ingresso, foto, passagens, link, print de tela, e outros).	Vivências Físicas: relacionadas ao movimento corporal humano como esporte, capoeira, dança, caminhada, ginástica, entre outros.	15 horas (3hs para cada participação)	
			Vivências Intelectuais: marcadas pelo interesse em conhecimentos sistematizados como cursos e palestras, jogos de desafios como xadrez, dama, entre outros.	15 horas (3hs para cada participação)	
			Vivências Manuais: relacionadas a produção de artesanato, culinárias, jardinagem, entre outros.	15 horas (3hs para cada participação)	
			Vivências Artísticas: relacionadas a ir ao cinema, museu, assistir espetáculos de dança, exposições artísticas, entre outros.	15 horas (3hs para cada participação)	
			Vivências Sociais: relacionadas ao trabalho voluntário e ao encontro com outras pessoas (como ir a festas, sentar-se em bares, entre outros).	15 horas (3hs para cada participação)	
			Vivências Turísticas: relacionadas a viagens e passeios, entre outros.	15 horas (3hs para cada participação)	
			Vivências Digitais: relacionadas a produção de conteúdo digital; interação em redes sociais e plataformas comunicacionais; jogos digitais; assistir vídeos, séries, filmes, documentários, noticiários, novelas; ouvir músicas, entre outros.	15 horas (3hs para cada participação)	
		Certificado/Declaração	PIBID (Apenas Editais 2018, 2020 e 2022)	15 horas	

COMPROVANTES (Atividades Acadêmicas)

Inserir a partir daqui

COMPROVANTES (Atividades Extensionistas)

Inserir a partir daqui

COMPROVANTES (Atividades Científicas)

Inserir a partir daqui

COMPROVANTES (Atividades Socioculturais)

Inserir fotos e relatórios partir daqui

**ANEXO C – DOCUMENTOS RELACIONADOS ÀS
ATIVIDADES INTEGRADORAS OU PRÁTICA DOS
COMPONENTES CURRICULARES/PRÁTICA DE FORMAÇÃO**

**PROPOSTA DA INSTITUIÇÃO DE ENSINO UEMG PARA ESTÁGIO DE
OBSERVAÇÃO COMO ATIVIDADE CURRICULAR COM ESTUDANTES
NA SECRETARIA DE ESPORTE-BH**

- 1. Nome da Instituição de Ensino:** Universidade do Estado de Minas Gerais
– Unidade Ibirité.
- 2. Nome do Curso:** Educação Física **3. Disciplina (graduação):** Atividades Integradoras
- 4. Período Letivo:**
- 5. Carga Horária Total do Estágio por Aluno:** 45 h.
- 6. Tipo de Atividade Curricular:** Visita de observação.
- 7. Cenário de Prática Sugerido:**

Duplas ou individualmente os estudantes são orientados a acompanhar as atividades dos professores de Educação Física que atuam com _____ com a carga horária diária de no máximo 3 horas. Sendo o período de realização de VISITA de _____ à _____ compondo 45 horas de estágio de observação.

Sugerimos que as atividades aconteçam as _____ – feiras nos turnos da manhã ou noite (horário dedicado à disciplina na Grade horária do curso na UEMG), mas entendemos as organizações cotidianas dos estudantes e dos professores/ ORIENTADORES

8. Ementa da Disciplina

Nº	Atividade Proposta	Especificação	Metas	Indicadores
1	Observação De campo de atuação: Educação, Saúde, Lazer, cultura ou esporte	Observar ações que se aproximem do campo de atuação específico com orientação da instituição parceira e da UEMG.	Cumprir 45 horas de observação de campo se aproximando de atividades de atuação do professor	Relatórios diários de observação.

			de Educação física.	
--	--	--	---------------------	--

Vale ressaltar que essas atividades não necessitam de aprovação no Comitê de Ética e Pesquisa (CEP).

O acompanhamento da UEMG se fará na pessoa da professora orientadora _____ e acontecerá de forma parcial no tempo de observação das e dos estudantes.

Assinatura:



CERTIFICADO

Certifico que _____
orientou a/o estudante

_____ no cumprimento de
45 horas de observação na Instituição
_____, no mês de
_____ de 20____, no cumprimento da disciplina Atividades
Integradoras _____ do Departamento de Ciências do Movimento Humano –
DCMH da UEMG/Unidade Ibirité.

Professora da disciplina Atividades Integradoras II - ____/20____.

TERMO DE COMPROMISSO DE ORIENTAÇÃO

Nome do estagiário:	
Instituição concedente:	
(Nome da ação):	
Endereço do local de visita de observação:	
Professor(a) orientador (a):	
Email do professor(a) orientador(a):	

Eu,

_____,
me comprometo a orientar o estudante

_____ na observação da ação

_____. O/A

Estudante da UEMG – Ibirité, orientado pela prof. _____,

deverá comparecer em campo nos meses

de _____ de 20____. Das _____ as

_____ horas, totalizando 45 horas de observação do campo.

X

Professor (a) orientador (a)

X

Estagiário de Educação Física

Nome do estagiário:			
Instituição:			
Nome da ação:			
Professor (a) orientador (a):			

Total de horas a cumprir:	Total de horas cumpridas:
45 horas	horas

Datas e horários das observações:

Data: / /	Horário: : às :	Data: / /17	Horário: : às :
Data: / /	Horário: : às :	Data: / /17	Horário: : às :
Data: / /	Horário: : às :	Data: / /17	Horário: : às :
Data: / /	Horário: : às :	Data: / /17	Horário: : às :
Data: / /	Horário: : às :	Data: / /17	Horário: : às :
Data: / /	Horário: : às :	Data: / /17	Horário: : às :
Data: / /	Horário: : às :	Data: / /17	Horário: : às :
Data: / /	Horário: : às :	Data: / /17	Horário: : às :
Data: / /	Horário: : às :	Data: / /17	Horário: : às :
Data: / /	Horário: : às :	Data: / /17	Horário: : às :
Data: / /	Horário: : às :	Data: / /17	Horário: : às :

Visto do (a) Prof.(a) Orientador(a):

_____ **Visto**

do (a) Prof. (a) UEMG:

ANEXO D - REGULAMENTO DO ESTÁGIO CURRICULAR SUPERVISIONADO (ECS)

A formação ofertada em Educação Física nesta Instituição é orientada pela compreensão que a cultura corporal de movimento se constitui de manifestações culturais (re)produzidas e (re)criadas ao longo do tempo por diferentes sujeitos que, ao movimentarem-se, conferem diferentes sentidos e significados às práticas (BRACHT, 1997). Nessa direção, reconhecê-las como produções socioculturais demanda da/do trabalhadora/o uma (re)configuração do seu lugar no processo ensino-aprendizagem assim como de seus alunos e alunas. Ambos são portadores/as de bagagens de saberes acerca de cada prática corporal, construídos a partir de sua formação formal, não formal e informal que, no momento da aula/atuação, são colocados em ação.

Conforme salienta Edwiges I. de Lima (2019, p. 273): “Seja no ensino formal, não formal e informal os princípios de justiça social estão presentes e manifestam-se de diversas maneiras, na medida em que o indivíduo (ser social) toma consciência de seu pertencimento, o exercício da cidadania se fortalece”.

Lecionar/atuar na perspectiva da cultura corporal de movimento demanda que a/o trabalhador/a reconheça seu papel de observador/a, mediador/a e protagonista no processo de produção do conhecimento dos/das discentes do Curso a respeito das práticas e, consequentemente, os reconheça como produtores e produtoras de cultura.

Acreditamos que, nesta perspectiva, o cumprimento da carga horária do estágio possibilita aos alunos e às alunas alternativas que consolidem esse tempo/espço no processo de formação inicial dos trabalhadores e das trabalhadoras por meio do oferecimento de experiências no trato pedagógico que potencializem o desenvolvimento das habilidades e competências reconhecidas como fundamentais para o exercício da docência/atuação em Educação Física.

Pérez Gómez (1996) oferece algumas contribuições a respeito da experiência de formação de professoras/professores¹³. O autor nos chama a atenção para a centralidade que as práticas ou o realizar pedagógico deveriam ocupar no processo de formação/atuação docente. A proposta aqui apresentada tem como objetivo estabelecer uma aproximação qualitativa entre a realidade e a simulação do fazer pedagógico do/da professor/a de Educação Física. Acreditamos que as experiências no campo de estágio são um investimento no processo de formação de professoras/professores reflexivos/os, pois, os diferentes contextos/espacos de atuação se constituem como lugares de aprendizagem e construção do *pensamento prático* (PÉREZ GÓMEZ, 1996). O *pensamento prático* segundo o autor, a partir dos estudos de Donald Schön, constitui-se na definição de três conceitos diferentes que integram este tipo de pensamento. São eles: o conhecimento na ação; reflexão na ação e reflexão sobre a ação; e sobre a reflexão na ação. Nesse sentido, o estágio como prática encontra-se num equilíbrio difícil e instável entre a realidade e a simulação: por um lado, deve representar a realidade da aula/atuação e dos contextos/espacos de atuação, com suas características de incerteza, complexidade e conflito; por outro lado, deve proteger a professora e o professor em formação das pressões e riscos da aula real, que excedem a sua capacidade de assimilação e reação racional. Em resumo, deve ser um espaco real onde o/a professor/a em formação observa, analisa, atua e reflete sobre suas ações (PÉREZ GÓMEZ, 1996).

Partindo do pressuposto que a formação de professoras/professores é composta por vasto campo de conhecimentos, saberes, crenças, valores, etc., pessoais e profissionais, a *práxis* pedagógica fica atrelada as experiências adquiridas em diferentes momentos da trajetória formativa e ao que se apresenta como realidade para a intervenção. Nesse sentido, práticas formativas como as do Estágio Curricular Supervisionado, em diferentes espacos e contextos, devem levar em consideração, não só esses saberes apreendidos nas trajetórias pessoais e profissionais, mas também incorporar as demandas da sociedade de forma a contribuir para

¹³ Importa destacar que Ángel L. Pérez Gomes insere seus estudos em uma tradição de pesquisa sobre a escola e docência. Todavia, entende-se que as noções e os conceitos mobilizados aqui qualificam as reflexões sobre a formação/atuação das trabalhadoras/dos trabalhadores da Educação Física.

emancipação pessoal e coletiva. Diante do exposto, esta proposta se opõe a uma concepção fragmentada deste processo e propõe ações integradas entre os diferentes docentes da instituição formadora, bem como entre esta e os campos de estágio. Tal perspectiva, demanda um envolvimento estreito e respeitoso entre os diferentes sujeitos que ocupam os diferentes espaços/contextos em que os estágios se realizarão.

Os ECS do curso de Educação Física são organizados por um coletivo de docentes que é responsável por: decisões pedagógicas, processos avaliativos longitudinais, recepção e tratamento da documentação, entre outros elementos que toquem na dinâmica dos ECS. Tal coletivo (núcleo/centro ou outra denominação mais adequada) é um órgão consultivo e deliberativo composto por docentes orientadores/as dos ECS e das suas disciplinas correlatas.

Diante do exposto, o Estágio Curricular Supervisionado do Curso de Educação Física está organizado da seguinte forma:

	LICENCIATURA Carga Horária Total: 660 h	BACHARELADO Carga Horária Total: 660 h
Períodos	Estágio Curricular Supervisionado Escolar	Estágio Curricular Supervisionado Não Escolar
5º	<i>Estágio Curricular Supervisionado Escolar I</i> – “Educação Física e Organização Escolar” 120 h	-----
6º	<i>Estágio Curricular Supervisionado Escolar II</i> – “Educação Física Escolar e Infâncias” 120 h	-----
7º	<i>Estágio Curricular Supervisionado Escolar III</i> – “Educação Física Escolar, Adolescências e Juventudes” 120 h	<i>Estágio Curricular Supervisionado Não Escolar I</i> – “Políticas Públicas de Lazer, cultura e Esporte” 150 h

8º	<i>Estágio Curricular Supervisionado Escolar IV – “Educação Física Escolar, Jovens, Adultos e Idosos”</i> 120 h	<i>Estágio Curricular Supervisionado Não Escolar II – “Métodos e Processos de Treinamento de Práticas Corporais”</i> 150 h
9º	-----	<i>Estágio Curricular Supervisionado Não Escolar III – “Saúde Coletiva”</i> 180 h
10º	<i>Estágio Curricular Supervisionado INTEGRADO</i>– “Educação Física, Minorias sociais e Inclusão” 180 h	

ESTÁGIO CURRICULAR SUPERVISIONADO ESCOLAR

Art. 1º - O Estágio Curricular Supervisionado Escolar constitui um tempo de aprendizagem no qual a professora e o professor em formação desenvolvem em escolas de Educação Básica, realizando um conjunto de atividades para apreender a prática do ensino de Educação Física, em situação de vivência do exercício profissional.

I Do campo do estágio: o estágio curricular supervisionado escolar dar-se-á em escolas da Educação Básica - em suas diferentes etapas de ensino - das diversas redes de ensino, aqui compreendidas como escolas-campo de estágio.

II Do/a professor/a supervisor/a: trata-se daquele/a docente que acolhe os/as estudantes nas escolas-campo de estágio, supervisionando e conduzindo o estágio realizado.

III Da Instituição formadora: o estágio supervisionado escolar acontece sob a orientação da instituição formadora, no caso a UEMG, responsável por orientar e discutir questões pertinentes às observações das práticas docentes e do cotidiano escolar.

IV Do/da docente orientador/a: refere-se às/aos professoras/es que orientam os/as estudantes na Instituição formadora sobre os processos que envolvem

o estágio, bem como auxilia na construção de reflexões sobre o tempo/espço de estágio.

Art. 2º - Os estágios e as disciplinas correlatas devem possibilitar reflexões sobre a autoria docente, instigando a compreender o papel de cada sujeito do cotidiano escolar na elaboração de documentos e projetos coletivos, capazes de orientar e fazer cumprir o papel social da escola.

Art. 3º - Os professores/as em formação deverão cumprir 480 horas de ECS-Escolar divididas em quatro semestres a partir do 5º período, considerando as ênfases/períodos de 120 horas cada.

I - Para a aprovação nos estágios, deverão ser cumpridas, de forma obrigatória, as horas estipuladas na escola-campo de estágio e na Universidade para cada período.

II - Para concluir a modalidade de licenciatura o/a estudante deve também concluir o Estágio Integrado, oferecido no 10º período.

III - O exercício da função docente não dispensa o/a discente do cumprimento da carga horária de ECS - Escolar integrado às disciplinas correlatas, salvo casos avaliados e aprovados pelo coletivo dos ECS do curso de Educação Física.

Art. 4º – O acompanhamento e a avaliação do Estágio Curricular Supervisionado Escolar ocorrerão da seguinte forma:

I – Todo/a estudante deverá preencher e entregar dentro do prazo estipulado pelo professor/a orientador/a de estágio o Termo de Compromisso do Estágio (TCE).

Parágrafo Único: O TCE é um instrumento que formaliza a relação entre o CAMPO DE ESTÁGIO e o(a) ESTAGIÁRIO(A), visando, unicamente, possibilitar a realização da atividade de estágio curricular obrigatório. Destarte, o estágio curricular obrigatório não criará vínculo empregatício de qualquer natureza entre o(a) ESTAGIÁRIO(A), o CAMPO DE ESTÁGIO II – A produção de narrativas como eixo norteador do Estágio Curricular Supervisionado Escolar: a elaboração de pequenas narrativas credencia-se

como possibilidade de descrever a realidade escolar observada, bem como de tecer sobre ela reflexões e críticas alicerçadas em uma dimensão ética e balizadas pela noção de experiência.

III – Do caderno de docência: O caderno de docência que será um instrumento de registro das experiências em articulação com as disciplinas e outras vivências da formação acadêmica.

Abaixo segue uma sugestão de organização do caderno de docência.

- ┐ Introdução: Caracterização da escola. Detalhes são importantes. Descrição é só uma parte do registro. Produção de uma descrição analítica;
- ┐ Registro diário: anotação do dia da observação e/ou intervenção. Os olhares na e para a escola precisam estar atentos, não existe nenhum dia na escola que não mereça alguma reflexão;
- ┐ Reflexão pós-observação e/ou observação: Neste momento, a escrita deve ser produzida de forma mais aprofundada, refletindo sobre as questões mais importantes;
- ┐ Reflexão final: No final do semestre, deverá ser produzido um texto avaliando os processos deste estágio na formação. Dissertar sobre sua aprendizagem.

Art. 5º - As decisões tomadas sobre o Estágio Curricular Supervisionado Escolar são discutidas e deliberadas também por um conjunto de docentes que compõe o Núcleo de Estágio da UEMG Unidade/Ibirité.

Art. 6º - Os ECS - Escolar, assim como os demais ECS do curso de Educação Física, são também organizados por um coletivo de docentes que é responsável por: decisões pedagógicas, processos avaliativos longitudinais, recepção e tratamento da documentação, entre outros elementos que toquem na dinâmica dos ECS. Tal coletivo (núcleo/centro ou outra denominação mais

adequada) é um órgão consultivo e deliberativo composto por docentes orientadores/as dos ECS e das suas disciplinas correlatas.

ESTÁGIO CURRICULAR SUPERVISIONADO NÃO ESCOLAR

Art. 1º - O Estágio Curricular Supervisionado Não Escolar se dará na interlocução com os eixos Saúde, Lazer e Cultura, Educação e Esporte, que norteiam uma concepção de formação em Educação Física a partir de uma perspectiva contra hegemônica.

I Objetiva-se com este estágio contribuir com a formação de professores e professoras capazes de intervir democraticamente na sociedade de forma a garantir os direitos sociais conquistados que dialogam com o campo da Educação Física.

II Os estágios em espaços não escolares estão em consonância com disciplinas correlatas na perspectiva de conceder uma organicidade ao processo formativo.

Art. 2º - Do campo do estágio: o estágio supervisionado não escolar dar-se-a em espaços fora do contexto escolar, tais como: academias, centro de treinamento, unidades de saúde básica, projetos de políticas públicas de saúde, lazer, educação e esporte, entre outros, que são aqui compreendidos como campo de estágio.

I Do/a professor/a supervisor/a: trata-se daquele/a trabalhador/a da Educação Física que acolhe os/as estudantes no campo de estágio, supervisionando e conduzindo o estágio realizado.

II Da Instituição formadora: o estágio supervisionado não escolar acontece sob a orientação da instituição formadora, no caso a UEMG, responsável por orientar e discutir questões pertinentes às observações das práticas docentes e do cotidiano de atuação profissional.

III Do/da docente orientador/a: refere-se às/aos professoras/es que orientam os/as estudantes na Instituição formadora sobre os processos que envolvem

o estágio, bem como auxilia na construção de reflexões sobre o tempo/espço de estágio.

Art. 3º - Os/as estudantes deverão cumprir 480 horas de estágio divididas em três semestres, a partir do 7º período.

I – A carga horária das três etapas dos estágios não escolares se divide da seguinte forma: 7º e 8º períodos 150 horas cada, sendo 100 horas em campo e 50 de atividades orientadas em sala de aula; 9º período 120 horas em campo e 60 horas na instituição formadora sob orientação das/dos docentes responsáveis.

II – Para a aprovação nos estágios, deverão ser cumpridas, de forma obrigatória, as horas estipuladas no campo de estágio e na Universidade para cada período.

III – Para concluir a modalidade de bacharelado o/a estudante deve também concluir o Estágio Integrado, oferecido no 10º período.

IV – *Para aquelas e aqueles que comprovem atuação nos campos não escolares da área de Educação Física, será resguardado o direito à redução da carga horária a ser cumprida no campo de estágio. Os ECS - Não Escolar, assim como os demais ECS do curso de Educação Física, são também organizados por um coletivo de docentes que é responsável por: decisões pedagógicas, processos avaliativos longitudinais, recepção e tratamento da documentação, entre outros elementos que toquem na dinâmica dos ECS. Tal coletivo (núcleo/centro ou outra denominação mais adequada) é um órgão consultivo e deliberativo composto por docentes orientadores/as dos ECS e das suas disciplinas correlatas. Desse modo, todas as decisões referentes à integração de carga horária de ECS - Não Escolar mediante atuação no campo, deverão ser analisadas e aprovadas por esse coletivo e também discutidas e referendadas pelo Colegiado do Curso.*

Art. 4º - O acompanhamento e a avaliação do Estágio Curricular Supervisionado Escolar ocorrerão da seguinte forma:

I – Todo/a estudante deverá preencher e entregar dentro do prazo estipulado pelo professor/a orientador/a de estágio o Termo de Compromisso do Estágio (TCE).

Parágrafo Único: O TCE é um instrumento que formaliza a relação entre o CAMPO DE ESTÁGIO e o(a) ESTAGIÁRIO(A), visando, unicamente, possibilitar a realização da atividade de estágio curricular obrigatório. Destarte, o estágio curricular obrigatório não criará vínculo empregatício de qualquer natureza entre o(a) ESTAGIÁRIO(A), o CAMPO DE ESTÁGIO II – A produção de narrativas como eixo norteador do Estágio Curricular Supervisionado Não Escolar: a elaboração de pequenas narrativas credencia-se como possibilidade de descrever a realidade de atuação profissional observada, bem como de tecer sobre ela reflexões e críticas alicerçadas em uma dimensão ética e balizadas pela noção de experiência.

III – Do caderno de campo: como parte do processo avaliativo, os/as professores/as em formação devem produzir e apresentar um caderno de campo que será um instrumento de registro das experiências em articulação com as disciplinas e outras vivências da formação acadêmica.

Abaixo segue uma sugestão de organização do caderno de campo.

- ┐ Introdução: Caracterização do espaço. Detalhes são importantes. Descrição é só uma parte do registro. Produção de uma descrição analítica;
- ┐ Registro diário: anotação do dia da observação e/ou intervenção. Os olhares nos e para os espaços de atuação profissional precisam estar atentos, não existe nenhum dia que não mereça alguma reflexão;
- ┐ Reflexão pós-observação e/ou observação: Neste momento, a escrita deve ser produzida de forma mais aprofundada, refletindo sobre as questões mais importantes;

- ┐ Reflexão final: No final do semestre, deverá ser produzido um texto avaliando os processos deste estágio na formação. Dissertar sobre sua aprendizagem.

ESTÁGIO CURRICULAR SUPERVISIONADO INTEGRADO (ECS – INTEGRADO)

Art. 1º - O Estágio Curricular Supervisionado Integrado se caracteriza pela inserção do/da professor/a em formação em espaços distintos daqueles que tiveram contato nas outras modalidades de estágio.

I Constituem-se como possibilidades de inserção aqueles espaços que oferecem formação para as Minorias Sociais.

Parágrafo Único: entende-se que Minorias Sociais designa grupos que por terem menor acesso aos mecanismos de poder sofrem interferência em suas formas de viver. Elas são compostas pelos grupos da classe trabalhadora, mulheres, de negros e negras, de indígenas, de ciganos, comunidade LGBTQIA+. Além disso, estão à margem do poder as comunidades ribeirinhas, periféricas, a de pequeno(a)s agricultore(a)s, quilombolas, e as pessoas com deficiência, entre outros.

II Justifica-se este estágio tendo em vista que estes grupos historicamente têm lutado por acesso e conquista de direitos. Entre esses direitos estão o acesso a saúde, as práticas corporais, lazer, educação, que se configuram como áreas de atuação da Educação Física. Importante destacar que essas pessoas, por mais que a sociedade tente invisibilizá-las, compõem a maioria numérica da população. E ainda que não tenham acesso as práticas corporais hegemônicas, produzem formas próprias de uso do corpo.

Art. 2º - A carga horária destinada a esse estágio é de 180 horas divididas entre atividades supervisionadas no campo de estágio e atividades orientadas na instituição formadora.

I - Os ECS - Integrado, assim como os demais ECS do curso de Educação Física, são também organizados por um coletivo de docentes que é

responsável por: decisões pedagógicas, processos avaliativos longitudinais, recepção e tratamento da documentação, entre outros elementos que toquem na dinâmica dos ECS. Tal coletivo (núcleo/centro ou outra denominação mais adequada) é um órgão consultivo e deliberativo composto por docentes orientadores/as dos ECS e das suas disciplinas correlatas. Desse modo, todas as decisões referentes à integração de carga horária de ECS - Integrado mediante atuação no campo, deverão ser analisadas e aprovadas por esse coletivo e também discutidas e referendadas pelo Colegiado do Curso.

Art. 3º - O acompanhamento e a avaliação se darão de forma semelhante ao disposto no artigo 9º deste Regulamento.

Art. 4º - Para que os processos formativos aqui salientados se concretizem será preciso que a Instituição formadora – a UEMG – resguarde tempo e encargos didáticos para o desenvolvimento dos estágios.

I – Define-se que será preciso para cada grupo de vinte discente matriculados/as a atuação/regência de uma professora e/ou um professor em cada ênfase/período para cada um dos Estágios Curriculares Supervisionados do curso de Educação Física.

ANEXO E – REGULAMENTO DOS TRABALHOS DE CONCLUSÃO DE CURSO

CAPÍTULO I

Da definição e objetivos

Este regulamento tem como objetivo estabelecer normas e critérios para a pesquisa, escrita, apresentação e avaliação, desenvolvimento e avaliação dos Trabalhos de Conclusão do Curso (TCC) do curso de Educação Física (EF) da Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG) – Unidade Ibirité.

Art. 1º- O TCC é uma atividade obrigatória para todos os estudantes deste curso e está previsto na matriz curricular.

Art. 2º- Por meio da elaboração do TCC, levando em consideração as fases que o antecede (disciplinas de Metodologia do trabalho científico, Pesquisas em EF e Pré-projeto), contando com a orientação docente, o(a) estudante terá a oportunidade de desenvolver uma pesquisa com todos os contornos que cabem em uma investigação reconhecida pela sociedade acadêmico-científica.

Art. 3º- O TCC tem como objetivo permitir que os(as) estudantes estruturem os conhecimentos trazidos, com os vivenciados/aprendidos por meio deste curso de graduação, no formato de pesquisa, podendo contar com o auxílio de orientação docente.

§1º - O TCC visa incentivar a formação do sujeito pesquisador, podendo contribuir para o desenvolvimento e problematização de conhecimentos, melhor qualificá-lo para o mercado de trabalho, além de instigá-lo a continuar seus estudos em programas de pós-graduação *lato-sensu* e *stricto-sensu*.

Art. 4º- O desenvolvimento do TCC neste curso se orienta a partir das habilidades desenvolvidas em disciplinas articuladas, sendo elas: “Metodologia do trabalho científico”, “Pesquisas em Educação Física”, “Projeto de pesquisa”, “Trabalho de Conclusão de Curso”.

Parágrafo único – Outras experiências podem contribuir para o desenvolvimento do TCC, sendo essas oportunizadas por disciplinas que propõem pesquisas em seus formatos curriculares, por projetos extensionistas, por grupos de pesquisas e por aprendizados obtidos em outros momentos ou espaços acadêmico-científico.

CAPÍTULO II

Das regras gerais

Art. 5º- Os TCCs deverão ser desenvolvidos prioritariamente de forma individual e orientado por um docente do curso de Educação Física da Universidade do Estado de Minas Gerais – Unidade Ibirité.

§1º- O TCC poderá ser desenvolvido em dupla, desde que haja o consentimento do(a) orientador(a).

§2º- Professores externos ao curso ou à Universidade do Estado de Minas Gerais podem atuar na condição de coorientadores conforme descrito no Capítulo III deste regulamento.

§3º- Qualquer situação não descrita neste regulamento em relação ao TCC será encaminhada ao Colegiado do curso de Educação Física para análise e deliberação.

Art. 6º- Os projetos de pesquisa e TCC que envolvam seres humanos ou animais, antes de serem efetivamente desenvolvidos, recomendado a necessidade pelo(a) professor(a)-orientador(a), deverão ser submetidos à aprovação dos respectivos Comitês de Ética em Pesquisa da Universidade.

Art. 7º- O tema e modalidade de escrita do TCC é de escolha do(s) da(s) estudante em conjunto com o(a) orientador(a) e apoio do(a) professor(a) da disciplina Projeto de Pesquisa ou e Trabalho de Conclusão de Curso.

§1º - A escolha da modalidade de escrita do TCC deverá seguir as diretrizes indicadas no Capítulo IV deste regulamento.

Art. 8º- A avaliação do TCC será realizada por uma banca examinadora composta pelo(a) orientador(a) e dois docentes da Universidade (UEMG).

§1º- É permitida a participação de um membro da banca de avaliação externo à Universidade, desde que haja consentimento do(a) orientador(a) e tenha relação com a temática a ser apresentada.

Art. 9º- O texto final do TCC deverá ser encaminhado à banca examinadora com antecedência mínima de 10 dias uteis.

Art. 10º- A avaliação do TCC se dará por apresentação oral, com a duração de 90 minutos, sendo: 20 minutos para a apresentação dos(as)

discente(s); 30 minutos para as considerações dos componentes da banca e respostas; 10 minutos para as considerações finais do(a) orientador(a).

§1º- Ao final da apresentação a banca reunirá em local reservado para atribuir uma avaliação em: aprovado, aprovado com considerações, reprovado.

§2º- Tendo em vista as normas estabelecidas no “Regimento Geral da UEMG, na Seção VIII – Da Avaliação do Rendimento Escolar”, o(a) estudante será avaliado(a) por nota.

Art. 11º Os critérios de avaliação são específicos para cada formato de TCC e devem atender às normas de escrita científica descrita no capítulo III deste regulamento.

§1º- O(a) orientador(a) do TCC é responsável pela avaliação e atribuição da nota final do TCC. A nota final será constituída de 60% do conteúdo escrito do TCC e 40% da apresentação pública do trabalho final pelo(a) estudante.

§2º- São considerados critérios de avaliação do TCC: relevância do objeto de estudo, domínio de conceitos e teorias, rigor metodológico, pertinência nas análises, adequação às normas linguísticas e técnicas da escrita acadêmica.

§3º- São considerados critérios de avaliação da apresentação do estudante: domínio do tema, clareza e objetividade na apresentação, respostas satisfatórias às questões apresentadas pela banca, respeito ao tempo destinado à apresentação.

Art. 12º - O agendamento da apresentação pública poderá ocorrer por fluxo contínuo, com anuência do(a) orientador(a).

§1º- Em caso de reprovação ou dos(as) estudante(s) não conseguirem entregar a versão final em tempo hábil, o(a) estudante poderá solicitar uma nova data de defesa ou de entrega da versão final desde que em acordo com o professor(a) orientador(a).

§2º A defesa poderá ocorrer em fluxo contínuo - desde que o(a) estudante não tenha(m) pendências em relação aos trâmites e disciplina do TCC.

§3º- Caberá ao(à) orientador(a), em conjunto com o(a) professor(a) responsável pela disciplina do TCC, o agendamento da entrega da versão final ou da nova data de defesa.

Art. 13º - Caso haja reprovação o(a) discente deverá reelaborar seu trabalho para ser submetido à nova avaliação.

§1º- É assegurado aos estudantes o direito à solicitação de revisão de nota e frequência nos casos de reprovação ou questionamento do resultado obtido, observados os prazos previstos no calendário escolar geral da Universidade. Ao final do processo de avaliação, compete ao professor(a) da disciplina a decisão sobre a aprovação ou não do estudante, cabendo recurso à coordenação do curso e, se necessário, ao Conselho da Faculdade.

Art. 14º - Constatada a existência de plágio na elaboração do TCC, além de desclassificação sumária e consequente reprovação dos(as) estudantes, ficará(ão) sujeito(s) a sanções regimentais da Universidade e da Lei.

Art. 15º - A Ata de defesa deverá ser entregue ao professor da disciplina após realização da apresentação para a banca, além disso, deverá ser anexada à versão final do TCC.

§1º- A não entrega da Ata de defesa e/ou documento final do TCC, inviabilizará o lançamento da nota e consequente aprovação na disciplina.

§2º- A versão final do TCC deverá ser entregue em formato virtual (pdf) e/ou impresso conforme indicação do Coordenação do curso. O Colegiado do curso se responsabilizará pela publicização dos TCCs.

CAPÍTULO III

Do acompanhamento e orientação

Art. 16º – O acompanhamento do desenvolvimento do TCC será realizado pelos professores das disciplinas relacionadas ao TCC: “Pesquisas em Educação Física”, “Projeto de pesquisa”, “Trabalho de Conclusão de Curso”.

§1º- Aos professores das disciplinas de TCC compete auxiliar os(as) estudantes, em função dos seus temas, a definirem seus orientadores, bem como a evoluírem no desenvolvimento do trabalho em termos metodológicos. Também são responsáveis por monitorar o cumprimento dos prazos e entrega dos trabalhos previstos.

Art. 17º – A orientação do Trabalho de Conclusão de Curso deverá ser realizada obrigatoriamente por um docente do curso de Educação Física considerando-se sua afinidade com a linha de pesquisa do tema proposto.

§1º- À orientação do TCC compete: auxiliar e acompanhar o(a) estudante no desenvolvimento do trabalho em todas as suas fases de execução por meio de encontros de orientação; informar ao estudante quaisquer questões que possa impactar na finalização do trabalho; e zelar para que os trâmites estabelecidos neste regulamento sejam cumpridos.

§2º - Os encargos didáticos destinados à cada orientação seguirão a Resolução COEPE/UEMG N° 234, de 23 de novembro de 2018 que dispõe sobre o cálculo de encargos didáticos e sua atribuição aos ocupantes do cargo de Professor de Educação Superior – PES da UEMG, bem como aos professores designados da Instituição.

Art. 18º – Cabe ao orientando manter encontros/contato periódicos com o(a) orientador(a) informando-o(a) sobre o desenvolvimento de sua pesquisa, avanços, eventuais dificuldades e outras informações relevantes na realização de seu estudo e/ou orientação. Deverá dedicar-se ao processo de desenvolvimento do TCC de forma a garantir a execução do planejamento acordado com o(a) orientador(a) e seguir os trâmites estabelecidos neste regulamento.

Art. 19º - O(a) Coorientador(a) poderá ser integrado ao TCC com anuência do orientador. O(a) coorientador(a) deverá possuir titulação mínima de especialista e apresentar afinidade na temática da pesquisa.

Parágrafo único- Ao coorientador compete colaborar com a pesquisa do(a) estudante, interagindo com o(a) orientador(a), no planejamento inicial, na implementação e/ou na redação do TCC.

CAPÍTULO IV

Das modalidades e formatos do TCC

Art. 20º- O Trabalho de Conclusão de Curso poderá ter como formato: monografia, artigo científico-acadêmico, memorial, portfólio ou outros formatos aprovados pelo Colegiado de curso.

§1º- A definição do formato do TCC deverá ter aprovação do(a) orientador(a) e do(a) professor(a) da disciplina TCC.

§2º - A estrutura dos formatos para o TCC está apresentada neste regulamento e contemplam: a- estrutura textual, b- critérios para avaliação.

Art. 21º- A monografia deverá ser constituída com o intuito de debater, analisar, averiguar uma temática específica de forma aprofundada. Versará sobre temas que tratem ou se relacionem com a área de conhecimento da Educação Física. O desenvolvimento do trabalho se constituirá pelo aproveitamento dos conhecimentos adquiridos durante todo o percurso formativo dos(as) estudantes, pelos adquiridos por meio das experiências com as disciplinas destinadas à construção de pesquisas, do TCC e pelos grupos de pesquisa, extensão, estágios, dentre outros.

§1º São considerados os elementos pré-textuais: capa (obrigatório); folha de rosto (obrigatório); folha que contém as informações essenciais à identificação do trabalho; errata (opcional); folha de aprovação (obrigatório); dedicatória (opcional); agradecimentos (opcional); epígrafe (opcional); resumo na língua vernácula (obrigatório); resumo em língua estrangeira (obrigatório); lista de ilustrações (obrigatório se houver no corpo do texto); lista de tabelas (obrigatório se houver no corpo do texto); lista de siglas e abreviaturas (obrigatório se houver no corpo do texto); lista de símbolos (obrigatório se houver no corpo do texto); sumário (Obrigatório).

§2º São considerados os elementos textuais: introdução (obrigatório); referencial teórico ou revisão bibliográfica ou revisão de literatura (obrigatório); metodologia, materiais e métodos ou percursos metodológicos (obrigatório); resultados e discussão (obrigatório); conclusão ou considerações finais (obrigatório).

§3º São considerados os elementos pós-textuais: referências (obrigatório); glossário (opcional); apêndice (opcional); anexo (opcional); índice (opcional).

Art. 22º- O modelo do artigo científico deverá ser consoante às normas da revista/periódico (classificada na base Qualis/Capes) à qual será submetido, sob anuência do orientador e indicação expressa no texto final.

§1º São considerados os elementos pré-textuais: capa (obrigatório); folha de rosto (obrigatório); folha que contém as informações essenciais à identificação do trabalho; errata (opcional); folha de aprovação (obrigatório); dedicatória (opcional); agradecimentos (opcional); epígrafe (opcional); resumo na língua vernácula (obrigatório); resumo em língua estrangeira (obrigatório); lista de ilustrações (opcional); lista de tabelas (opcional); lista de siglas e abreviaturas (opcional); lista de símbolos (opcional); sumário (opcional).

§2º São considerados os elementos textuais: introdução (obrigatório conter justificativa e referencial teórico atual); metodologia, materiais e métodos ou percursos metodológicos (obrigatório); resultados (obrigatório); discussão (obrigatório); conclusão ou considerações finais (obrigatório).

§3º São considerados os elementos pós-textuais: referências (obrigatório); glossário (opcional); apêndice (opcional); anexo (opcional); índice (opcional).

Art. 23º- Após a aprovação da banca examinadora deverá ser anexado, no texto final do TCC, o comprovante de submissão em um periódico nacional ou internacional indexado (apresentar o ISSN).

§1º- O comprovante de submissão ao periódico é condição obrigatória para depósito do TCC Artigo na secretaria do curso. O prazo para submissão será estipulado pelo orientador no ato da defesa do trabalho e seguirá as orientações e cronograma indicados pelo(a) professor(a) responsável pela disciplina.

Art. 24º- A estrutura de escrita de um memorial é similar à de uma monografia. Como o memorial se configura como uma tentativa de trazer à tona fatos, reminiscências da história de vida e da trajetória pessoal, pela narrativa ou pelos registros da própria vivência, retomada por meio do que ficou marcado e associado a sentimentos, que geralmente funciona como um elo de ligação, se diferencia na maneira de registrar. Esse exercício pode proporcionar trabalhar as experiências vividas, aprofundando sobre elas, de modo reflexivo e lhe dar novos contornos e novos sentidos antes não visualizados ou reconhecidos.

§1º São considerados elementos pré-textuais do memorial: capa (obrigatório); folha de rosto (obrigatório); folha que contém as informações

essenciais à identificação do trabalho; errata (opcional); folha de aprovação (obrigatório); dedicatória (opcional); agradecimentos (opcional); epígrafe (opcional); resumo na língua vernácula (obrigatório); resumo em língua estrangeira (obrigatório); lista de ilustrações (obrigatório se houver no corpo do texto); lista de tabelas (obrigatório se houver no corpo do texto); lista de siglas e abreviaturas (obrigatório se houver no corpo do texto); lista de símbolos (obrigatório se houver no corpo do texto); sumário (Obrigatório).

§2º Sobre os elementos textuais do memorial: Como não existe uma forma única e padronizada de construir uma pesquisa utilizando-se das memórias/vivências para compor o campo a ser estudado, será assumido o formato de: Introdução (Obrigatório); Percursos metodológicos (Obrigatório); Desenvolvimento (Obrigatório); Resultados e Discussão (Optativa); Conclusão ou Considerações finais (Obrigatório).

§3º São considerados elementos pós-textuais: referências (obrigatório); glossário (opcional); apêndice (opcional); anexo (opcional); índice (opcional).

Art. 25º - O Portfólio trata-se de uma produção processual na qual, ao longo da trajetória completa dos estágios supervisionados, os acadêmicos possam realizar o registro sistemático e reflexivo sobre o tornar-se professora/professor.

§1º Segundo a natureza longitudinal deste tipo de produção, o Portfólio, enquanto Trabalho de Conclusão de Curso, deve ser iniciado logo que o discente tem sua primeira experiência com o Estágio, ou seja, neste PPC no 5º período.

§2º O Portfólio para ser adotado como um TCC deverá estar vinculado a um projeto aprovado pelo Departamento de Ciências do Movimento Humano (DCMH), sendo sua articulação com o TCC também referendada pelo Colegiado do Curso.

§3º Os elementos pré textuais e pós-textuais do Portfólio seguirão o formato indicado para memorial. Considerando a natureza processual da elaboração do Portfólio é sugerido uma estrutura textual composta de Introdução, desenvolvimento e conclusão.

CAPÍTULO V

Das disposições finais

Art. 26º- O Curso de Educação Física da UEMG Unidade Ibirité reconhece a existência de diferentes possibilidades do se fazer pesquisa e para a formação do pesquisador, quanto mais vivências puder somar, mais ampla poderá ser sua formação. Dessa forma os docentes desse curso acolhem diferentes maneiras de escutar o campo e seus interlocutores. Assim, casos não descritos neste regulamento deverão ser encaminhados para o Colegiado de Curso de Educação Física.

ANEXO F - REGULAMENTO DAS ATIVIDADES DE EXTENSÃO

As considerações conceituais acima, somadas aos dispositivos da resolução UEMG/COEPE nº 287/2021, da Resolução CNE/CES nº 07/2018 e ainda às especificidades do curso e da própria instituição, resultou na organização e nos critérios que apresentamos abaixo.

Art. 1º- O/A aluno/a deverá cumprir 495 horas em atividades de extensão.

Art. 2º- As atividades serão ofertadas sob a forma de projetos, programas, eventos, cursos e oficinas ou prestação de serviço¹⁴. Para o FORPROEX, (2007, p. 35-41)¹⁵

I - Programa é entendido como um “Conjunto articulado de projetos e outras ações de extensão, preferencialmente integrando as ações de extensão, pesquisa e ensino. Tem caráter orgânico-institucional, clareza de diretrizes e orientação para um objetivo comum, sendo executado a médio e longo prazo”.

II - Projeto é entendido como uma “Ação processual e contínua, de caráter educativo, social, cultural, científico ou tecnológico, com objetivo específico e prazo determinado”. O projeto pode ser vinculado a um programa (forma preferencial) ou não vinculado (projeto isolado).

III - Cursos de extensão são caracterizados como uma “Ação pedagógica, de caráter teórico e/ou prático, presencial ou a distância, planejada e organizada de modo sistemático, com carga horária mínima de 8 horas e critérios de avaliação definidos”. Os cursos devem ser entendidos como uma

¹⁴ Salientamos que a prestação de serviços demanda o cuidado das Universidades na construção destas ações para que não se tornem assistencialistas ou acessórias.

¹⁵ A classificação e definição mais detalhada das ações de extensão e os critérios para avaliação das mesmas pode ser encontrada neste documento.

das formas de ampliação do acesso ao conhecimento produzido pela universidade.

IV - Evento é caracterizado como uma “Ação que implica na apresentação e/ ou exibição pública, livre ou com clientela específica, do conhecimento ou produto cultural, artístico, esportivo, científico e tecnológico desenvolvido, conservado ou reconhecido pela Universidade.

V - Prestação de serviços pode ser compreendida como “realização de trabalho oferecido pela instituição de ensino superior ou contratado por terceiros. Caracteriza-se por intangibilidade; inseparabilidade processo/produto; e não resulta na posse de bem”.

Art. 3º - A carga horária será distribuída de forma articulada entre disciplinas que ofertam atividades programadas com caráter extensionista e em projetos e programas de extensão oferecidos na UEMG da seguinte forma:

CH a ser cumprida em disciplinas: até 225h

CH a ser cumprida em projetos e programas de extensão: mínimo 270h. As disciplinas que oferecem atividades extensionistas e suas respectivas cargas horárias estão descritas no quadro abaixo:

Quadro 1 – Carga horária de atividades extensionistas por disciplina

Período	Disciplinas com atividades extensionista	C/H extensionista
1º	Jogos, brinquedos e brincadeiras	30h
2º	Atletismo	30h
3º	Estudos do lazer	30h
	Educação Física, Culturas Afro-brasileiras e Indígenas	30h
4ª	Danças	30h
	Práticas corporais e meio ambiente	15h
5º	Ginásticas	30h
6º	Psicologia do esporte	30h
TOTAL		225h

Art. 4º- A creditação da carga horária extensionista das disciplinas para os/as alunos/as está vinculada à aprovação na disciplina e à avaliação do professor responsável. A dispensa da disciplina não integraliza os créditos extensionistas para a formação.

Art. 5º- A carga horária creditada ao/a aluno/a pela participação em projetos e programas da Universidade será equivalente à 135 horas por semestre (totalizando 270 horas anuais) e está condicionada à participação, frequência e permanência do estudante durante todas as etapas dos projetos.

Art. 6º -Os projetos que aceitam alunos semestralmente devem ser cadastrados no Siga ao início de cada semestre letivo com a data de início e fim das atividades. Os projetos anuais devem ser cadastrados somente no início do primeiro semestre letivo

Art. 7º - Cabe ao professor responsável pelo projeto informar ao aluno extensionista as datas de início e fim das atividades e sua respectiva creditação.

Art. 8º- Cabe ao curso criar mecanismos de divulgação dos programas e projetos disponíveis, bem como suas respectivas cargas horárias para os/as estudantes.

Art. 9º- O/A aluno/a poderá se organizar de forma autônoma para o cumprimento de suas atividades de extensão.

Quadro 2 - Distribuição da carga horária de extensão por período letivo

Período	Componentes Curriculares Componentes Curriculares Extensionistas	C/H Disciplinas	C/H Projetos
1º	Disciplina Jogos, brinquedos e brincadeiras Participação em projetos e programas de extensão	30h	

	Participação em projetos e programas de extensão		45h
2º	Disciplina Atletismo	30h	
	Participação em projetos e programas de extensão		45h
3º	Disciplina Estudos do lazer	30h	
	Participação em projetos e programas de extensão		45h
	Disciplina Educação Física, Culturas Afrobrasileiras e Indígenas	30h	
4ª	Disciplina Danças	30h	
	Disciplina Práticas corporais e meio ambiente	15h	
	Participação em projetos e programas de extensão	40h	45h
5º	Disciplina Ginásticas	30h	15h
6º	Disciplina Psicologia do esporte	30h	15h
7º	Participação em projetos e programas de extensão		15h
8º	Participação em projetos e programas de		15h
	extensão		
9º	Participação em projetos e programas de extensão		15h
10º	Participação em projetos e programas de extensão		15h
Total por componente curricular		225h	270h
TOTAL		495h	

Art. 10º- Todas as atividades extensionistas deverão ser registradas no SIGA, pelo/a professor/a responsável e aprovadas pelo Departamento de origem.

Art. 11º- Para efeito do cumprimento da carga horária da atividade de extensão pelo/a estudante serão consideradas somente as atividades supervisionadas e validadas por docente responsável.

Art. 12º- Participação em atividades de extensão externas, oferecidas por outras universidades, poderão ser creditadas, desde que haja um/a professor/a do curso como orientador/a do/a aluno/a e haja uma parceria formalizada entre a referida instituição e a UEMG.

Art. 13º- A realização de atividades de extensão pelo/a estudante deve implicar sua participação ativa no processo de planejamento, execução e avaliação.

Art. 14º- A comprovação do cumprimento integral da carga horária de atividades de Extensão é requisito para conclusão do curso de graduação.

Art. 15º- O registro do cumprimento da carga horária das atividades de extensão será realizado a qualquer tempo, dentro do período letivo, no histórico escolar do/a estudante, mediante a apresentação de comprovação das atividades realizadas. Tal documentação será validada por um/a professor/a do curso, com encargos didáticos garantidos pelo DCMH.

Art. 16º- Todas as questões referentes às atividades extensionistas, não citadas nesse documento, serão analisadas pelo colegiado do curso.